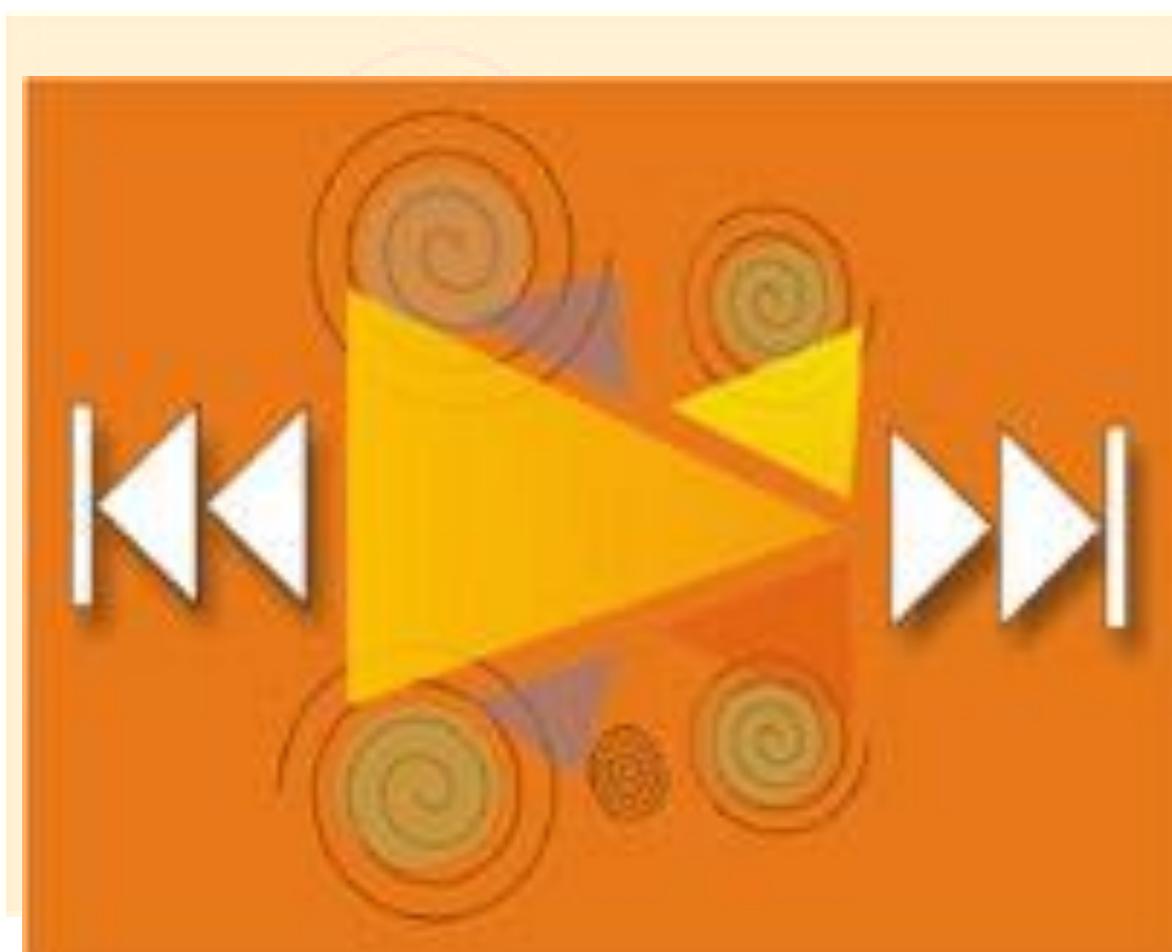


INTERDISCIPLINARIDADE

ISSN 2179-0094

volume 1 | número 6- abril. 2015



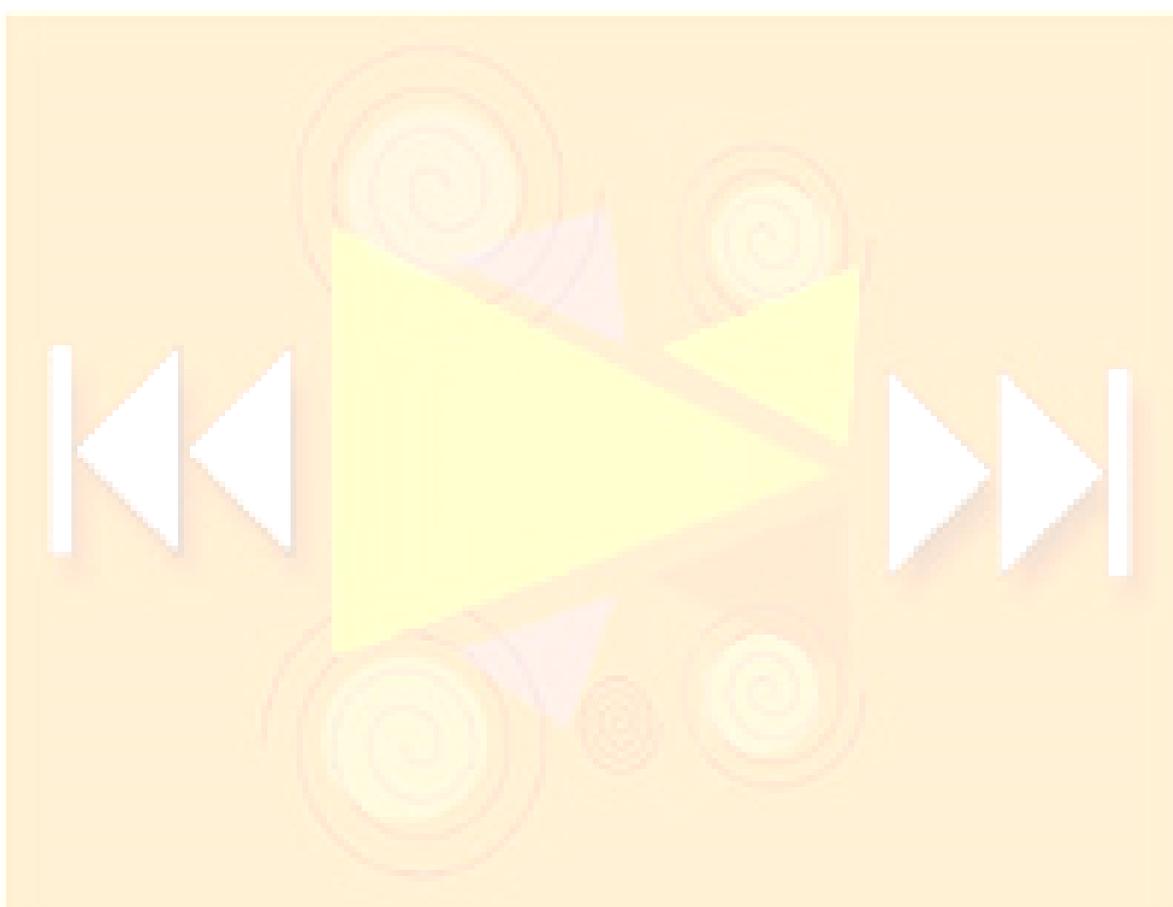
Logo Inter, pesquisa interdisciplinar em arte de Ricardo Hage

ISSN 2179-0094

INTERDISCIPLINARIDADE

volume 1

número 6 - abril. 2015



=====
**Publicação Oficial do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade
(GEPI)**
Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade: PUC/SP
=====

Interdisciplinaridade.

Publicação Oficial do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI).

Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade: PUC/SP.

e-mail: gepi@pucsp.br

Site: <http://www4.pucsp.br/gepi/>

© Copyright 2015

Interdisciplinaridade / Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI) –
Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade – v. 1, n. 6- especial
(abril. 2015) – São Paulo: PUCSP, 2015.

Periodicidade semestral

ISSN 2179-0094

1. Currículo. 2. Educação. 3. Interdisciplinaridade.

As opiniões emitidas nas matérias desta revista são de inteira responsabilidade dos seus autores. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, porém, deve-se citar a fonte.

Revista

Interdisciplinaridade

Editora Científica

Ivani Catarina Arantes Fazenda

Editora Executiva

Herminia Prado Godoy

Conselho editorial

Beatriz Marcos Teles

Cláudio Picollo

Ruy Cezar do Espírito Santo

Pareceristas Nacionais

Ana Lúcia Gomes da Silva

Ana Maria Ramos Sanchez Varella

Leociléa Aparecida Vieira

Mariana Aranha Moreira José

Maurina Passos Goulart Oliveira da Silva

Nali Rosa Silva Ferreira

Raquel Gianolla Miranda

Rosangela Almeida Valério

Rosivaldo Pellegrini

Sonia Regina Albano de Lima

Valda Inês Fontenele Pessoa

Pareceristas Internacionais

Yves Couturier

Yves Lenoir

SUMÁRIO.

EDITORIAL.....

ARTIGOS ORIGINAIS.

- 1 **INTERDISCIPLINARIDADE: Didática e Prática de Ensino.**
(Ivani Catarina Arantes Fazenda).....
- 2 **A ESCUTA SENSÍVEL - PRÁTICA DO DOCENTE INTERDISCIPLINAR NO ENSINO MÉDIO.** *(Eledir da Cruz Martins e Dirce Encarnacion Tavares)*.....
- 3 **A INSERÇÃO DAS ARTES NO ENSINO: sua função e importância.** *(Sonia Regina Albano de Lima, Claudio Picollo e Flavia Albano de Lima)*.....
- 4 **INTERDISCIPLINARIDADE: a essência humana para a sustentabilidade da educação?** *(Fausto Rogério Gentile)*.....
- 5 **DESAFIOS PARA A EFETIVAÇÃO DE UM PROJETO INTERDISCIPLINAR NA CONTEMPORANEIDADE: Um diálogo com Jürgen Habermas e Ivani Fazenda.** *(Peterson José Cruz Fernandes)*.....
- 6 **MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS INTERDISCIPLINARES: novos olhares para o equilíbrio da mente humana.** *(Ana Lúcia Gomes da Silva e Gazy Andraus)*.....

RESENHA

- 1 **INTERDISCIPLINARIDADE: Didática, Prática de Ensino e Direitos Humanos?** *(Maria Sueli Periotto)*.....

PESQUISA

- 1 **QUALIDADE DE VIDA E O TRABALHO INTERDISCIPLINAR COM PACIENTES CRÔNICOS.** *(Rosilaine Mesojedovas e*

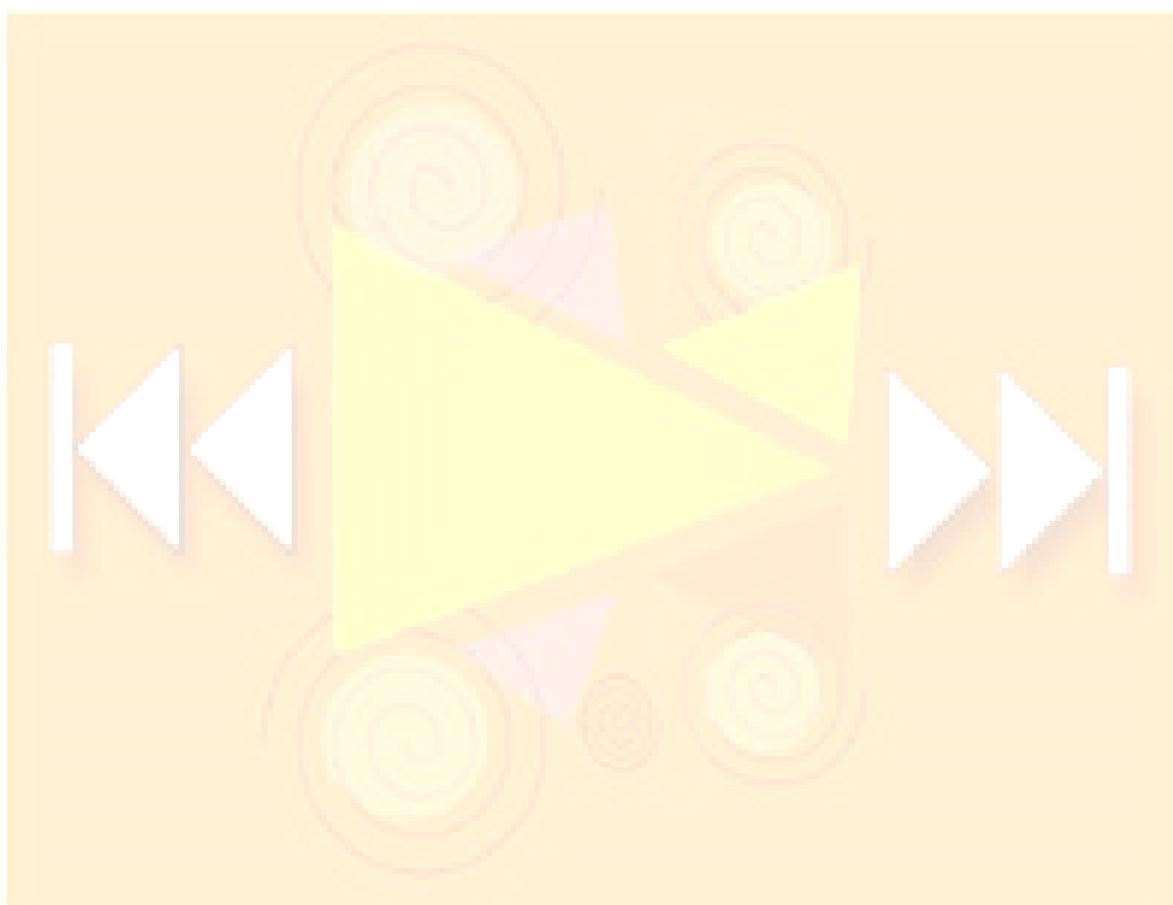
Herminia Prado Godoy).....

INTERDISCIPLINARIDADE E ARTE.

1 MORRER (*Ruy Cezar do Espírito Santo*).....

Dados biográficos da equipe editorial.....

Diretrizes e normas para a apresentação dos artigos.....



EDITORIAL.

A edição 6 apresenta uma seleção de textos que são um primor quanto ao conteúdo que trazem sobre a interdisciplinaridade. É uma edição especial!

Há tempos pedimos e gostaríamos de ter um escrito diretamente da nossa querida professora que sintetizasse em sua essência os conceitos da interdisciplinaridade e eis que ela nos brinda com seu artigo: **INTERDISCIPLINARIDADE: Didática, Prática de Ensino e Direitos Humanos?**

Como nos diz Maria Sueli Periotto neste artigo a Professora Ivani fazenda recapitula os conceitos da Interdisciplinaridade e fortalece sua bandeira de que ser interdisciplinar não é juntar as disciplinas.

Reconhece a necessidade da conscientização do ser humano por a educação interdisciplinar é uma forma de compreender, agir e modificar o mundo, trabalhando para que o tornemos mais justo e sustentável como nos mostra em seu artigo Fausto Gentile.

Interdisciplinaridade exige uma escuta sensível por parte do professor para como bem nos aponta Dirce Encarnacion Tavares e Eledir da Cruz Martins.

A interdisciplinaridade é sensibilidade, é maturidade, é entrega, é despojamento, é humildade, é justiça, é o exercício diário e contínuo das virtudes espirituais.

É arte por meio da poesia, do desenho, da música como nos mostram Sonia Regina Albano de Lima, Cláudio Picollo, Flávia Albano de Lima, Ana Lúcia e Gazy Andraus.

Fazer e ser interdisciplinar exige um grande desafio como nos alerta Peterson Fernandes. Desafios de sairmos da educação e abrangermos outros campos do saber como nos mostra Rosilaine Mesojedovas orientanda de Herminia Prado Godoy que pertencem também a área da Saúde.

É um morrer para vivermos o amor como nos pontua Rui Cezar do Espírito Santo.

Agradecemos a todos que nos enviaram seus artigos. Esperamos contar a cada dia com a participação de novos pesquisadores e desejamos a todos uma boa leitura.

Um abraço fraterno e carinhoso!

Herminia Prado Godoy
Editora Executiva
Abril de 2015



1 INTERDISCIPLINARIDADE: Didática e Prática de Ensino¹.

Ivani Catarina Arantes Fazenda²

RESUMO: O presente artigo objetivou discutir sócio historicamente os termos Interdisciplinaridade, Prática de Ensino e Didática partindo da polissemia que os envolve, buscando em alguns de seus pesquisadores aspectos contidos na diversidade cultural que envolvem definições múltiplas, conceitos variados e resultados aferidos a partir das configurações assumidas quando tratamos da questão formação de professores seja na Didática e ou na Prática de Ensino.

Palavras chave: Interdisciplinaridade, Didática e Prática de Ensino.

ABSTRACT: This article aims to discuss socially and historically the terms Interdisciplinarity, Teaching Practice and Didactics. Firstly, it focuses on the polysemy of meanings these terms contain and secondly, it looks for some cultural diverse aspects some researchers have found out that involve multiple definitions, and varied concepts. Measurement results, coming from different settings, based on Teachers' Education, Didactics and Teaching Practice and the ways the issues are dealt with are also shown.

Keywords: Interdisciplinarity, Didactics and Teaching Practice.

Se definirmos interdisciplinaridade como junção de disciplinas, cabe pensar currículo apenas na formatação de sua grade. Porém se definirmos interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores, seu aspecto Humano!!!!.

Assim, na medida em que ampliamos a análise do campo conceitual da Interdisciplinaridade surge à possibilidade de explicitação de seu espectro epistemológico e praxeológico. Somente então, torna-se possível falar sobre o professor e sua formação, e dessa forma no que se refere às disciplinas e currículos.

¹ Texto complementar ao apresentado no ENDIPE- 2014.

² Ivani Catarina Arantes Fazenda. Livre docente em Didática pela Universidade do Estado de São Paulo (UNIVESP/1991). Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo (UNESP/1984). Mestra em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP/1978). CV: <http://lattes.cnpq.br/9538159500171350> **Contato:** ifazenda@uol.com.br

Reportamo-nos à questão: como a Interdisciplinaridade se define quando a intenção é formar professores?

Servindo-nos, por exemplo, de uma definição clássica produzida em 1970 pelo CERJ – Centro para Pesquisa e Inovação do Ensino onde Interdisciplinaridade é definida como interação existente entre duas ou mais disciplinas, verificamos que tal definição pode nos encaminhar da simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos-chaves da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino relacionando-os. Tal definição como se pode constatar é muito ampla, portanto não é suficiente nem para fundamentar práticas interdisciplinares e nem para pensar-se uma formação humana de professores.

Podemos nesse caso proceder a uma decodificação na forma de conceber a interdisciplinaridade. Fourez (*in* LENOIR, RAY, FAZENDA, 2001) apresenta-nos duas ordens distintas, porém complementares, de compreender uma formação interdisciplinar de professores, uma ordenação científica e uma ordenação social onde o caráter humano se evidencia.

A científica nos conduziria à construção do que denominaríamos saberes interdisciplinares. A organização de tais saberes teria como alicerce o cerne do conhecimento científico do ato de formar professores, tais que a estruturação hierárquica das disciplinas, sua organização e dinâmica, a interação dos artefatos que as compõem, sua mobilidade conceitual, a comunicação dos saberes nas sequências a serem organizadas. Essa proposição conduziria à busca da cientificidade disciplinar e com ela o surgimento de novas motivações epistemológicas, de novas fronteiras existenciais. Por isso, entendemos o seguinte: cada disciplina precisa ser analisada não apenas no lugar que ocupa ou ocuparia na grade, mas, nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram, próprios de seu *locus* de cientificidade. Essa cientificidade, então originada das disciplinas ganha *status* de interdisciplina no momento em que obriga o professor a rever suas práticas e a redescobrir seus talentos, no momento em que ao movimento da disciplina seu próprio movimento for incorporado ao mundo.

A segunda, então denominada ordenação social, busca o desdobramento dos saberes científicos interdisciplinares às exigências sociais, políticas e econômicas. Tal concepção coloca em questão toda a separação entre a construção das ciências e a solicitação das sociedades. No limite, diríamos mais, que esta ordenação tenta captar toda a complexidade que constitui o real e a necessidade de levar em conta as interações que dele são constitutivas. Estuda métodos de análise do mundo, em função das finalidades sociais, enfatiza os impasses vividos pelas disciplinas científicas em suas impossibilidades de sozinhas enfrentarem problemáticas complexas.

No referente à primeira ordenação, científica, diríamos com Lenoir (*in* LENOIR, REY, FAZENDA, 2001) o seguinte: a cientificidade aqui revelada estaria em conformidade com a forma de pensar de uma cultura eminentemente francófona na qual o saber se legitima pela beleza da capacidade de abstração – um saber/saber.

Ainda apropriando-nos dos escritos de Yves Lenoir aqui citado, diríamos que a segunda classe de ordenação, social, se aproximaria mais de uma cultura de língua inglesa na qual o sentido da prática? Do para que serve? Impõe-se como forma de inserção cultural essencial e básica – saber fazer.

Duas culturas diferentes, duas formas diferenciadas de conceber conhecimento e organizar seus currículos de formação de professores.

Porém Yves Lenoir aponta para o surgimento de uma terceira cultura legitimada como a do saber ser. Refere-se a uma forma brasileira de formar professores. Sua conclusão fundamenta-se na análise de estudos e pesquisas sobre Interdisciplinaridade na formação de professores produzidos no Brasil. Sem abdicar das duas anteriores, um denominador comum: a busca de um saber ser interdisciplinar. Essa busca explicita-se na inclusão da experiência docente em seu sentido, intencionalidade e funcionalidade diferenciando o contexto científico do profissional e do prático (LENOIR, REY, FAZENDA 2001).

Abarcar a questão da experiência docente nessa tríplice dimensão: do sentido, da intencionalidade e da funcionalidade, requer cuidados de diferentes ordens (FAZENDA 2003), cuidados nas pré-suposições teóricas investigando os saberes que referenciam a formação de determinado professor, cuidados ao relacionar esses saberes ao espaço e tempo vivido pelo professor, cuidados no investigar os conceitos por ele apreendidos que direcionaram suas ações e finalmente cuidado em verificar se existe uma coerência entre o que diz e o que faz.

Para melhor compreendermos o significado dessa ordenação brasileira que poderíamos denominar interacional, precisaríamos adentrar em aspectos teórico/práticos apenas emergentes nas pesquisas sobre Interdisciplinaridade e em outros um pouco mais aprofundados na produção brasileira. Estamos nos referindo a questões como: estética do ato de apreender, espaço do apreender, intuição no ato de apreender, design do projetar, tempo de apreender, importância simbólica do apreender. Todas elas evidentemente referentes a uma Didática e Prática fundadas nos Direitos Humanos.

Abstraindo-se implicações de natureza mítica do conceito de interdisciplinaridade ou de outra perspectiva qualquer que apenas fixe a mesma às questões relativas à unidade do saber (FAZENDA, 2003) enfatizamos a posição de Morin (1990) ao vincular o uso da palavra interdisciplinaridade à expansão da pesquisa científica (FAZENDA, 2003) o que a institucionaliza no século XX, porém forjada no século XVII quando a ciência adquire progressivamente formas diversas de interpretação da natureza em suas relações sócio-culturais, portanto adquirindo visões e esquemas de interpretação do mundo que se diferenciam se levamos em conta a história da humanidade (FAZENDA, 2003).

Assim, reafirmando o que anteriormente dissemos em estudos anteriores (FAZENDA, 2013) o debate inicia-se na universidade com a necessidade de inclusão inexorável do ser humano na organização dos estudos, porém gradativamente amplia-se a um segundo patamar de preocupações: o das

diferentes esferas da sociedade necessitadas de rever as exigências dos diferentes tipos de sociedades capitalistas onde o cotidiano das atividades profissionais se deslocam para situações complexas para as quais as disciplinas convencionais não se encontram adequadamente preparadas.

Navegar entre dois polos: da pesquisa de sínteses conceituais dinâmicas e audazes e a construção de formas de intervenção diferenciadas constituem-se objeto de pesquisa há quase vinte anos, entre muitos pesquisadores da área (FAZENDA, 2013).

A inquietação dos pesquisadores que à interdisciplinaridade se dedicam convergem desde o início da década de 60 e ampliam-se cada vez mais na compreensão dos paradoxos advindos da necessidade da busca de sentidos existenciais e ou intelectuais (PINEAU, 2002). Essa busca de sentido exige respeito a critérios de funcionalidade necessários sem que com eles quebre os princípios básicos de humanidade no seu mais amplo significado, dos Direitos Humanos a serem assim legitimados.

O conceito de interdisciplinaridade como ensaiamos em todos nossos escritos desde 1979 e agora aprofundamos encontra-se diretamente ligado ao conceito de disciplina, onde a interpenetração ocorre sem a destruição básica às ciências conferidos.

Não se pode de forma alguma negar a evolução do conhecimento ignorando sua história. Nesse sentido é impossível pensarmos em Direitos Humanos sem considerar a evolução histórico crítica das disciplinas Didática e Prática de Ensino.

Assim se tratamos de interdisciplinaridade na Educação, não podemos permanecer apenas na prática empírica, ou nas pressuposições didáticas convencionais, mas é imperioso que se proceda uma análise detalhada dos porquês dessa prática/didática histórica e culturalmente contextualizadas.

Caminhando nesse raciocínio falar de interdisciplinaridade escolar, curricular, pedagógica ou didática ou prática requer uma profunda imersão nos conceitos de escola, currículo. A historicidade desses conceitos, entretanto, requer igualmente uma profunda pesquisa nas potencialidades e talentos dos saberes requeridos ou a requerer de quem as estiver praticando ou pesquisando a humanidade (FAZENDA, 2003).

Interdisciplinaridade escolar não pode confundir-se com interdisciplinaridade científica (FAZENDA, 2013).

Na interdisciplinaridade escolar a perspectiva é educativa, assim os saberes escolares procedem de uma estruturação diferente dos pertencentes aos saberes constitutivos das ciências.

Na interdisciplinaridade escolar as noções, finalidades habilidades e técnicas visam favorecer, sobretudo, o processo de aprendizagem respeitando os saberes dos alunos e sua integração.

Cabe-nos também mais uma vez reafirmar a diferença existente entre integração e interdisciplinaridade (FAZENDA, 2013) ao pensarmos em Didática, Prática de Ensino e Direitos Humanos.

Apesar dos conceitos serem indissociáveis eles são distintos: uma integração requer atributos de ordem externa, melhor dizendo da ordem das condições existentes e possíveis, diferindo de uma integração interna ou interação, da ordem das finalidades e sobretudo entre as pessoas. Com isso retomamos novamente a necessidade de condições humanas diferenciadas no processo de interação que faça que saberes de professores numa harmonia desejada se integrem aos saberes dos alunos melhor dizendo dos Direitos Humanos. Isso requer um outro tipo de profissional com novas características, ainda sendo pesquisadas..

Em todos esses anos dedicados ao estudo e à pesquisa sobre interdisciplinaridade o que mais nos conforta é perceber que ao orientarmos nossas pesquisas para a gênese das definições mais comuns utilizadas na Educação, necessariamente verificamos uma gradativa mudança na compreensão dos pesquisadores por nós iniciados. Essa compreensão que acreditamos nascer do cuidado na potencialidade do estudo de conceitos tem conduzido nossos pesquisadores à aquisição de um olhar divergente e paradoxalmente convergente à história do conceito e sua representação sócio-cultural aliando-se, sobretudo, às diferentes perspectivas de produção (FAZENDA, 2014). Estamos constatando em nossas pesquisas brasileiras como o estudo de definições preliminares podem aos poucos adquirir uma tridimensionalidade ou a potência de conduzir o pesquisador a enxergar além das mesmas e dos conceitos por meio delas produzidos, como dissemos em textos anteriores, cada vez na apreensão de sentido de Direitos Humanos.

A pesquisa interdisciplinar somente torna-se possível onde várias disciplinas se reúnem a partir de um mesmo objeto, porém, é necessário criar-se uma situação problema no sentido de Freire (1981), onde a ideia de projeto nasça da consciência comum, da fé dos investigadores no reconhecimento da complexidade do mesmo e na disponibilidade destes em redefinir o projeto a cada dúvida ou a cada resposta encontrada.

Nesse caso, convergir não ao sentido de uma resposta final, mas à pesquisa do sentido da pergunta inicialmente enunciada, emoldurada pela dúvida maior: Qual o sentido humano de educar interdisciplinarmente?

A interdisciplinaridade na formação profissional requer competências relativas às formas de intervenção solicitadas e às condições que concorrerem ao seu melhor exercício. Neste caso, o desenvolvimento das competências necessárias requerem a conjugação de diferentes saberes disciplinares sejam de ordem prática e/ou didática. Entenda-se por saberes disciplinares: saberes da experiência, saberes técnicos e saberes teóricos interagindo dinamicamente sem nenhuma linearidade ou hierarquização que subjuguem os profissionais participantes.

A formação interdisciplinar de professores, na realidade deveria ser vista de um ponto de vista circundisciplinar, tal como temos discutido com Yves Lenoir,

aonde a ciência da educação fundamentada num conjunto de princípios, de conceitos, de métodos e de fins convergem para um plano meta-científico. Tratamos nesse caso do que poderíamos chamar interação envolvente sintetizante e dinâmica, reafirmando a necessidade de uma estrutura dialética, não linear e não hierarquizada, aonde o ato profissional de diferentes saberes construídos pelos professores não se reduzem apenas a saberes disciplinares. Começamos aqui a tratar de um assunto novo, recentemente pesquisado denominado intervenção educativa onde mais importante que o produto seja o processo que se inicia e permanece na manutenção dos Direitos Humanos.

A circundisciplinaridade não exclui a necessidade de uma formação disciplinar, indispensável no processo de teorização das práticas, mas como denomina Bárbara Freitag em 1995 o desenvolvimento de um corpo sintético de conhecimentos debruçando-se sobre um sistema teórico, visando uma síntese explicativa, pré-ditiva e compreensiva (Didática). Trata-se assim o ato educativo escolar numa dimensão complexa e interligada de diferentes componentes e de diferentes regulamentações. Sua transmissão apenas parte de um conteúdo disciplinar pré-determinado, porém amplia-se numa dimensão planetária de mundo onde os estudos encontram-se sempre numa dimensão de esboços inacabados de um design de projeto que se altera em seu desenvolvimento ao tocar o Humano.

Há quarenta anos, quando iniciamos nossas pesquisas em Interdisciplinaridade, os escritos e pesquisas sobre teoria, prática, didática e pesquisa interdisciplinares eram incipientes. Hoje mais do que ontem, a questão dos direitos humanos nelas melhor se clarifica.

Essa questão apenas esboçada naquela época volta ao debate intensivamente.

O renascimento ao que tudo indica ocorre ao final de 2012 onde a CAPES conclama todas as universidades brasileiras a apresentarem os resultados da formalização ocorrida dez anos antes na qual a interligação de saberes é requerida.

Acreditamos que o ritmo empreendido de 2012 a 2014 não apenas nos mobilizará ao futuro, pois o presente já se apresenta pródigo em projetos, dúvidas, perguntas... intensamente, sem desprezar a história de todos os EDUCADORES que a essa empreitada se aventuraram.

O reconhecimento do papel do aluno mais recolhido e do professor mais tímido começam a sair do ostracismo!!! Outros certamente se animarão a ser, saber e intervir interdisciplinarmente, pesquisando a história, reconhecendo nela as hipóteses da inovação!!!!

O olhar interdisciplinar sustentado pela intervenção educativa nos convida de fato, a questionar a prática profissional dentro de uma perspectiva multirreferencial. Esta afirmação, defendida por René Lourau em 1993, René Barbier em 1997, Maurice Maubant em 2010, constitui um essencial ponto de partida para a pesquisa estudada por eles, e nos encoraja a identificar as

teorias e os modelos, propondo-se a uma devolutiva inteligível da prática educativa interdisciplinar tendo a Didática como escopo.

Primeiramente, lembramos que o desenvolvimento desta função e desta posição do docente-formador interdisciplinar é acompanhado de um recurso manifestado na análise das práticas.

Mas esta análise, tal qual se pratica hoje dentro de um certo número de organismos universitários de formação profissional, não permite jamais que se identifique o eixo fundador da prática docente, destarte algumas críticas de pesquisadores mais conservadores o que nos incita a um cuidado maior com o escopo de uma produção teórica consistente da própria prática.

Os dispositivos de análise e seus princípios carregam sobre as práticas dos docentes de hoje, algo 'além' que são extremamente variadas, e estão longe de um consenso, ainda menos de uma compreensão teórica convencional ou única, pelo fato de serem Humanas.

O que nossas pesquisas constataam é a existência de um quadro teórico e conceitual frequentemente pouco estabilizado, e até mesmo separado das ações próprias dos docentes que as colocam num lugar isolado na organização dos currículos das universidades. Quando as mesmas aparecem em geral encontram-se envoltas numa ordem rigidamente prescritiva onde a questão do Direito aparece como ordem a ser cumprida.

Estratégias próprias de como identificar os saberes profissionais, de como compreender a essência dos processos de construção e de elaboração destes saberes, de analisar a compreensão dos sentidos dentro de um agir profissional são questões relevantes tratadas com detalhes na íntegra das pesquisas que nos propusemos orientar em todos esses anos. Com os devidos cuidados poderiam constituir-se plataformas de acesso a um processo de formação visando à profissionalização interdisciplinar dos futuros cidadãos.

Esquecidos os saberes eruditos, esquecida a questão dos fundamentos epistemológicos dos saberes docentes, infelizmente o que parece apenas contar hoje é a capacidade dos estudantes em se adaptarem às realidades do mercado de trabalho a partir de uma formação prioritariamente prática, proposta pelas universidades, uma garantia de fazer apenas de penetrar no ofício, sem a capacidade de recriá-lo. Total anulação ao direito humano de Criar.

Rever a questão dos Direitos Humanos na Educação requer a superação de pelo menos duas condições: a primeira é a de incentivar a identificação, a leitura e a compreensão daquilo que se funda numa prática cotidiana.

Esta primeira condição necessita, antes de tudo, um retorno às origens dos saberes profissionais essencialmente iniciados e postos que se abrirão para um futuro prático melhor dizendo: História. Para além deste retorno as fontes do saber profissional, convêm, também, poder acompanhar os futuros profissionais dentro de uma atividade delicada e arriscada de leitura e

compreensão da sua prática já vivenciada, bem como de suas potencialidades latentes ou pulsantes.

A análise deste ato que se funda na história da atividade profissional coloca como indagantes, as representações habituais que deixariam entender que por camuflagem e/ou por mimetismo pode-se aprender a agir profissionalmente.

Só uma caminhada reflexiva e crítica levando um olhar ao mesmo tempo introspectivo e retroativo, mas, interativo no sentido profundo de sua ambiguidade permitiria o efetivo exercício da interdisciplinaridade, onde prática e didática se interligariam.

A segunda condição é a permissão da formação universitária em garantir uma formação realmente profissionalizante, onde se invista na questão da atitude de mediar sem abortar.

Assim, só o exercício da auto percepção, do pesquisador sobre sua formação anterior torna possível à função de mediação entre presente e futuro.

A interdisciplinaridade não pode confundir o sentido de uma formação profissional, àquela que ajuda um novato a conceber e a construir o ato profissional com o dispositivo de formação se apoiando principalmente sobre uma aposta em estágio baseado na ilusão de uma indispensável sinergia entre teoria e prática como um vetor de profissionalização.

O desafio que a formação interdisciplinar neste momento adquire é a de incrementar nos próximos anos, sua capacidade de identificar os diferentes tipos de saberes em jogo no ato de ensinar, tomando-os como incompletos e sempre insuficientes.

É neste ato de perene incompletude que a potencialidade do vir a ser se constituirá.

Enfim, o mesmo ato de inventar um dispositivo pedagógico que invada este ensinamento didático desta atualização dos saberes profissionais, da compreensão de sua organização em sistemas organizadores de intervenção educativa inovadora dependerá o sucesso dos dispositivos de formação dos docentes.

A função subversiva e polêmica da pesquisa interdisciplinar em educação, pressuporá o sentido de uma formação profissional dos docentes, em educação deliberadamente subversiva e polêmica. Porque esta é a única direção que pode oferecer a garantia de evitar as interpretações subentendidas, a hegemonia de uma doxa pedagógica, o discurso complacente, organizando a felicidade por decreto, como dizia Olivier Reboul em 1992. E, sem dúvida, favorecendo este encontro, esta confrontação construtiva entre os diferentes quadros teóricos e conceituais que se propõem ler e compreender a prática de ensino que a formação profissional poderá retornar em todo seu poder de mudança social.

REFERÊNCIAS.

LENOIR, REY, FAZENDA. **Les fondements de L'interdisciplinarité dans la formation à L'enseignement.** Canadá: Éditions du CRP/UNESCO, 2001.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes Fazenda (Org). **Interdisciplinaridade: pensar. [esquisar e intervir.** São Paulo: Cortêz, 2014.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia.** São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes Fazenda. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Editora Paulus, 2003.

FOUREZ, G. Fondements épistemologiques pour L'interdisciplinarité, *in* LENOIR, REY, FAZENDA. **Les fondements de L'interdisciplinarité dans la formation à L'enseignement.** Canadá: Éditions du CRP/UNESCO, 2001.

FREIRE, Paulo. **Ideologia e educação: reflexões sobre a não neutralidade da educação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

MORIN, Edgard. **Introduction à la pensée complexe.** Paris: ESF, 1990.

PINEAU, G. **Les Histoires de Vie.** Paris: PUF, 2002.

2 A ESCUTA SENSÍVEL - PRÁTICA DO DOCENTE INTERDISCIPLINAR NO ENSINO MÉDIO.

*Eledir da Cruz Martins*³

*Dirce Encarnacion Tavares*⁴

RESUMO: O presente estudo trás algumas considerações sobre a escuta sensível como prática docente interdisciplinar no Ensino Médio. Discorre sobre os conceitos e as implicações da escuta sensível como prática psicopedagógica, no dia a dia do trabalho do professor, bem como, busca entender os conceitos de interdisciplinaridade como vivência pedagógica voltada para o ensino médio. E, por fim, analisamos a aplicação da escuta sensível como prática interdisciplinar do docente no ensino médio, e a sua importância na aprendizagem. Como objetivos específicos, buscamos conceituar interdisciplinaridade e investigamos as estratégias interdisciplinares adotadas pelos docentes no ensino médio. E verificamos de que maneira a escuta sensível era aplicada no processo da aprendizagem como prática interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: escuta sensível, interdisciplinaridade, prática docente.

ABSTRACT: This study brings some considerations for sensitive listening as interdisciplinary teaching practice in high school. Discusses the concepts and the implications of how sensitive listening practice psychopedagogical the day labor day of the teacher, as well as, understanding the search concepts of interdisciplinarity as a pedagogical experience geared for high school. And, finally, we analyze the application of listening teaching interdisciplinary practice as sensitive in high school, and its importance in learning. As specific objectives, we seek to meet the concept of interdisciplinarity and investigate the interdisciplinary strategies adopted by teachers in high school. And we see how sensitive listening was applied in the process of learning like interdisciplinary practice.

KEYWORDS: listen sensitive, interdisciplinarity, teaching practice.

³ Eledir da Cruz Martins: Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista – UNASP/SP e Mestre em Geografia, pela Universidade Federal de Mato Grosso - MT. CV: <http://lattes.cnpq.br/9024695426967346>

⁴ Dirce Encarnacion Tavares: Pós-Doutorado em Educação e Pesquisadora do GEPI – PUC/SP. CV: <http://lattes.cnpq.br/4345506272562072> Contato: dircetav@uol.com.br

INTRODUÇÃO.

Pensar na prática docente é um constante exercício reflexivo de cada educador comprometido com a educação. É um momento muito desafiador, uma vez que se faz necessária autoanálise de todo trabalho realizado pelo docente, numa conjuntura política em que não há real comprometimento com o educando e nem mesmo com o educador. Entretanto, essa realidade, apesar de dura, não deve impedir a realização de tal prática tão válida não somente para o docente, mas para o próprio sistema educacional.

Apesar de muitas instituições de ensino superior oferecer diferentes cursos nas mais variadas áreas de licenciaturas, sobram vagas no mercado de trabalho. Isto porque muitos profissionais recém-formados ao se depararem com a dura realidade educacional no Brasil ficam desestimulados e frustrados com o dia a dia da sala de aula e toda a conjuntura que envolve a profissão professor. São profissionais que em muitos casos são desvalorizados e na sua prática, muitas vezes são desrespeitados pelos próprios alunos e pelo sistema.

É inegável também considerar que a postura do docente frente aos desafios que lhe são impostos diariamente pode mudar a sua realidade local. Não quero aqui tecer pseudo-considerações no sentido de camuflar a realidade descrita acima, mas refletir sobre a prática docente na sala de aula, pois muitas vezes, de vítimas de um sistema injusto e repleto de patologias, o docente torna-se algoz de tal sistema. Já que em muitos casos o docente absorve todos os desafios que lhe são impostos como algo de cunho pessoal e se o senso comum diz que ninguém se importa para quê se importar também?

É nesse cenário de desestímulo, de descompromisso e às vezes até mesmo de frustração, que a escuta sensível como prática docente torna-se tão necessária na sala de aula, ressignificando o papel do professor-educador, uma vez que seu objetivo não é apenas de cunho conteudista, mas também o de promover um ambiente mais humanizado, propício ao desenvolvimento humano em sua plenitude. Os problemas norteadores do presente estudo são: qual o conceito de escuta sensível? Qual a importância da escuta sensível no processo ensino aprendizagem? De quê maneira o docente do ensino médio pode adotar a escuta sensível como prática interdisciplinar?

Parte-se da hipótese de que a escuta sensível, se adotada, na prática interdisciplinar do docente, contribuirá com a aprendizagem do aluno, pois a mesma amplia o olhar do docente, frente às necessidades de seus educando.

Os objetivos gerais que nortearam o presente estudo foram: conhecer os conceitos e as implicações da escuta sensível como prática psicopedagógica no dia a dia do trabalho do professor, bem como, entender os conceitos de interdisciplinaridade como vivência pedagógica voltada para o ensino médio. E, por fim, analisamos a aplicação da escuta sensível como prática interdisciplinar do docente no ensino médio, e a sua importância na aprendizagem.

O método adotado para a investigação do presente estudo foi a fenomenologia. O termo fenomenologia foi criado em 1764, por J. H. Lambert. De acordo com Merleau-Ponty (1996), a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ele, resumem-se em definir essências, como a essência da percepção e a essência da consciência. O autor explica que a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência e que a compreensão do homem e do mundo se dá a partir de sua “facticidade”. A fenomenologia é também um relato do espaço, do tempo, do mundo “vivido”. Assim, é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela fornece.

Para o desenvolvimento do estudo adotamos uma abordagem qualitativa, a qual, segundo García Ballesteros (1998), promove uma aproximação ao lugar de estudo, levantando uma série de problemas e reflexões sobre ele.

Entre os procedimentos adotados no presente estudo, destacamos o levantamento bibliográfico, tendo em vista a obtenção de informações sobre a escuta sensível como prática docente interdisciplinar no ensino médio e como metodologia de pesquisa adotou-se a concepção apresentada por Rene Barbier e Varella sobre a escuta sensível. Também utilizamos de atividades de entrevistas, na qual os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido informando que seus nomes não serão divulgados, por questões éticas e para preservação de suas identidades.

Por meio da realização das entrevistas junto aos dez (10) docentes do Ensino Médio, de um colégio confessional, localizado na zona sul da capital de São Paulo, obtivemos informações sobre as estratégias usadas no cotidiano de sua prática docente. Para esta etapa, utilizamos a entrevista estruturada, que se realiza com base em um roteiro previamente elaborado. Esperamos com o presente estudo, contribuir com a reflexão da prática docente sob as lentes da psicopedagogia, onde esta última aproxima as partes envolvidas no processo a fim de que haja mudanças que transcendam a sala de aula.

A ESCUTA SENSÍVEL E A PRÁTICA INTERDISCIPLINAR DOCENTE NO ENSINO MÉDIO.

O pensar sobre a prática docente deveria ser um exercício constante no dia a dia do professor. Cabe-lhe o refletir quanto as estratégias e métodos de ensino que serão utilizados no cotidiano escolar sem perder de vista o objetivo central que é a aprendizagem.

O professor é o agente facilitador da aprendizagem conforme elucida Moreira (2011), isso significa que cabe ao aluno o atuar de modo ativo nesse processo.

A escola democrática em seu sentido real deve ser concebida como um espaço de liberdade, de autonomia, de aprendizagem, de criatividade, no qual cada indivíduo é aceito e respeitado no contexto de sua individualidade. E é na sala de aula, que no desenvolver da relação professor-aluno, que essa autonomia se concretiza.

Uma das práticas docentes que promovem a autonomia do sujeito é o ato de escutar. Freire (2002, p. 44) já ressaltava a importância atitudinal do professor ao afirmar que o escutar vai além da capacidade auditiva de cada sujeito:

Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar, ou melhor, me situar do ponto de vista das ideias.

Nesse sentido, o professor desce do patamar de único detentor do saber para tornar-se efetivamente um facilitador da aprendizagem. A escuta sensível promove exatamente uma troca entre quem fala e quem ouve, os sujeitos envolvidos fortalecem suas relações e ao conhecer o outro conhecemos a nós mesmos. Segundo Cerqueira e Sousa (2011, p. 15), “o contato com o outro, o espaço para as relações muitas vezes perderam espaço nas relações diárias”.

O sujeito se constitui como alguém que, ao mesmo tempo se apropria da fala e da cultura, se constrói como pessoa e reconstrói a realidade em que vive, numa constante interação com os outros. A escuta sensível busca perscrutar os mundo interpessoais que constituem nossa subjetividade para cartografar o movimento das forças de vida que engendram nossa singularidade.

A escuta segundo Barbier (1993, p. 187) no contexto da aprendizagem apresenta-se de três formas específicas que são “científico-clínica, poético-existencial e espiritual-filosófica”. Para Barbier, a escuta sensível insere-se no imaginário pessoal-pulsional, no social-institucional, e o terceiro e último, que ele mesmo denomina de imaginário sacral.

Cada tipo de imaginário abordado por Barbier (1993) tem por base a sensibilidade, sobretudo, por parte do educador. Concordamos com Barbier (1993), pois não se pode conceber a escuta sensível destituída de sensibilidade, de empatia. Nunes (2009) afirmar que cabe ao pesquisador se revestir de sensibilidade para compreender melhor o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro.

No contexto da sala de aula, a escuta sensível se adotada pelo professor facilita o diálogo tão necessário na prática docente, uma vez que promove a confiança absoluta entre o professor e o aluno. Segundo a teoria rogeriana, na

qual a pessoa está no centro das relações, faz-se necessário maior compreensão do indivíduo e ao mesmo tempo contribui com a aprendizagem.

Para além de enunciar os princípios que facilitam o processo de aprendizagem, Rogers propõe também um conjunto de qualidades que considerou como fundamentais para a transformação de um professor em facilitador da aprendizagem. Segundo Moreira (2011, pp. 144-145) são eles:

1. Autenticidade no facilitador de aprendizagem.
2. Prezar, aceitar, confiar.
3. Compreensão empática.

Estas qualidades atitudinais, quando apresentadas pelo professor, facilitam a aprendizagem vivencial e auto iniciada, aumenta a probabilidade de aprendizagem significativa. Todavia, ainda convém destacar mais um requisito: o aluno. O aluno deve identificar tais qualidades no professor. Nesse sentido, no modelo proposto por Carl Roger, é importante que o professor tente encontrar o fio condutor que orienta o aluno. Ir ao encontro daquilo que o aluno tenta compreender e, se necessário, reformular conhecimentos e o método de ensiná-lo. O objetivo primordial deste modelo é o de que o aluno abandone a passividade e adquira um papel ativo, de intervenção no seu próprio processo de aprendizagem, o que significa que a aprendizagem deixa de estar centrada no professor, para passar a estar centrada no aluno.

O ato de aprender é sempre um ato individual, o que significa que aquilo que se aprende, adquire em cada pessoa um sentido e um significado próprio. Deste modo, as aprendizagens do aluno serão sempre diferentes, devendo as mesmas ser respeitadas pela pessoa do professor.

Ensinar requer, de acordo com o modelo rogeriano, um nível de maturidade e segurança por parte do professor, que lhe permita diminuir a assimetria do seu poder enquanto docente, partilhando a responsabilidade do processo de aprendizagem e, acreditando na capacidade de aprender e pensar por si próprio do aluno. Desse modo, o ato de aprender torna-se um processo dinâmico, que exige concentração, interesse, empenho e motivação, e por tal razão é importante que as relações de cooperação e participação entre professor e alunos estejam presentes. Todavia, o docente deve estar aberto a comunicação, ao diálogo, de maneira que sua postura seja caracterizada por atitude interdisciplinar.

Convém esclarecer aqui que ao se falar em atitude interdisciplinar, o presente estudo não irá discorrer sobre interconexões disciplinares, e sim na prática reflexiva do professor frente aos alunos de maneira clara e direta. De acordo com Tavares (2008, p. 139), *“uma postura interdisciplinar conduz a busca da totalidade que nos leva a estudar, pesquisar e vivenciar um projeto interdisciplinar”*. Falar sobre interdisciplinaridade requer primeiramente atitude diante dos desafios apresentados e não engessamento do educador. Requer uma prática constante e ao mesmo tempo incessante, pois o professor deixará de ser apenas alguém que ensina conteúdo para ser um educador-pesquisador, e isso significa realizar uma autocrítica do seu próprio trabalho a todo o momento.

A interdisciplinaridade é um tema que ganha destaque nas pesquisas acadêmicas no Brasil desde a década de 1970 tendo como uma das mais dedicadas precursora Ivani Fazenda, autora de diversos livros, projetos e artigos científicos sobre a interdisciplinaridade. Todavia, a prática interdisciplinar segundo a referida autora “*encontra-se atualmente com os mesmo dilemas, ainda não superados, pois está ligada a problemática da intervenção educativa*” (FAZENDA, 2014, p. 17). O professor-pesquisador se vê em muitos casos enrijecido pelo planejamento um tanto que conteudista que o impede de alçar voos mais altos na construção do conhecimento. E aqueles que se arriscam na jornada da interdisciplinaridade percebe que sua classe poderá transformar-se num grupo de pessoas, deixando os alunos de ter os olhos postos exclusivamente no professor, para passarem a olhar uns para os outros de forma interativa. Deixam de ser um agregado de indivíduos que estão lado a lado, sem direito a comunicar, para passarem a ser um organismo vivo, em que todos os membros mantêm relações entre si.

A ESCUTA SENSÍVEL COMO ESTRATÉGIA INTERDISCIPLINAR E PSICOPEDAGÓGICA.

A escuta sensível como estratégia interdisciplinar e ao mesmo tempo psicopedagógica é um dos pilares de grande importância no processo de aprendizagem, pois por meio dela a comunicação se estabelece em sala de aula de maneira muito mais agradável, compreensiva, acolhedora e plena. A comunicação se estabelece a partir da escuta, sobretudo, por parte daquele que ensina. Nesse sentido Varella (2008), discorre sobre a arte da comunicação em sala de aula, descrevendo com muita sensibilidade o caminhar solitário do educador quando este adota uma postura interdisciplinar, ou seja, vai além da mera transmissão do conteúdo.

Sobre o sentido da escuta, Varella (2008) afirma que é necessário enxergar além das atitudes de cada aluno e isso pode ser percebido até mesmo através da leitura de um simples texto. Com certeza, se tal leitura estiver carregada de sensibilidade, de empatia, a escuta alcançará portas que de outra maneira tornar-se-iam impenetráveis. Isso também pode ser confirmado através das respostas obtidas junto aos docentes entrevistados quando questionados sobre o significado da escuta sensível.

Para cada um deles quase que unanimemente eles afirmaram que a escuta sensível “*é ouvir meu aluno e atender sua “fala” de forma individualizada, me colocando no lugar dele*”; “*dar-lhe a atenção necessária*”; “*ato de permitir que o outro expresse o que sente*”; “*tem a ver com a percepção dos sentidos*”; “*se deixar ouvir*”.

Percebe-se por meio das respostas obtidas importância de ouvir sensivelmente o aluno e o quanto tal postura interdisciplinar facilitaria o processo de ensino-

aprendizagem, pois o aluno se sentiria parte do processo, se sentiria amparado, apoiado, cuidado. Sobre o sentido do cuidado, Fazenda (2013a, p.11) elucida que este “[cuidado] é parte intrínseca de práticas interdisciplinares”. Segundo a referida autora, “o cuidado dedicado ao outro além de desvelo, carinho, diligência e dedicação, manifesta preocupação, inquietação e sentimento de responsabilidade” (2013a, p. 13). Neste sentido, o outro se torna tão importante como nós mesmos.

Indagamos ao corpo docente qual o significado da escuta sensível na prática pedagógica no contexto da relação professor-aluno e as respostas obtidas, trouxeram a tona a necessidade de se colocar no lugar do outro “acredito que quando o professor se coloca no lugar do aluno, ele consegue ouvir e interpretar suas necessidades e o caminho para o aprendizado torna-se prazeroso e mais eficiente para ambos”; “é uma escuta onde o professor dá uma atenção especial para entender os alunos, principalmente os com problemas familiares”. “Muitos alunos não tem que os ouça em casa e traz para a sala de aula a frustração de estar só em seus conflitos e cabe ao professor para e dar-lhe aquilo que o aluno não tem em casa que é atenção, afeto”. “é mostrar ao aluno que mais importante do que o conteúdo, é o indivíduo”; “como o aluno vai prestar atenção na aula se sua cabeça está nas nuvens com vários conflitos e pior ainda, com necessidade de atenção”;

A sensibilidade demonstrada na fala dos docentes revela, mesmo que inconscientemente a atitude interdisciplinar de cada um deles. O uso da palavra inconsciente é válido, pois através das respostas obtidas, quanto à compreensão que os docentes tinham sobre o significado de interdisciplinaridade, os docentes relacionaram a interdisciplinaridade com a mera integração curricular: “interdisciplinaridade para mim é trabalhar um mesmo assunto em diferentes disciplinas”; “interdisciplinaridade é a integração do planejamento e conteúdo de várias disciplinas”; interdisciplinaridade é trabalhar determinado conteúdo como um todo e mostrar ao aluno um conhecimento completo e não fragmentado”; “a interdisciplinaridade é importante para o aluno entender que nada caminha sozinho, o conhecimento não vem só e por isso, é importante que eles tenham um conhecimento mais amplo”; “interdisciplinaridade é utilizar o plano de aula com conteúdos que podem ser aplicados por várias disciplinas”; “quando você desenvolve dois caminhos ou mais, fazendo uma integração”; “é a integração das disciplinas em seus conteúdos”; “é criar um projeto ou atividade que envolvam duas ou mais disciplinas”; “é trabalhar um mesmo tema focado de diferentes formas nas mais variadas disciplinas”; “é integração de conteúdo”.

Conforme já discorremos anteriormente e com base em Fazenda (2008), apesar de estarem ligados existe diferença entre integração e interdisciplinaridade, pois a integração envolve o aqui e o agora, a interdisciplinaridade exigirá uma mudança comportamental por parte do educador onde ele dá mais ênfase ao ser do que o ter. Nesse sentido, indagamos os docentes sobre quais seriam as práticas e/ou estratégias pedagógicas interdisciplinares utilizadas por eles em suas práticas pedagógicas e as respostas obtidas foram: “uso de histórias de grandes intelectuais que tinham habilidade em outras disciplinas”; “as estratégias que utilizo é adequar/ aplicar contextos históricos, geográficos, etc, a disciplina que

leciono”; “projetos pedagógicos sobre drogas envolvendo diferentes disciplinas. Passeios culturais mostrando que mesmo em um local considerado específico para a área biológica tem muito a nos ensinar em outras áreas; “através de planejamento de assuntos conjugados”; trazendo filmes e músicas que abordam o tema da aula”; “elaborar saídas com os alunos cujas atividades envolvam diferentes disciplinas”; “trazer textos das mais variadas áreas do conhecimento e trabalhar em sala de aula”; “executar projetos pedagógicos”; “participar de eventos fora da sala de aula que promovam a interdisciplinaridade”.

Sabe-se que não é de hoje que o tema interdisciplinaridade é foco de diversos grupos de pesquisa não só aqui no Brasil como em outros centros de pesquisa em países da Europa, Canadá, Estados Unidos, todavia faz-se necessário discutir também a formação do professor na dimensão interdisciplinar, para que este em sua prática diária seja imbuído de atitudes interdisciplinares. Neste sentido, Fazenda (2013b) apresenta algumas de suas inquietações quanto esse assunto e elucida que há necessidade de rever-se o princípio epistemológico e praxeológico da formação de professores, bem como, revisitar as disciplinas tendo em vista a interdisciplina. Ela ainda afirma que a prática pedagógica interdisciplinar conduz o professor em exercício a aprofundar o conhecimento de si próprio e de suas práticas, cabendo a ele a diferenciação entre o contexto científico do profissional e do prático e em seu dia a dia tomar a atitude de agir de modo interdisciplinar indo além do comum caminhando rumo ao saber transcendental.

E nesse sentido, retomamos novamente a temática central do presente estudo que é escuta sensível, uma vez que a empatia por ela transmitida, conduz a totalidade do ser. Indagamos então aos docentes sobre a maneira como a escuta sensível é adotada em sua prática docente junto aos seus alunos e as respostas obtidas trazem novamente a atitude inconsciente da prática interdisciplinar conforme é demonstrado nas respostas a seguir: *“ao atender suas necessidades com relação às dúvidas as aulas de laboratório e suas dificuldades na realização de tarefas e trabalhos, principalmente para os filhos de famílias disfuncionais”; “ouvi-los, sentir”; “sentir a sua necessidade”; “descobrir onde é seu medo”; “aplicar a matéria de forma mais agradável”; “o aluno tem que perder o medo do professor e da matéria e tirar de sua cabeça o mito de que é um bicho de sete cabeças”; “tirar tempo para conversar com eles”; “deixar que eles vejam em mim uma pessoa em que possam confiar”; “mostrar para eles o quanto são importantes como pessoas”; “aconselhá-los quanto as indecisões e conflitos que eles tem referente a minha matéria”.*

Estas respostas apontam a necessidade mais profunda de discutir essa temática no dia a dia do professor e de maneira prática e objetiva para que se alcance em tempo hábil o fortalecimento das relações que se estabelecem entre os indivíduos: professor e aluno, uma vez que quando esse vínculo se estabelece, o ensinar tornar-se um prazer. E nas palavras de Alves (2011, p. 9) “o sofrimento de ser um professor é semelhante ao sofrimento das dores de parto: a mãe o aceita e logo dele se esquece, pela alegria de dar à luz um filho”.

Portanto, o professor é um sonhador que age e inspira seus alunos para se engajarem num projeto de transformação da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O presente estudo aponta a necessidade de trazer para a sala de aula a atitude interdisciplinar da escuta sensível de maneira que cada docente consiga em seu modo de ser o agir de modo interdisciplinar. Muitos são os caminhos da interdisciplinaridade e um deles é revelado através do fazer psicopedagógico, uma vez que esse profissional é uma espécie de ponte que interliga a família e a escola por caminho que às vezes são longos e tortuosos.

Por mais que o presente estudo discorreu sobre a escuta sensível como prática interdisciplinar não é sem importância que o psicopedagogo também compreenda essa temática, pois este profissional também deve agir em seu dia a dia com atitude interdisciplinar e saber promover essa postura na sociedade.

Em cada sessão de avaliação ou mesmo de intervenção seja na prática clínica ou institucional, o psicopedagogo é um agente de mudança, de transformação, uma vez que sua prática é pautada na escuta sensível. Escuta sensível frente ao aluno que vivência experiências traumáticas em sua casa, que vão interferir em seu processo de aprendizagem e que por vezes é rotulado como indivíduo preguiçoso e que não aprende. Escuta sensível frente ao professor que apesar de suas inúmeras obrigações e metas a serem alcançadas, não deixou de ser humano e por vezes necessita de apoio e amparo para não sucumbir diante dos desafios que lhes são impostos diariamente. Escuta sensível frente à família que por muitas razões apresenta-se incompleta com a ausência de um de seus cônjuges. Escuta sensível frente às próprias necessidades do fazer psicopedagógico.

REFERÊNCIAS.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2011.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira e SOUSA, Elane Mayara. Escuta sensível: o que é? Escuta sensível em diferentes contextos laborais In: CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira (org). **(Con)Textos em Escuta Sensível**. Brasília: Thesaurus, 2011.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: FAZENDA, Ivani (org). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes e PESSOA, Valda Inês Fontenele (orgs). **O cuidado em uma perspectiva interdisciplinar**. Curitiba: CRV, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 25.ed. São Paulo: 2002, p. 44.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de aprendizagem**. 2. ed. ampl. São Paulo: EPU, 2011.

NUNES, Leonilía de Souza. **Escuta sensível do professor: uma dimensão da qualidade da Educação Infantil**. (Dissertação de Mestrado). Brasília: 2009.

TAVARES, Dirce Encarnacion. A interdisciplinaridade na contemporaneidade – qual o sentido? In: FAZENDA, Ivani (org). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

VARELLA, Ana Maria Ramos Sanchez. **A comunicação interdisciplinar na educação**. São Paulo: Escuta, 2008.

GUIA DA INTERNET. Disponível em:
www.anped.org.br/system/.../Caderno_ANPEd_no.5_set_1993.pdf. Acesso:
24 de agosto de 2014, pp. 187 a 216.

3 A INSERÇÃO DAS ARTES NO ENSINO: sua função e importância.

*Sonia Regina Albano de Lima*⁵

*Claudio Picollo*⁶

*Flavia Albano de Lima*⁷

RESUMO: Este artigo pretende demonstrar a importância da inserção das Artes na Educação Brasileira como uma maneira de auxiliar a sensibilização e o desenvolvimento psíquico, social, cognitivo, estético e físico do indivíduo. Nesse sentido a Interdisciplinaridade torna-se uma prática indispensável já que ela pressupõe o diálogo entre a prática, a teoria e a interação entre pessoas. Serviram como fundamentação teórica textos de Ivani Fazenda, Antonio J. Severino, Maria Cândida Moraes, Howard Gardner e João Francisco Duarte Jr.

PALAVRAS CHAVE: artes; educação; interdisciplinaridade.

ABSTRACT: This paper aims to demonstrate the importance of introducing Arts in the Brazilian educational system as an aid to psychological, social, cognitive, aesthetic and physical development. Accordingly,

⁵ **Sonia R. Albano de Lima**- PUC-SP (GEPI) e IA-UNESP - Doutora em Comunicação e Semiótica, área de Artes - PUC-SP. Pós- Doutora em Educação pelo GEPI-PUC-SP, sob a orientação da Prof. Dr. Ivani Fazenda. Especialista em interpretação musical e música de câmara com o Prof. Walter Bianchi (FMCG). Bacharel em Direito (USP). Integrante do GEPI/PUC-SP. Professora do curso de pós-graduação em música do IA-UNESP. Possui publicações de livros e em revistas científicas na área de educação musical, performance e interdisciplinaridade. CV: <http://lattes.cnpq.br/16662710212070690> Contato: soniaalbano@uol.com.br

⁶ **Claudio Picollo**- PUC-SP (GEPI)- Doutor em Educação: Currículo, linha Interdisciplinaridade - PUCSP. Pós-doutor em Educação pelo GEPI-PUCSP, sob a orientação da Profa.Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda. Responsável pelo Projeto Pensar e Fazer Arte na PUC/SP. Licenciado em Português, Inglês e Latim pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras São Bento da PUC/SP. Vice-líder do GEPI - Grupo de Estudo e Pesquisa em Interdisciplinaridade, dirigido por Ivani Fazenda. Formado pela Escola de Música de Madalena Lébeis - música de câmara e História da Música pelo crítico de arte José da Veiga Oliveira. CV: <http://lattes.cnpq.br/9257798728608316>; Contato: mentecultural@uol.com.br

⁷ **Flavia Albano de Lima**- (GEPI) PUC-SP – UNIESP. Mestre e especialista em performance musical pelo Royal Northern College of Music, bacharel em Canto Erudito e licenciada em Música pela Faculdade de Música Carlos Gomes e habilitada em artes dramáticas pelo Teatro Escola Macunaíma. Foi ganhadora do prêmio Liverpool Opera Circle Vocal Award 2010 e atualmente integra o Opera Studio da Escola de Música do Estado de São Paulo, sob direção de Mauro Wrona. É coordenadora e docente do Curso de Licenciatura em Música da Faculdade de São Paulo (Grupo Educacional UNIESP), ministrando as disciplinas de Canto Coral e Fisiologia da Voz e Corpo e Movimento. É doutoranda do Programa de Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Ivani Fazenda. CV: <http://lattes.cnpq.br/0779143600751118> Contato: flaviaalbano@live.com

Interdisciplinarity presents itself as an effective *praxis*, since it predicates the interactions between practical, theoretical and the individual. Texts by Ivani Fazenda, Antonio J. Severino, Maria Cândida Moraes, Howard Gardner and João Francisco Duarte Jr. served as theoretical basis.

KEY-WORDS: arts, education; interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO.

Na educação brasileira tem sido comum a adoção de metodologias de ensino tecnicistas como forma de apreensão do conhecimento, principalmente nos cursos superiores, considerando-se que a sociedade contemporânea cada vez mais necessita de profissionais com um conhecimento técnico eficiente para uma rápida e segura inserção no mercado de trabalho.

Diante desse fato, o ensino superior, no intuito de atender essa demanda, habilita o indivíduo para atuar em uma determinada área profissional (medicina, engenharia, advocacia, mecânica, etc.). Assim, conteúdos curriculares que privilegiam as Artes como uma das formas de aprimoramento e desenvolvimento integral do indivíduo são postergados em prol de um compromisso pedagógico que atenda mais atentamente os interesses político-econômicos vigentes. Os Cursos de Bacharelado em Artes, por exemplo, tem repassado aos seus alunos, conhecimentos que privilegiam a formação de um artista profissional capacitado para atuar em uma determinada linguagem artística, delegando para as Licenciaturas em Artes a formação de um professor que também receberá uma formação voltada para o ensino de uma linguagem artística específica, o que mais uma vez caracteriza a adoção de modelo pedagógico de ensino das artes tecnicista.

A PEDAGOGIA TECNICISTA.

Akiko Santos (LIBÂNEO & SANTOS, 2005), ao analisar as diversas teorias pedagógicas existentes na atualidade, revela que a pedagogia tecnicista além de adotar uma filosofia de ensino indicada pelo sistema socioeconômico predominante, busca um ensino racional e objetivo, pautado na neutralidade da ciência e na impessoalidade do professor. Nessa modalidade há uma preocupação exclusiva com a formação técnico-profissional do indivíduo, o educador não precisa promover a contextualização filosófica do conhecimento a ser ensinado, apenas a sua contextualização imediata. Este modelo de ensino enfatiza a técnica, o saber fazer suficiente para uma determinada

profissão, sem questionamentos adicionais, nem aprofundamentos no conhecimento como um todo.

Desta forma, afastam-se desta fórmula pedagógica as discussões que verificam quais os objetivos educacionais e as competências que este aprendizado deve alcançar; o conceito de conhecimento como uma rede de relações; o princípio da não hierarquia dos conhecimentos. Nessa fórmula pedagógica os interesses macrossociais prevalecem sobre os microssociais (SANTOS, 2005, p. 75-9).

Nesse modelo pedagógico as Artes deixam de integrar a matriz curricular dos cursos de formação seja sob uma perspectiva técnico-profissional, ou como meio auxiliar para o indivíduo obter melhor desenvolvimento psíquico, social, cognitivo e físico.

Libâneo, na mesma publicação, relata as três medidas que considera importantes para um agir pedagógico eficiente na atualidade:

- a- Práticas pedagógicas que implicam em decisões e ações que envolvem o destino humano das pessoas, requerendo projetos que explicitem direção de sentido da ação educativa e formas explícitas do agir pedagógico;
- b- A análise não globalizante do problema educativo, ou seja, aos fatores externos da realidade escolar é necessário agregar os meios educativos, os instrumentos de mediação que são os dispositivos e métodos de educação e ensino (didática);
- c- Compreender as práticas educativas como atividade complexa, uma vez que elas são determinadas por múltiplas relações que necessitam do aporte de outros campos de saberes (LIBÂNEO & SANTOS, 2005, p. 21-2)

O autor admite que as modernas teorias pedagógicas, apesar de inúmeras e específicas, possuem características que devem ser reavaliadas. É importante que o educador da atualidade reveja os conceitos que veiculam a acentuação da atividade racional, científica, tecnológica como únicos objetos de conhecimento e também reavalie as atuações pedagógicas que transmitem o conhecimento e modos de ação do que consideram uma pretensa cultura universal que tem de obrigatoriamente ser comunicada às novas gerações e recriada continuamente, com o intuito de obter continuidade.

Para ele é importante que os professores da atualidade não aceitem como um dado incontestável que os indivíduos tenham uma natureza humana básica, advinda dos direitos básicos universais e que eles, enquanto docentes, devem ser os representantes legítimos e oficiais dessa cultura, portanto, devem ajudar os alunos a internalizarem valores universais, seja pela intervenção pedagógica direta seja pelo esclarecimento de valores em âmbito pessoal (LIBÂNEO & SANTOS, 2005, p. 25).

Observa-se na fala desses dois autores que, em função de privilegiarmos uma razão voltada quase que inteiramente para o cientificismo, as teorias

pedagógicas modernas abafam os sentimentos, a imaginação, a subjetividade e a liberdade.

O acúmulo de conhecimentos científicos e técnicos trazidos pela modernidade dá origem aos diversos campos disciplinares, no entanto, esses saberes permanecem isolados, fragmentados, ignoram o conjunto de que fazem parte e o significado que lhes é destinado na soma de saberes. Cultura, economia, política, sistema de valores e personalidade humana são saberes estudados isoladamente e de forma dissociada, contrariando o sentido maior da Educação:

[...] educamos ao mesmo tempo para a subjetivação e a socialização, para a autonomia e para a integração social, para as necessidades sociais e necessidades individuais, para a reprodução e para a apropriação ativa de saberes, para o universal e para o particular, para a inserção nas normas sociais e culturais e para a crítica e produção de estratégias inovadoras. Isso requer portas abertas para análises e integração de conceitos, captados de várias fontes – culturais, psicológicas, econômicas, antropológicas, simbólicas, na ótica da complexidade e da contradição, sem perder de vista a dimensão humanizadora das práticas educativas (LIBÂNEO & SANTOS, 2005, p. 23)

Para Libâneo & Santos (2005), as mudanças no agir pedagógico são mais do que necessárias, considerando-se o conjunto de condições sociais, culturais e econômicas que estão afetando todas as instâncias da vida social. Diante desse fato, para que uma teoria pedagógica tenha eficiência na atualidade deve considerar:

Mudanças no processo de produção industrial ligadas aos avanços científicos e tecnológicos, mudanças no perfil da força de trabalho, intelectualização do processo produtivo;
Novas tecnologias da comunicação e informação, ampliação e difusão da informação, novas formas de produção, circulação e consumo da cultura, colapso da divisão entre realidade e imagem, arte e vida.;
Mudanças nas formas de fazer política: descrédito nas formas mais convencionais e emergência de novos movimentos e sujeitos sociais, novas identidades sociais e culturais;
Mudanças nos paradigmas do conhecimento, sustentando a não separação entre sujeito e objeto, a construção social do conhecimento, o caráter não-absolutizado da ciência, a acentuação da linguagem;
Rejeição dos grandes sistemas teóricos de referência e de ideias-força formuladas na tradição filosófica ocidental, tais como a natureza humana essencial, a ideia de um destino humano coletivo e de que podemos ter ideais que justificam nossa ação, a ideia de totalidade social (LIBÂNEO & SANTOS, 2005, p. 26-7).

Essa nova realidade exige um agir pedagógico que relativiza o conhecimento científico; faz do indivíduo um protagonista na construção do conhecimento em geral e da sociedade; admite que todas as culturas têm o mesmo valor, fator que poderá impedir a homogeneização e a dominação cultural advinda da globalização e dos avanços tecnológicos que se proliferaram no mundo; projeta um indivíduo que necessita reencontrar a unidade do conhecimento e das práticas sociais; prega que os indivíduos são construídos socialmente e que assim, formam sua própria identidade, não detendo uma natureza humana universal vigente no modelo atual; parte do pressuposto que os educadores devem ajudar os estudantes a construir seus próprios quadros valorativos a partir das suas próprias culturas; estabelece como valores a serem cultivados: a diversidade, a tolerância, a liberdade, a criatividade, as emoções e a intuição (Ibid. p. 27-8).

Considerando que as artes são produções culturais realizadas pelos indivíduos em uma sociedade específica, é importante que integrem os currículos escolares em diferentes níveis e perspectivas.

AS ARTES E O DESENVOLVIMENTO HUMANO.

A educadora Maria Cândida Moraes, em suas publicações, tem revelado a importância de remodelarmos a educação atual, considerando-se que o mundo trabalha em rede:

Realidade e mundo, como totalidades enredadas, estrutural e funcionalmente, também repercutem e afetam o trabalho docente, o planejamento curricular, os processos de ensino e de aprendizagem, os papéis desempenhados por alunos e professores e a dinâmica das infra-estruturas educacionais. Ao mesmo tempo, exigem novas competências e habilidades para continuar aprendendo ao longo da vida. Nesse mundo enredado, é importante aprender a viver/conviver com as diferenças, compreender a diversidade e as adversidades, reconhecer a pluralidade e as múltiplas realidades, ter abertura, respeito e tolerância em relação às formas de pensar, de ser e de viver de cada um (MORAES, 2008, p. 15-6) .

Embasada em princípios advindos da física quântica e em um modelo de ensino transdisciplinar, a autora entende que o conhecimento se estabelece na dinâmica das relações que se formam entre o sujeito e o objeto. Essa atitude exige novos padrões de escuta, o aguçamento dos canais perceptivos e um diálogo multidimensional entre as partes envolvidas:

Juntamente com o Princípio da incerteza, a Física Quântica reforçou ainda mais a impossibilidade de se determinar como uma situação experimental se apresentará até o momento da

interferência do observador. Descobriu-se que o cientista já não pode distanciar-se do objeto para descrever os mecanismos da natureza e que não seria mais possível eliminar o observador, mas reintegrá-lo com sua subjetividade e ajudá-lo a restabelecer o seu diálogo com a natureza (MORAES, 2008, p. 35).

Esta autora admite que para uma educação do futuro, é importante adotarmos outros comportamentos pedagógicos: a contextualização, o diálogo entre a teoria e a prática, a integração do pensamento, do sentimento e do corpo e a religação do indivíduo com a sociedade e a natureza. Sob esta perspectiva, a expressão artística tem o papel preponderante de exteriorizar emoções e sentimentos, muitas vezes indizíveis:

(a expressão artística) [...] traz à consciência aspectos internos para serem refletidos e podem ser recursos para o autoconhecimento. Ao se concentrar na elaboração de uma obra de arte o aluno trabalha criativamente, num diálogo recursivo consigo próprio. É, portanto, mais um espaço dedicado à convivência consigo mesmo (MORAES, 2008, p. 272).

Moraes, pautada na Teoria da Autopoiese de Maturana e Varela, admite que o ser humano ao entrar em contato com suas emoções, sentimentos e o seu interior, nutre-se das correntes de energia que circulam o nosso corpo. As emoções e os sentimentos criam espaços operacionais que influenciam as reflexões e ações humanas, podendo potencializar ou dificultar a capacidade de aprendizagem, incentivando ou restringindo o domínio de ação do aprendiz e o operar de sua inteligência. Sendo assim, as emoções e os sentimentos podem expandir ou restringir a capacidade operacional dos indivíduos, tanto no que se refere às possibilidades de reflexão quanto de atuação. Cabe, então, ao educador, criar espaços mais propícios à reflexão e à ação. Espaços agradáveis, acolhedores, criativos e não competitivos: “espaços emocionalmente sadios que valorizam o FAZER em contínuo diálogo com o SER. Potencializando o FAZER, estaremos também potencializando o SER” (MORAES, 2008, p. 165).

Observa-se nessa fala, a importância que Moraes destina ao ensino das artes. Ela admite que trabalhar os conteúdos de aprendizagem com diálogos multissensoriais que utilizam diversas linguagens e estímulos - como os visuais, musicais, verbais, táteis, cinéticos, entre outros - promove a sincronização lúdica e empática entre os docentes, discentes e os conteúdos trabalhados. Esses diálogos multissensoriais ajudam e facilitam a compreensão da multidimensionalidade humana por parte do sujeito aprendiz (MORAES, 2008, p. 166).

O filósofo e educador Antonio Joaquim Severino (2011) vê a sociedade atual caminhar para uma sensível robotização, nesse sentido torna-se prioritário uma remodelação das matrizes curriculares dos cursos de formação universitária. Esses cursos devem trabalhar não só a dimensão epistemológica do conhecimento, mas também a dimensão técnica e a dimensão ético-política.

Tal finalidade pode ser atingida pela inserção de um sentido filosófico na educação e uma prática interdisciplinar a ser adotada tanto pelas políticas públicas, como pelas Instituições de Ensino Superior e pelos docentes, a fim de que seja partilhada com os alunos.

Da mesma forma, a pedagoga e pesquisadora Ivani Fazenda, em diversas publicações, tem reiterado a importância de inserir na educação contemporânea uma prática interdisciplinar alicerçada no diálogo contínuo que se estabelece em todas as dimensões escolares, estendendo-se para o educando, no sentido de decifrar em conjunto as coisas do mundo das quais esses pares são participantes. Para esta autora a interdisciplinaridade não é ciência, nem ciência das ciências, mas o ponto de encontro entre o movimento de renovação da atitude diante dos problemas de ensino e pesquisa e da aceleração do conhecimento científico (FAZENDA, 2011, p. 73). Esta autora não admite que o conhecimento se restrinja a campos delimitados de especialização, pois é na opinião crítica do outro que uma opinião é formada, onde a linguagem não é de um mais de vários:

O homem está no mundo, e pelo próprio fato de estar no mundo, ser agente e sujeito do próprio mundo, e deste mundo ser *Múltiplo* e não *Uno*, torna-se necessário que o homem se conheça em suas múltiplas e variadas formas, para que possa compreendê-lo e modificá-lo. Nesse sentido, o homem que se deixa encerrar numa única abordagem do conhecimento vai adquirindo uma visão deturpada da realidade. Ao viver, encontra uma realidade multifacetada, produto desse mundo, e evidentemente mais oportunidades terá em modificá-la na medida em que a conhecer como um todo, em seus inúmeros aspectos [...] A interdisciplinaridade visa à recuperação da unidade humano através da passagem de uma subjetividade para a intersubjetividade e, assim sendo, recupera a ideia primeira de Cultura (formação do homem total), o papel da escola (formação do homem inserido em sua realidade) e o papel do homem (agente das mudanças no mundo) (FAZENDA, 2011, p. 81-82).

Tanto Severino quanto Fazenda admitem que a educação da atualidade deve ser fundamentalmente um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, no âmbito da relação social coletiva, ou em todos os níveis de ensino e em todas as áreas de conhecimento.

Assim, o sentido sensibilizador do ensino artístico deve permear a Educação em todos os níveis, desde a educação básica até a superior e nos Cursos Superiores de Artes, além de perpetuar-se um interesse formativo específico, também deve ser priorizado o sentido maior da Arte que é auxiliar o indivíduo no seu processo de evolução.

Howard Gardner, em suas publicações (1994, 1997, 1999) tem se preocupado em demonstrar os benefícios oriundos de um ensino artístico sensibilizador para o ser humano. Preocupado em investigar o funcionamento da inteligência humana, os processos de percepção, criatividade e os mecanismos de

simbolização, ele vê no aprendizado das artes uma possibilidade do indivíduo se desenvolver cognitivamente em múltiplas dimensões.

De maneira similar, o pedagogo João Francisco Duarte Jr (2010) também vê nas artes a possibilidade infinita de um aprimoramento sensibilizador do ser humano. Para ele a sensibilidade humana consiste na capacidade de perceber e organizar estímulos que vem tanto do mundo externo como do seu próprio organismo. O sentimento para ele é o mais básico processo cognitivo, decorrendo dessa capacidade sensível todo o edifício de abstrações e significados que erguemos cotidianamente e tentamos manter de pé durante toda a vida.

Duarte admite que ser humano é composto de um emaranhado de processos altamente organizados e interdependentes que manifestam maneiras próprias de sabedoria e de conhecimento em todos os níveis, desde a ordem das substâncias bioquímicas que carregam informações genéticas, aos cromossomas, até os mais específicos raciocínios de uma determinada modalidade científica ou filosófica. Cada porção ou estrato de nosso organismo exhibe sua forma peculiar de conhecimento, articulada a esse todo corporal que nos define enquanto existência. Portanto, não há saber humano sem a participação ativa, consciente ou velada, de nossos processos sensíveis. Nessa perspectiva é relevante a qualquer modalidade de ensino, conhecer e desenvolver as diversas categorias de saber a nós possíveis, desde a sensibilidade corporal mais básica até o mais elevado pensamento abstrato. A Arte neste processo assume importância extrema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Na fala de cada um dos autores citados fica evidente o quanto as Artes, quando inseridas na Educação em perspectivas diversas, podem contribuir no processo de formação integral do indivíduo, auxiliando-o no seu desenvolvimento.

Esperamos com isso, ter demonstrado a importância da inserção das linguagens artísticas como processo sensibilizador nos diversos níveis de formação educacional. Tanto as crianças quanto os jovens deveriam na educação básica receber um aprendizado sensibilizador das artes, para expressarem melhor suas emoções, para compreender mais intensamente a linguagem corporal, para atuar com os contextos subjetivos que envolvem a prática cognitiva. A inclusão das Artes nos Cursos Superiores também poderá auxiliar os indivíduos a obter maior equilíbrio emocional, estético e cognitivo, permitindo-lhe expressar suas capacidades e habilidades de forma diferenciada. Nesse sentido a Interdisciplinaridade torna-se uma prática indispensável já que ela pressupõe uma prática dialógica no enfrentamento da

dupla barreira: integração entre conhecimentos e interação entre pessoas (FAZENDA, 2008).

REFERÊNCIAS

DUARTE JR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**. Curitiba, Paraná: Criar, 2010, 5ª edição.

FAZENDA, Ivani (org) **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo : Cortez, 2008.

FAZENDA, Ivani. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia**. São PAULO: Edições Loyola, 2011.

GARDNER, Howard. **Arte, mente e cérebro: uma abordagem cognitiva da criatividade**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GARDNER, Howard. **As artes e o desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1997.

LIBÂNEO & SANTOS (org). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas, S. P: Alínea, 2005.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos Saberes: Complexidade, Transdisciplinaridade e Educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais**. São Paulo: Antakarana/ WHH- Willis Harman House, 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Filosofia na Formação Universitária**. São Paulo: Arte- Livros Editora, 2011.

4 INTERDISCIPLINARIDADE: a essência humana para a sustentabilidade da educação?

Fausto Rogério Gentile⁸

RESUMO: Este artigo pretende de forma preliminar abordar, observar e dialogar sobre uma visão epistemológica da Interdisciplinaridade, uma vez que se misturam nela prática e teoria. O gatilho das reflexões parte do texto de Ivani Catarina Arantes Fazenda⁹: Interdisciplinaridade: Didática, Prática de Ensino e Direitos Humanos? Escrito para o XVII Endipe¹⁰ de 2014. Longe de fechar o diálogo e cristalizar conceitos, este texto propõe uma primeira tentativa de análise em buscar indicadores sustentáveis para a Interdisciplinaridade; onde o foco baseia-se na complexidade e na cultura dos envolvidos, para que após muitas reflexões e diálogos consigamos compreender de forma clara a importância da comunicação assertiva do Vir a Ser, mantendo vivos, protegidos, alimentados e prontos aqueles, que como nós, têm a necessidade de CoEvoluir, buscando assim, um equilíbrio interno e a capacidade intrínseca de autorreprodução do questões Interdisciplinares.

PALAVRAS-CHAVE: Interdisciplinaridade, Cultura, Complexidade, Inovação, Educação.

ABSTRACT: This article intends to address in a preliminary way, observe and talk about an epistemological view of Interdisciplinary, since it blends theory and practice. The trigger of the reflections of the text Ivani Catarina Arantes Fazenda: Interdisciplinary: Teaching, Practice Education and Human Rights? Written for the seventeenth Endipe 2014. Far from closing the dialog and crystallize concepts, this paper proposes a first attempt to analyze in seeking sustainable indicators for Interdisciplinary; where the focus is based on the complexity and culture of those involved, so that after much reflection and dialogue we can understand clearly the importance of assertive communication Come to Be, keeping alive, protected, fed and ready those, who like us, have a need to CoEvolution, seeking thereby an internal balance and the intrinsic ability of self-reproduction of interdisciplinary issues.

KEYWORDS: Interdisciplinarity, Culture, Complexity, Innovation, Education.

⁸ Fausto Rogério Gentile⁸: Doutorando em Educação Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Mestre em Educação e Artes pela UNESP – SP. Consultor de Projetos Sociais e Docente do SENAC Jundiaí/SENAC, São Paulo. Contato: fausto.rgentile@sp.senac.br

⁹ Doutora em Antropologia Cultural pela USP, livre-docente em didática pela UNESP/Botucatu. Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Supervisão e Currículo, da PUC/SP, orienta o núcleo de estudos e pesquisas sobre interdisciplinaridade.

¹⁰ Encontro Nacional de Prática de Ensino.

Como qualquer outra atividade que envolva quesitos teóricos e práticos, e, que de alguma forma englobem uma heterogeneidade de pessoas, como a Educação e o Currículo, falar de sustentabilidade de seus pensamentos e ações está longe de ser um modismo ou uma característica apenas de alguns campos do conhecimento.

Sustentabilidade pode ser entendida como um conjunto de reflexões, práticas e disseminações coerentes que se tomam, para permitir que um sistema complexo se mantenha vivo, protegido, alimentado de nutrientes – sejam eles teóricos ou vivenciais – a ponto de sempre se conservar bem e subsistir ao longo do tempo, mesmo que riscos e intempéries conceituais e práticas possam se abater.

A intenção deste artigo é colaborar para reflexão e um diálogo consciente e consistente acerca de uma questão norteadora: Como estamos tratando a Sustentabilidade da Interdisciplinaridade defendida por nós?

Reflexões e diálogos são emergenciais, pois compreendemos a necessidade de não apenas conservar nossas ideias acerca do “Ser Interdisciplinar” assim como é ou está, mas também, para que possa prosperar, fortalecer-se e CoEvoluir¹¹ com todos seus atores, ativos ou passivos, desta espiral sistêmica.

Para Leonardo Boff¹² em seu livro *Sustentabilidade: O Que é e o que não é* (2012), as premissas de sustentabilidade, seja do universo, seja da Terra, dos ecossistemas e, também, de comunidades e sociedades inteiras, para que continuem vivas e se conservem bem, só conseguirão tal êxito se mantiverem seu equilíbrio interno e tornem-se capazes de se autorreproduzir.

Precisamos novamente insistir: Como estamos disseminando a Interdisciplinaridade entre nós? Em quais dimensões deste universo complexo chamado Educação, temos maior penetrabilidade? Onde ainda somos mal interpretados e não compreendidos? Como atuar pelas mudanças que queremos?

Boff (2012), em sua visão acerca da sustentabilidade afirma a existência de cinco pilares para sua estratificação – em divergência com outras tendências que afirmam e se estabilizam em apenas três – Para o autor os cinco pilares são: Social, Ambiental, Econômico, Cultural e o principal deles, o quinto pilar, o Espiritual, concebido pelo autor como a “Essência Humana.”¹³ Esta

¹¹ O Conceito de CoEvoluir significa em linhas gerais a necessidade de evolução coletiva, onde compreendemos que sozinhos não seja possível catalisar ações, atitudes e pensamentos coerentes para uma referida ação. Para aprofundamento no conceito sugerimos a leitura do livro de Otto Scharmer: *Teoria U*.

¹² Leonardo Boff, pseudônimo de Genésio Darci Boff, teólogo brasileiro, escritor e professor universitário, expoente da Teologia da Libertação no Brasil. Foi membro da Ordem dos Frades Menores (franciscanos). Ficou conhecido pela sua história de defesa das causas sociais. Atualmente dedica-se, sobretudo às questões ambientais.

¹³ Segundo Leonardo Boff, em 1845, Karl Marx escreveu suas famosas 11 teses sobre Feurbach, publicadas somente em 1888 por Engels. Na sexta tese Marx afirma algo verdadeiro, mas reducionista: “A essência humana é o conjunto das relações sociais”. Descritivamente, sem querer definir a essência humana, ela emerge como um nó de relações

espiritualidade seria na visão de Boff, o principal fator agregador e de lastro para a sustentabilidade de organismos complexos.

Manifesto que a Educação pressupõe todos os pilares citados pelo autor e deles necessita para tornar-se compreensível e desbravadora de todos os indivíduos nela envolvidos, porém, ficaremos neste texto, apenas com o quinto pilar. Como a essência humana pode ser disseminada pela Interdisciplinaridade? Qual a assertividade dos instrumentos que utilizamos para nos comunicarmos sobre nossa visão da essência humana? Como somos entendidos? Que fontes evidenciamos para envolver aqueles que ainda concebem a Interdisciplinaridade apenas como uma junção de disciplinas e de saberes diferentes?

Buscaremos dialogar neste texto esta visão inspiradora, chamada por Boff de essência humana, de Espiritualidade, e, por Ivani Fazenda “Do vir a Ser Interdisciplinar”. Neste sentido a autora nos mostra um caminho: “se definirmos Interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvam a cultura do lugar onde se formam professores, seu aspecto humano!” (2014, p. 1)

Nos alerta, e nos instiga a autora para a questão das Culturas, que apesar de deveras complexa deve ser entendida e catalisada pela observação e inclusão de todos os atores envolvidos no processo educacional, neste sentido Fazenda (2014, p, 2) complementa:

Cada disciplina precisa ser analisada não apenas do lugar que ocupa ou ocuparia na grade, mas, nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram, próprios de seu lócus de cientificidade. Essa cientificidade, então originada das disciplinas ganha status de interdisciplina no momento em que ao movimento da disciplina seu próprio movimento for incorporado ao mundo.

voltadas para todas as direções: para baixo, para cima, para dentro e para fora. É como um rizoma, aquele bulbo com raízes em todas as direções. O ser humano se constrói na medida em que ativa este complexo de relações, não somente as sociais. Em outros termos, o ser humano se caracteriza por surgir como uma abertura ilimitada: para si mesmo, para o mundo, para o outro e para a totalidade. Sente em si uma pulsão infinita, embora encontre somente objetos finitos. Daí a sua permanente impenitência e insatisfação. Não se trata de um problema psicológico que um psicanalista ou um psiquiatra possa curar. É sua marca distintiva, ontológica, e não um defeito. Mas aceitando a indicação de Marx, boa parte da construção do humano se realiza, efetivamente, na sociedade. Daí a importância de considerarmos qual seja a formação social que melhor cria as condições para ele poder desabrochar mais plenamente nas mais variadas relações. Sem oferecer as devidas mediações, diria que a melhor formação social é a democracia: comunitária, social, representativa, participativa, de baixo para cima e que inclua a todos sem exceção. Na formulação de Boaventura de Souza Santos, a democracia deve ser “ser sem fim.” Temos a ver com um projeto aberto, sempre em construção que começa nas relações dentro da família, da escola, da comunidade, das associações, dos movimentos, das igrejas e culmina na organização do estado.

Apropriados da necessidade de observar e refletir acerca das Culturas dentro de uma prática Interdisciplinar, Fazenda nos traz a questão acerca da ordenação social como caminho de formar cidadãos do mundo e para o mundo, capazes de ler, não apenas textos e interpretá-los, mas também, de realizar a leitura do mundo em que vivem, e informados, consigam com criatividade e inovação intervir de forma positiva, de forma Interdisciplinar. Neste sentido amplo, complexo e global de formação de sociedade e cidadãos, a autora (FAZENDA, 2014, p. 2) explicita:

(...) Ordenação social, busca o desdobramento dos saberes científicos interdisciplinares às exigências sociais, políticas e econômicas. Tal concepção coloca em questão toda a separação entre a construção das ciências e a solicitação das sociedades. No limite, diríamos mais, que esta ordenação tenta captar toda complexidade que constitui o real e a necessidade de levar em conta as interações que dele são constitutivas. Estuda métodos de análise do mundo, em função das finalidades sociais, enfatiza os impasses vividos pelas disciplinas científicas em suas impossibilidades de sozinhas enfrentarem problemáticas complexas.

Neste sentido a autora afirma que o debate acerca dessa complexidade das Culturas, da ordenação social e busca do “Vir a Ser Interdisciplinar” precisa iniciar-se nas universidades, onde a questão humana deve ser incluída na organização dos estudos, onde prevê potencialidades e reveses para a Interdisciplinaridade. Potencialidades, pois conseguimos nos observar e nos envolver questões holísticas¹⁴ e heurísticas¹⁵ em nosso processo de intervir, onde sempre buscamos a essência humana. E reveses, uma vez que precisamos alinhar nosso discurso, e nos lançarmos ao mundo, cientes da complexidade, das limitações e de nossa historicidade como fator científico e humano.

Assim, concordamos com as ideias de Fazenda, quando reflete sobre a necessidade de profunda análise de como está sendo pensada, praticada e comunicada a Interdisciplinaridade, pois sabedores que somos das questões complexas que cercam nossas atitudes e da clara consciência de nosso papel integrador na Educação e formação de cidadãos informados e ativos para a sociedade, temos também, a notória função de nos referendarmos e nos apresentarmos, com precisão, humildade e capilaridade em diversos grupos e

¹⁴ Holismo (do grego *holos* que significa inteiro ou todo) é a ideia de que as propriedades de um sistema, quer se trate de seres humanos ou outros organismos, não podem ser explicadas apenas pela soma dos seus componentes. O sistema como um todo determina como se comportam as partes. O princípio geral do holismo pode ser resumido por Aristóteles, na sua *Metafísica*, quando afirma: *O todo é maior do que a simples soma das suas partes*.

¹⁵ Heurística é um método ou processo criado com o objetivo de encontrar soluções para um problema. É um procedimento simplificador (embora não simplista) que, em face de questões difíceis envolve a substituição destas por outras de resolução mais fácil a fim de encontrar respostas viáveis, ainda que imperfeitas. Tal procedimento pode ser tanto uma técnica deliberada de resolução de problemas, como uma operação de comportamento automática, intuitiva e inconsciente .

nichos onde nossa essência seja colocada a serviço de atores sociais oriundos de qualquer cultura.

As questões relativas à essência humana, a criatividade, aos processos de inovação e aos cuidados a diferentes culturas são consideradas por Fazenda como “a capacidade de identificar os diferentes tipos de saberes em jogo no ato de ensinar, tomando-os como incompletos e sempre insuficientes.” (FAZENDA, 2014, p. 9).

A autora (FAZENDA, 2014) pressupõe que tal capacidade envolve várias facetas como a formação de professores, os aportes da didática, a cultura dos envolvidos e a manutenção dos espaços educativos. Deveras complexa e sistêmica esta espiral tem na pesquisa Interdisciplinar uma fonte de inspiração e resolução, desde que sejam resguardados os cuidados necessários, que devem ser tomados de formado sensível e ao mesmo tempo encarados com ousadia e proposta de inovação. Fazenda (2014, p.9) afirma:

A função subversiva e polêmica da pesquisa interdisciplinar em educação, pressuporá o sentido de uma formação profissional dos docentes, em educação deliberadamente subversiva e polêmica. Porque esta é a única direção que pode oferecer a garantia de evitar as interpretações subentendidas, a hegemonia de uma doxa pedagógica, o discurso complacente, organizando a felicidade por decreto, como dizia Olivier Rebol em 1992. E, sem dúvida, favorecendo este encontro, esta confrontação construtiva entre os diferentes quadros teóricos e conceituais que se propõem ler e compreender a prática de ensino que a formação profissional poderá retornar em todo seu poder de mudança social.

Refletindo sobre a importância das Culturas nesta busca do Vir a Ser Interdisciplinar, dessa essência humana podemos buscar interlocução sensível e saudável, e, porque não interdisciplinar entre Sociedade, Currículo, Formação de Professores e Educação.

Observar e perceber as diversas culturas existentes no entorno dos ambientes escolares e nas formas de pensar e intervir do Currículo está sendo disseminada e refletida por nós de forma intensa. Tal forma refere-se, no universo da Educação, a uma visão interdisciplinar que conduz os diversos atores: educadores, alunos, gestores e pesquisadores a compreender e (re) conhecer a realidade que circunda os locais onde vivem, estudam e trabalham os educandos.

Não seria suficiente estudar história se não existe abertura para conhecer a origem das diversas tradições culturais que constituíram sua cidade, não bastaria estudar matemática se não a utilizarem para compreender o potencial econômico que os afeta cotidianamente, não bastaria o estudar das ciências da natureza se não fosse com o intuito de conhecer e compreender os desafios ambientais que os assola; nossa organização territorial e indubitavelmente todas as desigualdades sociais que nos cercam.

Este potencial cultural e interdisciplinar que agrega valor substancial ao Currículo gera um círculo de informações capazes de motivar a participação social e o engajamento dos atores sociais-educandos, e, na contrapartida de nossa reflexão, poderíamos propor a ideia de que o absenteísmo cultural, visto como uma aculturação seria forte segregadora social gerando uma falta de informação capaz de afastar os envolvidos de uma participação ativa, e, dessa forma, não seria estável um Desenvolvimento Educacional/ Social.

Esta amalgama interdisciplinar entre cultura local e Currículo poderia aumentar o nível de relacionamentos dos envolvidos, pois os olhares e indagações estariam no nível do bairro onde vivem, na região de entorno e na cidade, além de protagonizar vínculos com pessoas e instituições do cotidiano, como educadores e escola.

O Currículo estaria nessa vertente buscando outro olhar para a brecha existente entre o conhecimento formal e o mundo real onde cada pessoa vive. De forma a ser a ponte entre conhecimentos formais e informais, o currículo poderia formar cidadãos transformadores de sua própria realidade social, e, a escola tornar-se um local facilitador por meio de diversos mecanismos, como Redes Locais, parcerias com movimentos sociais e organizações atuantes nos bairros.

Dessa forma, a ideia de pensar e construir um Currículo com foco na Interdisciplinaridade instiga-nos em efetivar práticas deste aporte, formando cidadãos capazes de intervir e gerar iniciativas eficazes em seu bairro, regiões de entorno e cidade. E assim, outra cultura seria possível: a de formar cidadãos conscientes de sua capacidade transformadora podendo assim, ajudar e transformar a realidade que os cercam, e, não apenas instigá-lo a migrar da região onde vive em busca de melhores condições de vida e trabalho.

O Currículo dentro desse aspecto Interdisciplinar de Cultura poderia fornecer conjuntamente com instrumentos e práticas formais, dados básicos dos diversos contextos que regem a vida de todos os cidadãos - podemos citar como exemplo os diversos indicadores e variáveis econômicos e sociais - embasando de forma concreta e real as práticas necessárias para a formação integral dos mesmos.

Os educadores nessa visão teriam que se (re) qualificar tornando-se facilitadores de um processo de Desenvolvimento Cultural e Social. Confrontando o que ensinam com as realidades vividas por todos, talvez, uma motivação para todos nós que estamos acerca das potencialidades e fragilidades do cotidiano escolar tenhamos um alento em conseguir uma compreensão sensata por parte de nossos educandos acerca de uma questão que eles mesmos levam como norteadora: Mas para que serve estudar isso?

Pensar o Currículo com esta motivação poderá ser instigante, pois os envolvidos construiriam desde as séries iniciais um interesse de contrastar sua cultura com outras de regiões e países diversos, mensurando suas potencialidades e aprendendo a observar outras formas de minimizar seus reveses, criando identidade e vínculos sólidos.

E nós, preocupados e imbuídos desta fonte interdisciplinar precisamos nos tornar mediadores de nosso discurso, de nossas propostas, de nosso modo de ver e observar o mundo buscando e defendendo, parafraseando Fazenda, “O Direito Humano de Criar”, a possibilidade de todos a “Vir a Ser Interdisciplinar” e defendermos a crença de que estamos a serviço da “Essência Humana”, que indubitavelmente é Interdisciplinar.

REFERENCIAS.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é e o que não é?** Petrópolis: Vozes, 2012.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: Didática, Prática de Ensino e Direitos Humanos?** Texto apresentado ao XVII ENDIPE – Encontro Nacional de Prática de Ensino – Setembro de 2014.

_____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papirus, 2012.

_____. **Metodologia da Pesquisa Educacional.** Ivani Fazenda (org.). São Paulo, Cortez, 2010.

LEVI-STRAUSS, Claude. **A Antropologia Diante dos Problemas do Mundo Moderno;** tradução Rosa Freire Daguier. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARIOTTI, Humberto. **Autopoiese, Cultura e Sociedade.** São Paulo: Palas Athena, 1999.

MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** Tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORIN, Edgar. **O Método III – o conhecimento do conhecimento.** Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SCHARMER, Otto Claus. **Teoria U: como liderar pela percepção e realização do futuro emergente.** Tradução de Edson Furmankiewicz. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

5 DESAFIOS PARA A EFETIVAÇÃO DE UM PROJETO INTERDISCIPLINAR NA CONTEMPORANEIDADE: Um diálogo com Jürgen Habermas e Ivani Fazenda.

Peterson José Cruz Fernandes¹⁶

Resumo: O presente artigo reflete sobre os desafios para a efetivação de um projeto interdisciplinar na contemporaneidade a partir da interlocução entre dois pensadores: Jürgen Habermas e Ivani Fazenda. Com esse diálogo, pretende-se apresentar alguns elementos do momento atual que nos desafia sobremaneira, e a possibilidade de um aporte que contribua para uma ação mais humana e humanizadora em prol de um projeto urgente que aloque o ser humano no seu devido lugar: o de protagonista da história, do mundo e dele próprio.

PALAVRAS-CHAVE: Contemporaneidade; Interdisciplinaridade; Intersubjetividade.

ABSTRACT: This article reflects on the challenges for ensuring an interdisciplinary project in the contemporary from the dialogue between two thinkers: Jürgen Habermas and Ivani Fazenda. With this dialog, we intend to present some elements of the present moment that challenges, and the possibility of an investment that contributes to a more humane and humanizing action for an urgent project that allocate the human being in its place: the protagonist of the history of the world and himself.

KEYWORDS: Contemporaneity; Interdisciplinarity and Intersubjectivity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.

Uma reflexão acerca da contemporaneidade tem se apresentado desafiadora. O mesmo ocorre com a Interdisciplinaridade. Não poderia ser diferente, pois estamos tratando conceitos complexos, polissêmicos. Parece-me que se faz necessário assumir posições claras, o que não significa definir esses conceitos de maneira unilateral, encerrando a reflexão em si mesma, sem considerar outras possibilidades. O presente artigo delimita o olhar: reflete sobre a contemporaneidade a partir da Teoria do Agir Comunicativo de Jürgen

¹⁶ Peterson José Cruz Fernandes: formado em Filosofia (UNISAL), mestre e doutorando em Educação: Currículo (PUC-SP). É docente e gestor educacional. CV: <http://lattes.cnpq.br/1597142111140706> Contato: peterson.jose@uol.com.br

Habermas¹⁷, e sobre a Interdisciplinaridade com Ivani Fazenda¹⁸. Explico minhas opções:

O pensamento habermasiano está pautado na questão do ser humano e suas relações, fundamentando-se na ideia de que “[...] o espírito subjetivo obtém sua estrutura e seu conteúdo a partir de um engate no espírito objetivo das relações intersubjetivas entre sujeitos que por natureza são socializados” (HABERMAS, 2005, p.20). Para Fazenda (2011a), a Interdisciplinaridade está fundamentada nesta intersubjetividade, ou seja, na premissa de que, mais do que a capacidade de relacionar-se, o ser humano se constitui efetivamente na relação com o outro.

Outra razão levou-me a Jürgen Habermas e Ivani Fazenda: observo cada vez mais, uma multidão de pessoas pessimistas diante da contemporaneidade. Essa postura torna a peregrinação pesada, exaustiva e, em muitos casos, inviável. A decepção com as pretensões do projeto da modernidade fez com que diversos pensadores criticassem a razão, instituída como único meio seguro para o real desenvolvimento do ser humano, que precisava, primeiramente, emancipar-se de uma série de mecanismos de dominação.

¹⁷ Jürgen Habermas, “[...] um dos mais importantes intelectuais da segunda metade do século XX. Sua importância, riqueza e originalidade de ideias lhe outorgaram um reconhecimento internacional, seja pela densidade e abrangência de suas análises ou ainda pela capacidade de dialogar com as correntes filosóficas clássicas e contemporâneas, extraindo destas os elementos constitutivos de sua teoria. Trata-se do pensamento de um autor contemporâneo, [...], com uma vasta produção teórica no campo da filosofia e da sociologia, que suscita quase que inevitavelmente sua participação nos debates dos grandes temas sociológicos, epistemológicos, políticos, econômicos, éticos e culturais de sua época. As considerações de Habermas ocupam um lugar de destaque não só na Alemanha e na Europa, que é o seu principal contexto de interlocução, mas no mundo inteiro” (GOMES, 2005, pp.1-2).

¹⁸ Ivani Fazenda é pedagoga, graduada pela Universidade de São Paulo em 1963. Em 1978 concluiu seu mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do professor Antônio Joaquim Severino, com o título: Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro. Em meados da década de 80, Ivani Fazenda retornou para a Universidade de São Paulo para defender sua tese de doutoramento, Educação no Brasil nos anos 60, sob a orientação do professor Teófilo de Queiroz Júnior. Na década seguinte, tornou-se livre-docente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, com a pesquisa Interdisciplinaridade – um projeto em parceria.

Desde 1979 é docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo fundado em 1981 o GEPI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade, reconhecido pela CAPES em 1986. O grupo é formado por pesquisadores de diversas áreas, que têm na Interdisciplinaridade um objetivo comum. Configura-se como um dos principais grupos de pesquisa sobre o assunto no cenário internacional, colecionando dezenas de pesquisas e intervenções nacionais e internacionais.

Ivani Fazenda é professora associada do CRIE (Centre de Recherche et Intervention Educative) da Universidade de Sherbrooke - Canadá, membro fundador do Instituto Luso Brasileiro de Ciências da Educação - Universidade de Évora - Portugal. Desde 2007 compõe o CIRET/UNESCO (Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires). É membro da Academia Paulista de Educação (cadeira 37) e pesquisadora CNPQ nível 01 desde 1993.

Ivani Fazenda já publicou mais de 30 livros. Tem trabalhado com afinco, corroborando com a vida profissional e pessoal de diversos educadores que têm, na Interdisciplinaridade, um horizonte repleto de sentido frente ao contexto contemporâneo, demasiadamente cartesiano, tecnicista, cientificista, monológico e que apresenta-nos uma traiçoeira e perigosa dicotomia: a dicotomia entre ciência e existência.

Essa crítica conduziu, em muitos casos, a uma postura de desconfiança acerca de sua capacidade emancipatória, pois ela não teria cumprido a promessa do projeto em pauta, a ponto de “[...] converter-se ela mesma numa espécie de novo deus cujas divindades menores haveriam de conduzir os homens a uma nova forma de alienação” (GOERGEN, 2001, p.08).

Acredito que precisamos assumir uma visão mais positiva do mundo e do ser humano. O pensamento habermasiano auxilia-nos nessa nova compreensão, pois não despreza as conquistas do novo projeto, nem postula sua falência, ao contrário, aponta que ele está inacabado e carente de correções, pois embora tenha pretensões válidas e legítimas, fora reduzido, durante o percurso da história, aos aspectos sistêmico e técnico-científico, conduzindo a sociedade contemporânea pelo traiçoeiro caminho da razão instrumental. Neste contexto, Ivani Fazenda propõe uma Interdisciplinaridade que deseja ser um aporte para a superação deste cenário. Não se reduzindo a método e instrumento, essa Interdisciplinaridade está alocada nos campos Epistemológico e Ontológico, porque deseja resgatar o ser e promover uma nova visão sobre os conhecimentos sejam científicos ou não.

O PROJETO DA MODERNIDADE.

A contemporaneidade é fruto de um projeto que questionou a tradição e fundamentou-se numa nova época na qual o ser humano estivesse livre de todo vínculo com um passado despótico, o que exigiu o estabelecimento de suas próprias normas, critérios e padrões que viabilizassem e certificassem uma mudança de paradigma, livre de qualquer referência de outrora. Para Kant (1985), a modernidade caracteriza-se fundamentalmente pela justificação da estrutura e significação do mundo e da consciência pelo exercício da razão subjetiva. Trata-se de um processo que deseja conduzir o ser humano à sua maioria, fruto de uma consciência autônoma, livre de qualquer tutela, normas ou princípios heterônomos¹⁹. A razão autônoma torna-se, assim, o “[...] tribunal supremo ante o qual há que justificar-se tudo o que em geral se apresenta com a pretensão a ser válido” (HABERMAS, 1990, p. 29).

Para Jürgen Habermas (CAVALCANTE, 1999), a tentativa de emancipação do projeto da modernidade se deu a partir de três instâncias: **racionalização cultural, social e das estruturas da personalidade**. A instância da racionalização cultural promoveu o processo pelo qual ocorreu a autonomização da ciência, da técnica, da moral, do direito e da arte.

A ciência moderna deslocou a racionalidade para o plano lógico-matemático, submetendo toda pretensão de validade aos seus critérios e estabelecendo

¹⁹ Heterônomos: Princípios estabelecidos conforme os critérios e vontades do outro. Algo externo, sem a participação do sujeito, de cima para baixo, arbitrário. (Nota do pesquisador).

uma compreensão científica do mundo, no qual o conhecimento passou a determinar-se por um mecanismo empírico-causal. Nasce uma confiança ilimitada no conhecimento, no progresso e na razão compreendida como científica e repleta de possibilidades de domínio do homem sobre a natureza. A técnica, compreendida como meio para o alcance da eficácia, é dependente do desenvolvimento das ciências. No que diz respeito às doutrinas éticas e jurídicas, sua autonomização se expressa pelo surgimento de uma nova compreensão de direito e moral, desacoplada da visão religiosa metafísica de outrora, fundamentada na formulação de regras universais intencionalmente instituídas e positivadas, frutos de convenções suscetíveis de discussão racional. Esse processo permitiu o surgimento do cidadão que assumiu o lugar do súdito, obedecendo agora à lei e não mais aos seus representantes.

Com o objetivo de aumentar a eficácia produtiva, a racionalização social foi, segundo Habermas (1987a), o processo de transformação da economia e da política por meio de uma racionalidade instrumental e estratégica. Esse processo possibilitou o surgimento do Estado moderno e da empresa capitalista, “[...] responsável pela organização da economia, racionalizando a vida social através da utilização do saber científico, da organização da contabilidade e da gestão, dos investimentos e da eficiência [...]”. (CAVALCANTE, 1999, p. 59). O aparelho burocrático-institucional passou a responder pela organização do Estado moderno, racionalizando a vida social por meio da organização burocrática da administração com funcionários especializados, do sistema fiscal, da força militar e do poder judiciário.

Com a racionalização da esfera política, além da eficácia, objetivou-se também a autonomia e a liberdade em detrimento ao arbítrio e ao autoritarismo. A modernização da política propôs um Estado que assegurasse a liberdade, uma sociedade civil crítica, e a emancipação de todas as categorias sociais, de forma que estas pudessem participar da vida política sem restrições. (CAVALCANTE, 1999). Estabeleceu-se o direito formal positivado para servir como mediador das esferas econômica e política, bem como a legitimação das ações do governo e o emprego das forças.

A racionalização das estruturas da personalidade foi o processo que possibilitou a motivação para um modo metódico de vida, fundamentado no trabalho profissional disciplinado e constante (HABERMAS, 1987a). Nessa nova perspectiva, o homem situa-se no mundo como instrumento divino que, por meio do cumprimento de seus deveres profissionais, torna-se **eleito**, pois se conforma ao modo sistematizado e racionalmente organizado de vida e nele atinge o êxito objetivado. Esse processo de racionalização identifica-se, de maneira geral, pelo rigor metódico de um modo de vida regido por princípios, autocontrolado, centrado no eu, que se organiza em torno da ideia de que a necessidade de assegurar a própria salvação vai apossando-se ou estendendo-se sistematicamente em todos os âmbitos da existência cotidiana.

Essas três esferas de racionalização são fundamentais para compreender a pretensão emancipatória que o projeto moderno empreendeu nos aspectos da cultura, dos sistemas institucionalizados da sociedade e da própria personalidade. Essas instâncias de racionalização se configuram e se interpenetram, conduzindo ao desencantamento das antigas imagens de

mundo e à institucionalização das ações racionais nas estruturas sistêmicas (empresa capitalista e Estado moderno) e da consciência subjetiva (cultura e personalidade).

DA RAZÃO SUBJETIVA AUTÔNOMA À RAZÃO INSTRUMENTAL.

Jürgen Habermas define razão instrumental, aquela subjetiva, voltada apenas para o sujeito em relação ao conhecimento e à sua auto conservação. Ele apresenta assim tal temática:

En esta perspectiva los atributos del espíritu, conocimiento y actividad teleológica, se transforman en funciones de la autoconservación de sujetos que, como los cuerpos y los organismos, persiguen un único «fin» abstracto: asegurar su existencia contingente. De este modo y manera entienden Horkheimer y Adorno la razón subjetiva como razón instrumental (HABERMAS, 2001a, p.495).

O projeto da modernidade foi forjado sobre o conceito de uma razão subjetiva e autônoma capaz de conhecer e controlar a realidade por meio dos métodos da técnica e da racionalidade instrumental. Este projeto, construído em base diferente da Idade Média, pretendia guiar todos os aspectos da vida do homem por meio da razão subjetiva emancipada, que se tornava o único critério para fundamentar e organizar as instâncias da vida. Segundo Goergen (2001, p.88), nesta proposta,

O homem dispensa a ajuda dos deuses e assume, ele mesmo, a tarefa de sua salvação. O desvendamento das regularidades da natureza e o seu aproveitamento pela tecnologia haveriam de assegurar o progresso em direção a um futuro mais humano, mais feliz.

O que se esperava deste projeto acabou não se concretizando como fora desejado, embora não se possam negar os grandes progressos que ocorreram ao longo da história por meio do desenvolvimento de novas tecnologias e o avanço das ciências. Para Jürgen Habermas, o processo de racionalização do projeto da modernidade apresenta um duplo direcionamento: ao mesmo tempo em que possibilitou o caminho para a emancipação do sujeito e da sociedade, realizou um movimento inverso, no qual o processo de racionalização sistêmico-instrumental gerou um reducionismo do conceito de razão, tornando-se mais um projeto de dominação e reificação²⁰ das relações sociais.

²⁰ Reificação: no sentido marxológico de coisificação- o homem torna-se coisa, assim como suas relações. (Nota do pesquisador).

O potencial emancipatório do projeto da modernidade foi abafado pelas determinações do sistema capitalista e pelas exigências da burocratização do poder. A dimensão sistêmica dos processos de racionalização da economia capitalista e do poder do Estado, que tem a função exclusiva de gerir os meios do capital e do poder de maneira objetiva e racional, ampliou-se gradativamente, tornando-se cada vez mais preponderante, anexando segmentos inteiros do mundo vivido a seus imperativos.

[...] a medida que los componentes del modo de vida privado y de la forma de vida político-cultural quedan arrancados de su espacio vital y de su contexto histórico y biográfico mediante la redefinición monetária de metas, relaciones y servicios, y de las estructuras simbólicas del mundo de la vida mediante la burocratización de decisiones, de deberes y derechos, de responsabilidades y dependencias, empieza a hacerse sentir que los medios dinero y poder sólo se ajustan a determinadas funciones. [...] Parece que la monetarización y la burocratización sobrepasan los límites de la normalidad en cuanto empiezan a instrumentalizar las aportaciones del mundo de la vida injiriéndose en el sentido específico de éstas (HABERMAS, 1987b, p. 457).

Essa razão instrumental autodetermina-se no ciclo de dominação das coisas e dos sujeitos, manifestando-se como **o todo suficiente** no processo social. A técnica é o símbolo da modernização e o método para o conhecimento, dominação da natureza e controle dos mecanismos sociais. A natureza passa a ser mensurada para servir aos interesses e determinações de uma racionalidade guiada para fins; os processos produtivos são automatizados; os avanços da ciência são convertidos em instrumentos para corroborar na eficácia da economia e do capital; os Estados configuram-se altamente burocratizados por um aparato técnico-jurídico. Define-se, deste modo, um modelo de racionalização extremamente funcional, no qual os sistemas econômicos e de poder suplantam as outras instâncias da vida (HABERMAS, 1987a).

Desta forma, o conceito de racionalidade assume um aspecto técnico-instrumental, desprezando e considerando irracional todas aquelas outras formas de conhecimento ou ação que não se conformam ao modelo da ciência e da técnica e não se pautam pelos critérios da eficiência e eficácia. O saber lógico-científico proclama-se auto redentor, autorizado a perpassar todas as esferas da vida dos indivíduos, tornando-se um poder dominador.

Saber é poder e é por um paradoxo aparente que os cientistas e os tecnólogos, por meio do saber que têm sobre o que acontece nesse mundo sem vida das abstrações e interferências, chegaram a adquirir o imenso e crescente poder de dirigir e mudar o mundo em que os homens têm o privilégio e estão condenados a viver (HABERMAS, 1994, p. 94).

Nesta perspectiva, o processo de racionalização encontra-se marcadamente reduzido e exclusivo. Constitui-se um modelo de racionalidade monológica,

centrada no sujeito que se relaciona com os objetos para manipulá-los e dominá-los. Trata-se de uma razão atrofiada, que se limita ao aspecto cognitivo-instrumental. Para Habermas (1990, p. 44), o processo de racionalização instrumental reduziu o conceito de razão ao aspecto formal, validando apenas os procedimentos empiricamente estabelecidos.

A razão instrumental encolhe-se, reduzindo-se ao aspecto formal, fazendo a racionalidade dos conteúdos depender somente da racionalidade dos procedimentos, de acordo com os quais se tenta resolver os problemas [...] a validade dos conteúdos volatiliza-se na validade dos resultados.

Tal modelo de racionalidade expressa o paradigma da subjetividade sobre o qual se assenta o processo da modernização. A relação sujeito-objeto ganha matizes acentuados no que diz respeito à manipulação e utilização dos mecanismos racionais para a dominação dos fatos do mundo objetivo e das ações. Atribui-se à razão instrumental uma **onipotência**, pois, ela pretende ser capaz de englobar o todo da realidade sem, porém, situar-se dentro das estruturas que a compõem, o que a torna desvinculada do substrato histórico ao qual está inserida e da sua filiação à natureza constituinte.

A razão moderna torna-se totalizante, transformando-se aos poucos num poder que já não conhece barreiras nem limites, sendo capaz de subjugar a natureza e o próprio homem, por meio dos métodos cientificistas e pela ação instrumental da técnica. Este conceito reduzido de racionalidade não consegue dialogar ou relacionar-se comunicativamente com os múltiplos conhecimentos presentes nos discursos sociais. Tal processo, que chegou até mesmo a gerar a corrente positivista nas diversas formas do saber - científico, sociológico, linguístico, jurídico etc., (ROUANET, 1993) não reconhece conteúdo cognitivo e semântico a saberes ou expressões simbólicas que não estejam configuradas a partir de seus critérios.

Habermas (2000, p.158), ao criticar o conceito de razão centrada no sujeito absoluto e objetivado, que atrofia as relações de diálogo, aponta para uma preocupante situação consequente, na qual os sujeitos são colocados em um contexto de próspera dominação e acabam em relação de manipulação de uns para com os outros, tratando-os como objetos em função de interesses egoístas.

No processo histórico-universal do esclarecimento (iluminismo), a espécie humana distanciou-se cada vez mais das origens e, no entanto, não se livrou da compulsão mítica para a repetição. O mundo moderno, o mundo completamente racionalizado é desencantado apenas na aparência; sobre ele paira a maldição da coisificação demoníaca e do isolamento mortal.

O projeto da modernidade legitimou uma concepção de racionalidade que se tornou instrumental, na qual a ciência e a técnica são as grandes reguladoras. A vida e as relações sociais passaram a se guiar pelo critério da subordinação ao progresso técnico e econômico. A modernidade, que antevia a emancipação

de todos os cativeiros, chegou a um empecilho no momento em que o homem se tornou escravo das forças que ele mesmo imprimiu ao processo histórico; este perdeu o controle de sua razão e ela já não está mais a serviço da construção de sua felicidade. Para Bouffleuer (2001, p.12):

[...] o homem do nosso tempo perdeu a capacidade de objetivar criticamente o mundo em que vive; o poder econômico, impulsionado e legitimado pela ciência e pela técnica, domina o processo social; a reflexividade crítica foi cerceada pelo amplo processo de ideologização, o que transformou o homem contemporâneo num ser econômico, unidimensional.

A razão moderna instrumental, portanto, não deu conta de sua missão. O que fora imaginado um dia como um futuro glorioso não deixou o homem mais feliz e realizado. Libertado da submissão religiosa e guiado unicamente por sua razão, o homem seria o dono de seu destino, imaginava-se. Sobre este aspecto, Ghiraldelli (2006, p.103) reflete com Jürgen Habermas:

Nossa história teria caminhado por esse tipo de via para cair, de uma vez, sob o império da razão instrumental, o que nada seria senão o predomínio das atividades de cálculo sobre quaisquer outras. A tecnologia e a vida sob constante e crescente administração seriam o produto de tal tipo de concepção. Com isso, não foi difícil o homem tornar-se um objeto e uma coisa a mais no mundo, podendo, então, ser efetivamente tratado como coisa.

Para Jürgen Habermas, a modernidade não é um projeto falido, mas sim, incompleto, carregado de aporias. O autor não pretende negá-la, ao invés, completá-la, liberando, por meio de um novo paradigma, o da **racionalidade comunicativa**, os traços emancipatórios contidos no projeto moderno-iluminista. A partir da apresentação dos reducionismos e, especialmente, do caráter ideológico assumido pela técnica e pela ciência, quando estas se colocaram aos diversos setores da sociedade como a única forma de racionalidade possível, Jürgen Habermas se vê desafiado a contribuir na reconstrução teórica da razão a partir de outras bases, oportunamente refletidas num próximo trabalho. Para este artigo, basta-nos compreender sua análise e crítica.

A INTERDISCIPLINARIDADE NESTE CONTEXTO.

Reflexo do contexto tratado acima, a Interdisciplinaridade, compreendida como integração formal e burocrática das disciplinas em áreas do conhecimento, vem assumindo um caráter instrumental e metodológico nas diversas orientações curriculares existentes. Porém, segundo Ivani Fazenda, a Interdisciplinaridade é muito mais que junção de disciplinas, trata-se de uma nova visão sobre as

possibilidades de relação entre elas e entre as questões fundamentais da contemporaneidade, o que permitiria a substituição da verdade de cada disciplina pela verdade do homem enquanto ser no mundo (FAZENDA, 2011a, p. 89).

O que se pretende, portanto, não é propor a superação de um ensino organizado por disciplinas, mas a criação de condições de ensinar em função das relações dinâmicas entre as diferentes disciplinas, aliando-se aos problemas da sociedade. A Interdisciplinaridade torna-se possível, então, na medida em que se respeite a verdade e a relatividade de cada disciplina, tendo-se em vista um conhecer melhor.

Para Fazenda (2008) a Interdisciplinaridade encontra-se, fundamentalmente, nos âmbitos epistemológico, ontológico e praxiológico, traduzindo-os, simultaneamente, nos conceitos de saber-saber, saber-ser e saber-fazer.

Enquanto Epistemologia, a Interdisciplinaridade surge como nova organização das disciplinas científicas, agregando a elas, as diversas visões de mundo, conhecimentos não científicos e, principalmente, a pessoa. Trata-se de uma “[...] Epistemologia da alteridade, em que razão e sentimento se harmonizem, em que a objetividade e a subjetividade se complementem, [...] em que ser e estar coabitem em um tempo e espaço intersubjetivo” (FAZENDA, 2011b, p. 17). Esse movimento alicerça-se na intersubjetividade (FAZENDA, 2011a), na premissa de que, mais do que a capacidade de relacionar-se, o ser humano se constitui efetivamente na relação com o outro. Existência é, obrigatoriamente, coexistência.

Enquanto Ontologia, o ser humano e suas relações estão no centro da atividade interdisciplinar, que busca compreendê-los em sua totalidade e desenvolver concepções e ações que os promovam e os tornem cada vez mais humanizados, humanizadores e sustentáveis em prol da pessoa e do mundo. A disciplina aqui é deslocada para outra instância, cedendo lugar para a preocupação com a pessoa, sua existência, seu modo de ser e de relacionar-se. Nesse sentido, para Fazenda (2011a) a Interdisciplinaridade decorre mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas.

Já que a Interdisciplinaridade é uma forma de compreender e modificar o mundo, pelo fato de a realidade do mundo ser múltipla e não una, a possibilidade mais imediata que nos afigura para sua efetivação no ensino seria a eliminação das barreiras entre as disciplinas. Anterior a esta necessidade básica, é óbvia a necessidade da eliminação das barreiras entre as pessoas (FAZENDA, 2011a, p. 88).

Para Fazenda (2011a) a Interdisciplinaridade é algo que se vive, é atitude de espírito diante das diversas instâncias da vida, assim, é mais processo que produto, é algo que precisa ser construído cotidianamente, pois não está acabado. Nessa ótica, a Interdisciplinaridade não é encarada como a panaceia que resolverá todos os percalços do processo de ensino e aprendizagem, bem como aqueles relacionados à Epistemologia. Ela é compreendida como possibilidade de uma reflexão mais adequada sobre o homem e suas relações,

seja consigo, com o outro, com o conhecimento e com o mundo. “É condição de volta ao mundo vivido e recuperação da unidade pessoal [...]” (FAZENDA, 2011a, p.74).

Esse movimento interdisciplinar está alicerçado sobre cinco pilares fundamentalmente intersubjetivos, ameaçados pela contemporaneidade que, como vimos, pautou-se na razão instrumental: coerência, espera, desapego, humildade e respeito (FAZENDA, 2011a).

Quanta **incoerência** diante do mundo contemporâneo, carente de uma ética que sublima posições individualistas, competitivas e utilitaristas. A contemporaneidade está centrada no sujeito, ao invés de estar centrada nas próprias relações entre os sujeitos e o mundo.

Quanta **soberba**, resultado de uma autossuficiência que desconsidera o outro, ou que o percebe apenas como instrumento para o alcance de objetivos meramente pessoais e subjetivistas. A contemporaneidade fomenta o sujeito solitário, orientado conforme os ditames de uma razão voltada para o conhecimento e ação num mundo de objetos.

Quanto **apego** a ideias, conquistas, bens e títulos, fruto de um processo de reificação que os **animam** e nos tornam objetos diante deles. Esse apego pode nos conduzir ao fechamento que compromete as relações interpessoais, bem como, o desenvolvimento de cada ator, pois, como nos afirma Habermas (2005, p. 21), “nos olhares de um tu, de uma segunda pessoa que fala comigo como uma primeira pessoa, eu me torno consciente de mim mesmo [...]”.

Quanto **desrespeito** que nos conduz a um estado de cegueira diante do outro, resultado de apegos, soberbas e incoerências. A razão instrumental apresentou ao homem um caminho traiçoeiro, que pode conduzi-lo a uma relação de dominação e manipulação do outro, que passa a ser tratado como objeto em função de seus próprios interesses egoístas.

Quanta **pressa**. A contemporaneidade não lida bem com a questão do tempo, isso porque ela promoveu dois divórcios: um com o ontem, e outro com o amanhã. O contexto atual pode imprimir às relações humanas uma pressa para fugir do passado e chegar rápido ao futuro, o que desconsideraria o pretérito e o processo de maturação que cada pessoa e projeto necessitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Pensar a Interdisciplinaridade hodiernamente parece-me pertinente e urgente. Não se trata aqui de qualquer Interdisciplinaridade, porque não estamos nos referindo a qualquer contemporaneidade.

O mundo atual apresenta-nos desafios provenientes de sua complexidade. A ausência de ser humano na ciência moderna, principal motor deste mundo, trouxe consequências graves para todas as esferas da vida coletiva. Por outro lado, quanta riqueza e possibilidades de ação humanizadora.

Urge aprimorarmos o olhar para identificarmos as diversas facetas que compõem o tempo atual, nas suas precariedades e potencialidades. Jürgen Habermas nos auxilia nesta empreitada, apresentando-nos elementos que evidenciam os diversos mecanismos que movimentam as várias esferas da vida individual e coletiva.

Esse novo olhar, mais aprimorado, convoca-nos para a ação que objetiva atualizar as potencialidades, no sentido aristotélico da palavra, e superar as precariedades que tornam o ser humano menos humano. A Interdisciplinaridade proposta por Ivani Fazenda torna-se propícia na medida em que coloca o ser e suas relações no centro da ação humana. É para a vida que vivemos, e isso implica colocar-se no centro de suas ações e, ao mesmo tempo, o outro, pois como vimos, é a partir do outro e com o outro que nos tornamos seres humanos.

Duas certezas se cristalizam neste último parágrafo: os desafios são grandes para a efetivação de um projeto interdisciplinar hoje; o diálogo é o único caminho para a superação destes.

REFERÊNCIAS.

BOUFLEUR, José Pedro. **Pedagogia da Ação Comunicativa: Uma leitura de Habermas**. Ijuí: Unijuí, 2001.

CAVALCANTE, Alberto Rocha. **Habermas e a dialética do processo de racionalização como reificação e emancipação na modernidade**. Caderno de filosofia e ciências humanas, Belo Horizonte, n. 13, pp. 57-63, out. 1999.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (Org.). **Dicionário em construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. (Org.). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro – efetividade ou ideologia**, 6ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2011a.

_____. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 18ª ed. Campinas: Papyrus, 2011b.

GHIRALDELLI, Paulo. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Ática, 2006.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, Ética e Educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

GOMES, Luiz Roberto. **O consenso na teoria do agir comunicativo de Habermas e suas implicações para a educação**. 2005. 149f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social**. Tradução Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1987a. Tomo I.

_____. **Teoria de la Acción Comunicativa: Crítica de la razón funcionalista**. Tradução Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1987b. Tomo II.

_____. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

_____. **Técnica e ciência como ideologia**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1994.

_____. **O Discurso Filosófico da Modernidade: Doze lições**. Tradução Luiz Sérgio Repa, Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Teoria de la acción comunicativa, I: Racionalidad de la acción y racionalización social**. Tradução Manuel Jiménez Redondo. 2ª ed. Madrid: Taurus Humanidades, 2001a.

_____. **Entre naturalismo e religião**. Estudos filosóficos. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Tradução Valério Rohden. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-estar na modernidade: Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

6 MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS INTERDISCIPLINARES: novos olhares para o equilíbrio da mente humana.

Ana Lúcia Gomes da Silva²¹
Gazy Andraus²²

Resumo: Este artigo busca refletir o diálogo de dois pesquisadores em diferentes espaços. As discussões são tecidas no GEPI - Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares da PUC/SP e no INTERESPE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação. Tais discussões tratam das experiências artísticas interdisciplinares e traduzem as vivências de ambos. Uma pesquisa centra-se no contexto da Arte Indígena dos Povos do Pantanal Sul-Mato-Grossense numa busca instigante pelo sentido da vida e da comunicação mediante o ensino da arte. A outra, analisa as expressões artísticas em quadrinhos como condição *sine qua non* para uma melhor performance da mente bi-hemisférica humana. Entre as vozes encontramos aporte teórico nos diálogos com Andraus (2006); Barbosa (2006); Gregori (1999); Fazenda (2007); Morin (2000, 2002); Silva (2005, 2013); Taylor (2008), entre outros. Dos pontos refletidos percebemos um ser humano atento e sensível às mudanças da sociedade com capacidade de constante aprimoramento e depuração das ideias e ações. Nesta direção nosso estudo sinalizou a cumplicidade interdisciplinar, considerada indispensável para um entendimento sobre as nossas próprias manifestações artísticas na permuta dos conhecimentos, que por ora ampliamos.

Palavras Chaves: Interdisciplinaridade, diálogo, equilíbrio mental, expressões artísticas.

Abstract: This article seeks to reflect two researchers dialogue in different spaces. The discussions are woven in Gepi - Group of Studies and Interdisciplinary Research of PUC / SP and INTERESPE - Group of Studies and Research Interdisciplinary and Spirituality in Education. Such discussions address the interdisciplinary artistic practices and reflect the experiences of both. One research focuses on the context of Indigenous People Art of Mato Grosso Pantanal, an exciting search for the meaning of life and communication through the teaching of art. The other study, analyzes artistic expressions in comics as *sine qua non* for a better performance of bi-hemispherical human mind. Among the voices we find

²¹ Ana Lúcia Gomes da Silva: Professora e Coordenadora de Gestão Acadêmica da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/ Campus de Aquidauana. Doutora em Educação: Currículo pela PUC/SP.. Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares – GEPI/PUC/SP. Grupo de Estudos e Pesquisa no Ensino das Artes Visuais/UFMS. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Interdisciplinar de Professores/UFMS/Campus de Aquidauana. Colaboradora no Programa de Formação de Professores da Organização Mundial para Educação Pré-Escolar/OMEP/BR/MS/Aquidauana. CV: <http://lattes.cnpq.br/3468543283151836> Contato: analucia.sc1@hotmail.com .

²² Gazy Andraus: Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Docência no Ensino Superior e professor de Licenciatura em Educação Artística na FIG-UNIMESP - Centro Universitário Metropolitano de São Paulo. CV: <http://lattes.cnpq.br/0256950026952623> Contato: gazyandraus@gmail.com

theoretical support in dialogues with Andraus (2006); Barbosa (2006); Gregori (1999); Fazenda (2007); Morin (2000, 2002); Silva (2005, 2013); Taylor (2008), among others. Among the reflected points, we perceived a human being attentive and sensitive to changes in society, capable of constant improvement and purifying ideas and actions. In this sense our study signaled an interdisciplinary complicity, considered essential for an understanding of our own artistic events in knowledge exchange, which, for the time being, were expanded.

Key Word: Interdisciplinary, dialogue, mental balance, artistic expressions.

INTRODUÇÃO.

Este artigo reflete o diálogo de dois pesquisadores em diferentes espaços que, convidados a fazer parte das discussões provocadas no GEPI - Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares da PUC/SP e no INTERESPE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação tratam das suas experiências artísticas interdisciplinares e a expressão de vivências de ambos.

A primeira pesquisadora é arte-educadora e tem focado seus estudos no contexto da Arte Indígena dos Povos do Pantanal Sul-Mato-Grossense. Neste espaço rico em fauna e flora, conversa sob o olhar do índio sobre a cura sensorial e sob seu próprio olhar sobre a instigante busca pelo sentido da vida e da comunicação pelo ensino da arte como um espaço vivo, produtor de um conhecimento novo, revelador, que aponta para a transformação. O segundo pesquisador analisa as expressões artísticas em quadrinhos como condição *sine qua non* para uma melhor performance da mente bi-hemisférica humana.

Tais elaborações e narrativas dos autores têm como objetivo fornecer combustível para a mobilização de pulsões reprimidas do poder criativo, facilitando assim manifestações mais livres quando tratamos do olhar para si e para o outro. Imagens de transformação e mudança, representadas nas criações artísticas que dão expressão no decurso do processo terapêutico²³ para as mazelas na educação. No trabalho, buscamos os recursos na imaginação, no simbolismo e nas metáforas para enriquecer os conceitos na transição da incerteza para a clareza de investigação em direção ao Eu verdadeiro.

²³ Processo de tratamento nas mudanças e renovação na educação.

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NA BUSCA DE EQUILÍBRIO DA MENTE HUMANA.

Como parceiros na interdisciplinaridade, aceitamos o convite ao desafio de dividir nossas experiências artísticas e compartilhar as idéias no conjunto das narrativas sobre a arte como expressão de comunicação na interação humana e o valor das histórias em quadrinhos.

Iniciamos nossa jornada pessoal, particular, mas com objetivos comuns na busca de compreensão espiritual e de como podemos contribuir para cuidar e melhorar a nossa vida em sociedade. Seguimos na investigação com o sentido da cura na mensagem extraída do CD Meditação – Corpo/Alma/Casa/Espírito:

O que é a Cura?

Cura, no sentido de compreender os nossos males de corpo, mente e espírito. A cura quem nos dá não é Deus, não é Buda, não é Alá, não é Jesus, não é o médico, o curandeiro, o vidente, o remédio, o passe.

Enfim, quem nos cura não está fora. Nós nos curamos quando compreendemos nossas mágoas, nossos medos, nossas culpas; quando conscientizamos nosso interior, quando integramos nosso corpo com nossa essência, quando assumimos nossa responsabilidade por nós mesmos e com um intento forte nos comprometemos, nos ocupamos, com disciplina, de cuidar de nós mesmos. O corpo é a sua casa, você é o dono e há muito tempo você perdeu as chaves. Se seu corpo está centrado, todas as forças se movem a partir do centro. Você respira pelo abdômen e se movimenta com facilidade. Se sua mente está centrada, você não é escravo dos seus pensamentos e sua mente é livre. Se seu espírito está centrado você está em conexão com o todo e tudo parece mágico, porque reina a alegria, a fé, a paz, a sincronicidade, e então toda a sua vida tem significado.

Considerando o ponto de vista, poucas são as pessoas que possivelmente possam se dizer sadias, devido às mazelas e questões que inundam o orbe terrestre e a mente humana. Não só de alimento, abrigo e materialidade o homem vive, mas também e principalmente de prazer na e da existência. E que prazer seria esse? Partindo de experiências pessoais como autores, mas também pesquisadores e educadores, temos como fator primordial o estatuto do processo criativo. E o que seria isso? A princípio, como partes da criação e do universo, tanto do viés acadêmico como religioso²⁴, temos potenciais de criatividade e também de auto-reflexão, como nenhum outro ser deste planeta possui. Ao mesmo tempo, conseguimos a façanha de nos “desconectarmos” da

²⁴ Pela ciência temos que somos pós-estelares, já que partes integrantes do universo desde sua criação pelo big-bang; e pela religião no sentido estrito de *religare*, como reconexão ao cosmo.

natura ao que concerne à maneira de existir e refletir, pois podemos optar por decisões baseadas em lógicas, mas também em emoções, e tanto podemos dar “nãos”, como “sins”, bem como “talvez”, independente de circunstâncias da natureza. Por exemplo: caso nos alimentemos satisfatoriamente, porém, podemos prosseguir deglutindo além do que necessitávamos, causando desequilíbrios externos e internos no compartilhamento dos alimentos ou no excesso ao organismo, o que pode ser prejudicial. E, também podemos optar por não nos alimentarmos suficientemente, com a objetividade de regimes e outras questões similares. Porém, tudo isso responde como processos que muitas vezes não são tão facilmente elegíveis, dependendo de como está estruturada nossa inteligência sistêmica.

Para se buscar esse equilíbrio salutar, há que se rever um ou outro apontamento concernente às atuais descobertas e desenvolvimentos da pesquisa cognitiva. Desde a década de 1990, quando se veio a nomear como a década do cérebro, pesquisas acirradas com tomografias apontando o funcionamento cerebral em diversas atividades vêm sendo monitoradas e extensivamente anotadas por pesquisadores, fornecendo dados novos e colocando mais claridades na perscruta e entendimento do cérebro neuroplástico. O sociólogo Waldemar de Gregori (1999) é um dos entusiastas brasileiros que defendem a manutenção de um equilíbrio mental no qual haja uma melhor inter-relação do uso cerebral, quer seja, científico (racional), artístico (intuitivo) e político (pragmático), suscitando a neuroplasticidade do cérebro bi-hemisferal desenvolvido por camadas

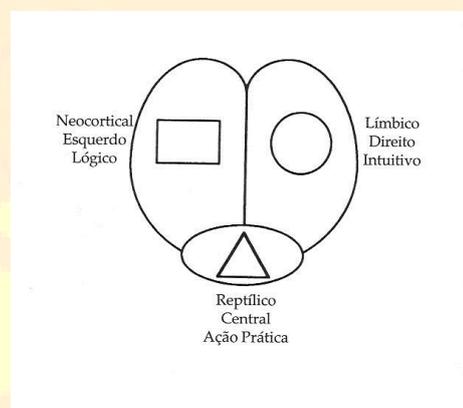


Fig. 1: De Gregori: 1999, p. 29.

durante as eras de evolução de vida na Terra até o homem atual, que também pode ser designado por *homo sapiens sapiens*, *homo demens* e *homo ludens* como lembra Edgar Morin (2000; 2002). Assim, para De Gregori (vide fig.1), o uso desproporcional, ora do hemisfério cerebral esquerdo, ora do direito e ora da porção central, tem gerido de forma desequilibrada a mente e a atividade de nós, homens e mulheres e, por conseguinte causado os distúrbios de variadas ordens em nossos sistemas de vida e ambiente.

Nessa esteira, tem-se percebido que no ensino, por exemplo, a ciência racional cartesiana, em seu viés reducionista (que amputou a visão da alma vislumbrada por Descartes), tem privilegiado mais as questões e estudos racionais, lineares (pois do hemisfério esquerdo), em detrimento do uso facultativo das artes, dos sentimentos fraternais, da intuição holo-abrangente do hemisfério cerebral direito, o que é parte desse desequilíbrio na saúde humana. Para essa premissa, bastar-se-ia que usássemos as faculdades artísticas em nosso desenvolvimento, tanto no ensino básico como nas universidades e muito desse desequilíbrio podia ser sanado. Durante a educação infantil e juvenil, a mente começa a se desenvolver e precisa de estímulos variados para que não haja atrofia em determinadas áreas cerebrais e hipertrofia em outras (ANDRAUS, 2006): o uso excessivo de racionalidade linear e textos fonéticos cartesianos mina nossa sensibilidade e, por

consequente, o desenvolvimento de áreas do hemisfério direito cerebral, atinentes à não-linearidade ao todo, conforme demonstrou a neuroanatomista Jill Bolte Taylor, de quando teve um AVC que prejudicou seu hemisfério cerebral esquerdo, mostrando a ela o potencial “oculto” mas latente do direito (quântico), que a irmanava e a coligava a tudo e a todos, como narra em suas palestra e livro (TAYLOR, 2008). Nas tomografias computadorizadas do cérebro, além de verificação de várias habilidades, percebeu-se que as imagens desenhadas são lidas por áreas distintas entre os hemisférios, dando-se mais pelo direito, do que pelo esquerdo, o qual reserva mais áreas para a escrita fonética e a linguagem da fala, por exemplo, lembrando que ambos os hemisférios cerebrais trabalham juntos,



Fig. 2: BAN, Toshio & Tezuka Productions: 2003, p. 2.

apesar desta aparente dicotomia, e em trocas constantes de informações. Os gogos não gaguejam quando cantam, pois o canto é arte (hemisfério direito), e a gagueira é um conflito que se dá nas tarefas dos dois hemisférios: o direito se sobrepõe ao esquerdo da fala, criando um conflito que gera a gagueira (Herculano-Houzel, 2002). Também se descobriu que os desenhos e ideogramas chineses são lidos pelo hemisfério direito mais que pelo esquerdo (SAENGER, 1995): não à toa os japoneses, que aprendem o idioma ideográfico e fonético desde a infância, quase não têm preconceito com desenhos e quadrinhos, como temos nós que nos desenvolvemos mais pelos fonemas (fig. 2). Além disso, cada página de uma HQ é lida quase que “holisticamente”, diferente de uma leitura exclusivamente linear: enquanto a visão central foca, por exemplo, um quadrinho no meio da página (como exemplo de novo a fig. 2), a visão periférica já passou e torna a passar) pelos quadros lidos (do passado), enquanto absorve um tanto dos quadrinhos à frente (do futuro), que seguem na estrutura da página, quase como uma leitura quântica, em que passado, presente e futuro se imiscuem. Nenhuma outra linguagem tem tal potencial imagético tão escancarado assim, o que pode indicar uma influência de desenvolvimento da inteligência que não é segregadora, pois une também o texto fonético contido nos quadrinhos aos próprios desenhos. Assim, um ensino em que as imagens e as artes entrem com mais constância, podem afinar e equilibrar a mente humana, não a deixando pender exageradamente à racionalidade fria e excludente. Taylor (2008) advertiu que durante seu AVC percebeu-se muito mais irmanada ao outros, já que seu hemisfério direito ficou mais ativo e com menos interferência do esquerdo, e tornando a vida humana mais complexamente sensível, integrada, criativa e racional/intuitiva, num equilíbrio melhor desejado.

É assim que as histórias em quadrinhos podem ajudar a suprir parte de tal equilíbrio, pois mesclam desenhos criativos aos textos fonéticos, e servem tanto às crianças, como aos jovens e adultos nas universidades e além, visto que o cérebro se estimulado, independente da idade, jamais cessa sua

neuroplasticidade da inteligência. Os próprios indígenas, tendo sua mente mais conectada à natureza²⁵, e provavelmente usando mais equilibradamente os hemisférios cerebrais, têm provavelmente uma intuição mais apurada, em que há um equilíbrio mais salutar na sua vida: para eles, a arte, a pintura, o trabalho etc. são uma coisa só! Não as distinguem como nós, que dividimos mais nossas mentes, aleijando certos desenvolvimentos em prol a outros, culminando em separarmos a vida cotidiana do lazer, do trabalho etc.

Em se tratando dos povos indígenas, somos sabedores que ao longo de sua história eles vêm elaborando complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo. O resultado são valores, concepções e conhecimentos científicos e filosóficos próprios, elaborados em condições únicas e formulados a partir de pesquisa e reflexões originais, como por exemplo, na imagem abaixo:



Imagem de mulheres indígenas da Aldeia Limão Verde no Município de Aquidauana-MS, expondo suas produções artísticas em materiais nativos como sementes, palhas, cascas e outros. Foto em 14/05/2009.
Acervo da pesquisadora.

Estas possibilidades no universo indígena mobilizam, dentre outros fatores, a atividade artística como forma de prover o sustento e como instrumento capaz de garantir competências e habilidades necessárias para a afirmação da identidade cultural (na ilustração da etnia Terena), necessárias à convivência com a sociedade abrangente. Observar, experimentar, estabelecer relações de causalidade, formular princípios, definir métodos adequados, são alguns dos mecanismos que possibilitaram a esses povos a produção de ricos acervos de informação e reflexões sobre a Natureza, sobre a vida social e sobre os mistérios da existência humana.

²⁵ Pois que imersos na natureza e menos desconectados que os não indígenas, ditos tecnológicos, mas afastados em sua conexão à natureza bruta.

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS INTERDISCIPLINARES NO RECONHECIMENTO DO “EU POSITIVO”.

Em meio aos mistérios da existência humana e suas principais dificuldades para se educar e educar o outro está principalmente a negação do próprio “Eu” como: “eu não consigo”, “eu não gosto”, “eu não devia”, “eu não podia”, “eu não sei” e por fim “eu não existo”. Segue negando que gosta, que deveria, que podia, que sabia e a maior das dádivas: que existe e faz parte de um mundo em que é essencial fazer a diferença se reconhecendo como alguém com atributos positivos. Valendo-se dos nossos escritos (SILVA, 2010), reafirmamos que “neste movimento como ser social, também reconhecemos as incertezas nas imagens da nossa história de vida e da nossa grande expectativa de se encontrar no encontro com o outro”.

Neste embate como aprendiz, encontramos orientação e ancoramos nossos anseios em Ivani Fazenda (2007), ser humano com uma espiritualidade especial que passamos a admirar ainda mais como pesquisadora na autoria, no respeito à plenitude ao ato de educar, pelas práticas realizadas num ambiente de luz e alegria a cada um e a todos, marcando nosso exercício no cotidiano da academia e fora dela, culminando numa visão menos estreita cartesiana e mais ampla interdisciplinarmente.

Daí as considerações tecidas, sobre a busca do equilíbrio sensível para os distúrbios de variadas ordens em seus sistemas de vida e ambiente e, sobre a experiência estética constituída, para os índios, como elemento fundamental na transmissão de conhecimentos e de valores sociais, por meio dos quais pode ser definida sua especificidade, ou seja, a natureza ou a essência de sua própria humanidade.

Buscando compreender tais concepções nas particularidades das diferentes expressões culturais dos povos indígenas e não índios, há que se reconhecer não só a necessidade da arte, mas a sua capacidade transformadora. Uma das funções sociais da arte é a de ser um instrumento da educação. Procura-se, por meio dela formar homens criativos, inventivos e descobridores de novas verdades. Aliás, não é somente através da arte que o potencial criativo do homem se desenvolve, em todo conhecimento há possibilidades de ocorrências criativas, mas, na arte, há a emoção e o prazer de se criar um produto que é o resultado da expressão subjetiva do seu criador, atendendo às suas próprias necessidades, anseios, percepções e motivações. “Cada qual externa algo de si mesmo ou de sua coletividade, criando, dessa maneira, um mundo à sua semelhança, com características inconfundíveis e dimensões imprevisíveis” (SILVA, 2005).

E, se como educadores valemo-nos deste fragmento, contribuímos para que o acesso à arte seja um direito do homem. Aceitar que o fazer artístico e a fruição estética trazem benefícios para a formação do ser humano é ter a certeza da capacidade que as crianças, jovens e adultos têm de ampliar o seu potencial cognitivo e assim conceber e olhar o mundo de um modo interdisciplinar. Segundo Barbosa (2006), essa investigação tem muitas

vantagens, por exemplo, o desenvolvimento profissional dos professores e a colocação positiva da arte na aprendizagem das crianças.

Pensar a arte é, então, pensar nossa relação sensível com o mundo e justificar a necessidade de valorizar o espaço da arte, como lugar de produções significativas, como homologação das nossas próprias manifestações criativas. Entretanto, a arte não se constitui em algo que não muda ou que se transmite através de gerações de modo inalterado. Ela é constantemente elaborada e reelaborada, ao longo do tempo, através do espaço e seu dinamismo acompanha a própria vida da sociedade produtora: inclusive importantíssima na nossa infância e como parte totalmente integrante da vida indígena. Além de outras funções, as produções artísticas dos diferentes grupos sociais são um meio de comunicação de aspectos da cultura e da visão do mundo.

CONSIDERAÇÕES.

A direção que procuramos manter durante o nosso estudo simboliza a cumplicidade interdisciplinar, considerada indispensável para um entendimento sobre as nossas próprias manifestações artísticas na permuta dos conhecimentos, que por ora ampliamos.

Buscamos que compreendessem como os desenhos nas histórias em quadrinhos podem ajudar a equilibrar a mente humana das crianças, dos jovens e adultos, visto que o cérebro se estimulado, independente da idade, jamais cessa sua neuroplasticidade da inteligência. Ainda, como vencer esta crise generalizada de auto-estima na educação, intensificando o trabalho com artes, no propósito de levá-los a olhar para si mesmos, para a sua história individual e coletiva.

Acreditamos na seriedade do nosso trabalho e na possibilidade de estarmos colaborando com alunos, profissionais da educação quando discutimos sobre a necessidade de se posicionar positivamente numa sociedade que exige um homem crítico, criativo com capacidade de pensar, de aprender a aprender, trabalhar em grupo e de conhecer o seu potencial intelectual. Ainda, quando tratamos de uma postura de mundo, onde esse homem deverá ter uma visão geral sobre os diferentes problemas que nos afligem como os distúrbios da humanidade nos aspectos afetivos, educacionais, sociais, os ecológicos entre outros, além de profundo conhecimento sobre domínios específicos. Dos pontos refletidos ampliamos esta abordagem ancorando em nossos escritos:

No estagio atual do ensino, o professor não é mais visto como aquele que detém todas as possibilidades do conhecimento e do saber, o aluno é considerado, também, como protagonista do processo de ensino e aprendizagem; é preciso enxergar o ensino sob outro prisma, pois as aulas, antes estáticas, agora acompanham as constantes transformações provocadas pelo

avanço das pesquisas e pelo fenômeno da globalização (SILVA, 2013, p. 53).

Em outras palavras, um homem atento e sensível às mudanças da sociedade, com atitudes interdisciplinares e com capacidade do constante aprimoramento e depuração de idéias e ações.

Isto é fácil? Não. Dá trabalho, exige uma revisão de conceitos e retomadas em questões que consideramos bem definidas e estáticas na nossa vida. Sobre isto, Fazenda (2007) nos revela que o movimento está em “rever o velho para torná-lo novo ou tornar novo o velho”. Vale também lembrarmos que a própria ciência se atualiza e altera paradigmas. O caso da física quântica é o mais emblemático, pois quando descobriram que as micropartículas atômicas podiam se apresentar como corpúsculos (matéria) e/ou ondas (de possibilidades) não conseguiam entender tal paradoxo: até que por fim viram que essa era uma constatação possível da natureza, descoberta afinal graças aos avanços tecnológicos que descortinaram esse novo viés, e quase que como se acostumaram a essa nova “lógica”. Ou seja, a mente do ser humano (no caso, o pesquisador) se “neuroplastificou”, ampliando-se a abarcar mais essa nova lógica, em que a intervenção do homem altera a realidade possível (quântica). Portanto há de buscarmos caminhos, sem apontar culpados, para que a máscara caia e possamos assumir nosso verdadeiro “EU” na busca do equilíbrio para as mazelas da educação e conflitos da mente humana, criando um renovado ser mais equilibrado e criativo, então saudável! Um pouco mais reconectados, como os indígenas em sua origem e essência, mas também paradoxal, mas salutarmente tecnológicos como na contemporaneidade inexorável.

REFERÊNCIAS.

ANDRAUS, Gazy. **As Histórias em Quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário**. Tese de doutorado. USP: São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/>

BAN, Toshio & Tezuka Productions. **Osamu Tezuka: uma biografia mangá**. São Paulo: Conrad, 2003.

BARBOSA, Ana Mãe (Org.) **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2006.

CASA EM REVISTA. **Interdisciplinaridade**. Ano 2. Ed. Especial. ISSN 2175 – 2907. São Paulo, novembro de 2010.

DE GREGORI, Waldemar. **Os poderes dos seus três cérebros**. São Paulo: Pancast.

FAZENDA, **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 6ª ed. 2007.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **O Cérebro Nosso de Cada Dia: descobertas da neurociência sobre a vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília/São Paulo: Unesco/Cortez editora, 2000.

SAENGER, PAUL. A separação entre palavras e a fisiologia da leitura . In David R. OLSON e Nancy TORRANCE. **Cultura Escrita e Oralidade**. São Paulo, Ática, 1995.

SILVA, Ana Lúcia Gomes. **Interdisciplinaridade na Temática Indígena: aspectos teóricos e práticos da educação arte e cultura**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC/SP, 2013.

_____. **O Ensino da Arte: Contribuições para o Processo Ensino-Aprendizagem no Município de Aquidauana**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco-MS, 2005.

TAYLOR, Jill Bolte. **A cientista que curou seu próprio cérebro**. São Paulo: Ediouro, 2008.



1 INTERDISCIPLINARIDADE: Didática, Prática de Ensino e Direitos Humanos?

Maria Sueli Periotto²⁶

No artigo ***INTERDISCIPLINARIDADE: Didática, Prática de Ensino e Direitos Humanos?***, escrito por Fazenda o leitor tem oportunidade de recapitular o sentido da Interdisciplinaridade, que a autora amplia ao reforçar a necessidade da expansão da formação inicial do docente, de modo a ser incorporada a ação disciplinar na prática no cotidiano escolar.

Fortalecendo sua bandeira de que ser interdisciplinar não é juntar as disciplinas da matriz curricular em projetos pontuais, pois estaríamos restringindo o currículo apenas na formatação de sua grade (Fazenda 2014), a autora evidencia que o professor que adquire postura interdisciplinar valoriza a subjetividade na articulação de experiências acadêmicas, decorridas do conhecimento que surja do ato criativo e que reflete na coletividade discente, fator que contribui na interação e na formação de cidadãos abertos para um mundo que precisa ser justo, uma vez que a educação interdisciplinar é uma forma de compreender e modificar o mundo (Fazenda, 1991).

A força das práticas interdisciplinares, a abertura pedagógica e de diálogos que possibilitem uma aprendizagem significativa numa educação socializadora do saber provocam-nos a repensar, enquanto pesquisadores, em práticas que contemplem o favorecimento da troca, a intersubjetividade e a reflexão sobre o mundo em constante transformação.

Fazenda (2011) ainda conceitua que viver a interdisciplinaridade é viver a própria aprendizagem, numa busca que, segundo Fazenda (2006), evidencia-se pela atitude do educador ou daquele que planeja ou coordena ações educativas.

Ao direcionar seu pensamento sobre a Interdisciplinaridade, vem com a autora alertas sobre a formação dos professores, que nos leva a analisar o preparo docente, carente ainda de direcionamento que conduza a uma educação que não seja reduzida a treino de habilidades ou à transferência de informações, mas que perceba a prática docente como facilitadora da voz e expressão dos alunos acerca de todas e quaisquer temáticas, envolvendo-os em processos pedagógicos que oportunizem um salutar e favorecedor ambiente de diálogo e de estímulo para a aprendizagem.

²⁶ Maria Sueli Periotto: Possui mestrado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2013). Doutoranda em Educação: Currículo (linha de pesquisa: Interdisciplinaridade). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, mobilização, metodologia, sustentabilidade, interdisciplinaridade e congresso de educação. CV: <http://lattes.cnpq.br/6484077882374833> Contato: sueli.periotto@gmail.com

Durante a formação do educador (e após), a Interdisciplinaridade precisa fazer parte das discussões dos que acreditam na busca sistematizada de estratégias facilitadoras e atrativas para uma ação docente voltada à sala de aula, com a identificação de elementos motivadores do processo pedagógico de aprendizagem. Cada professor precisa agir individual e coletivamente na atualização de sua formação, recorrendo a leituras, abastecendo-se de conceitos que reforcem sua prática pedagógica e que possibilitem a descoberta de caminhos a serem somados à sua disposição para a criatividade, na trajetória inclusiva de crianças e jovens no ambiente escolar, principalmente na Educação Básica.

Para preparar educadores que atinjam esse objetivo, Fazenda (2014) refere-se a 'duas culturas diferentes, duas formas diferenciadas de conceber conhecimento e organizar seus currículos de formação de professores', que vem sendo fortalecidas por uma terceira, fruto de seus encontros e discussões com Lenoir:

Porém Yves Lenoir aponta para o surgimento de uma terceira cultura legitimada como a do saber ser. Refere-se a uma forma brasileira de formar professores. Sua conclusão fundamenta-se na análise de estudos e pesquisas sobre Interdisciplinaridade na formação de professores produzidos no Brasil. Sem abdicar das duas anteriores, um denominador comum: a busca de um saber ser interdisciplinar. Essa busca explicita-se na inclusão da experiência docente em seu sentido, intencionalidade e funcionalidade diferenciando o contexto científico do profissional e do prático (LENOIR, REY, FAZENDA 2001).

Assim, Fazenda nos provoca à prática surgida da experiência da sala de aula, que pode acrescentar ao professor condições ampliadas à sua docência, ao *saber ser*, pela troca entre os pares, pela apropriação de um conhecimento que lhe permita reforçar o próprio saber pedagógico, contando com a ação e iniciativa na busca constante pela pesquisa:

O mínimo que se exige é que cada professor elabore com mão própria a matéria que ministra, tal elaboração propende a ser uma síntese que poderá ser barata, se for reprodutiva, mas poderá ser criativa, se acolher tonalidade própria reconstrutiva. (DEMO, 2004, p. 144)

Uma formação docente inicial, que percorra um caminho de formação contínua, pode respaldar o professor para a ação interdisciplinar à qual nos convida Fazenda, pelo contato, integração e os benefícios de uma troca compartilhada de maneira coletiva:

O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente. (NÓVOA, 1997, p. 23)

Uma vez que

A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando. (NÓVOA, 1997, p. 26)

Essa troca/partilha de conhecimentos, bem como o trabalho Interdisciplinar são intencionalmente levados ao ambiente escolar e cada professor pode adquirir o hábito de manter registros e vivências das experiências pessoais e pesquisas intelectuais agregadas durante seu tempo de docência, que leva - na definição de Fazenda (1995, p. 118) - a uma “metáfora interior”, estabelecida pelo exercício de apropriação, para o qual é necessário uma “descrição pormenorizada anterior da prática vivida”, pois

É a partir, muitas vezes, da repetição de pequenos detalhes que nos permitimos perceber o movimento ocorrido. De fora para dentro e de dentro para fora constituíram-se nos exercícios das ações pesquisadas a possibilidade de confronto entre a ação praticada e a ação vivida. (FAZENDA, 1995, p. 118)

Ou seja, a Interdisciplinaridade requer um professor reflexivo, que busque uma ação-reflexão-ação, mantenha uma visão humana do ensino e que utilize estratégias e ferramentas favorecedoras aos caminhos acadêmicos, com indicativo seguro de propostas de apreensão do conhecimento dos alunos nas disciplinas do currículo.

Na tentativa de viabilizar ações que alcancem esse intento, esforços fazem-se necessários nos passos de uma contínua caminhada. A participação de professores graduados em palestras, seminários e outros eventos educacionais, o incentivo à continuidade de seus estudos e pesquisas colaboram na compreensão do sentido de Interdisciplinaridade, tendo em vista a expectativa de uma ação transformadora que possa envolver os educandos, seus familiares e conseqüentemente a comunidade em que estejam inseridos.

REFERÊNCIAS.

DEMO, Pedro. **Futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: História, Teoria e Pesquisa. 2ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

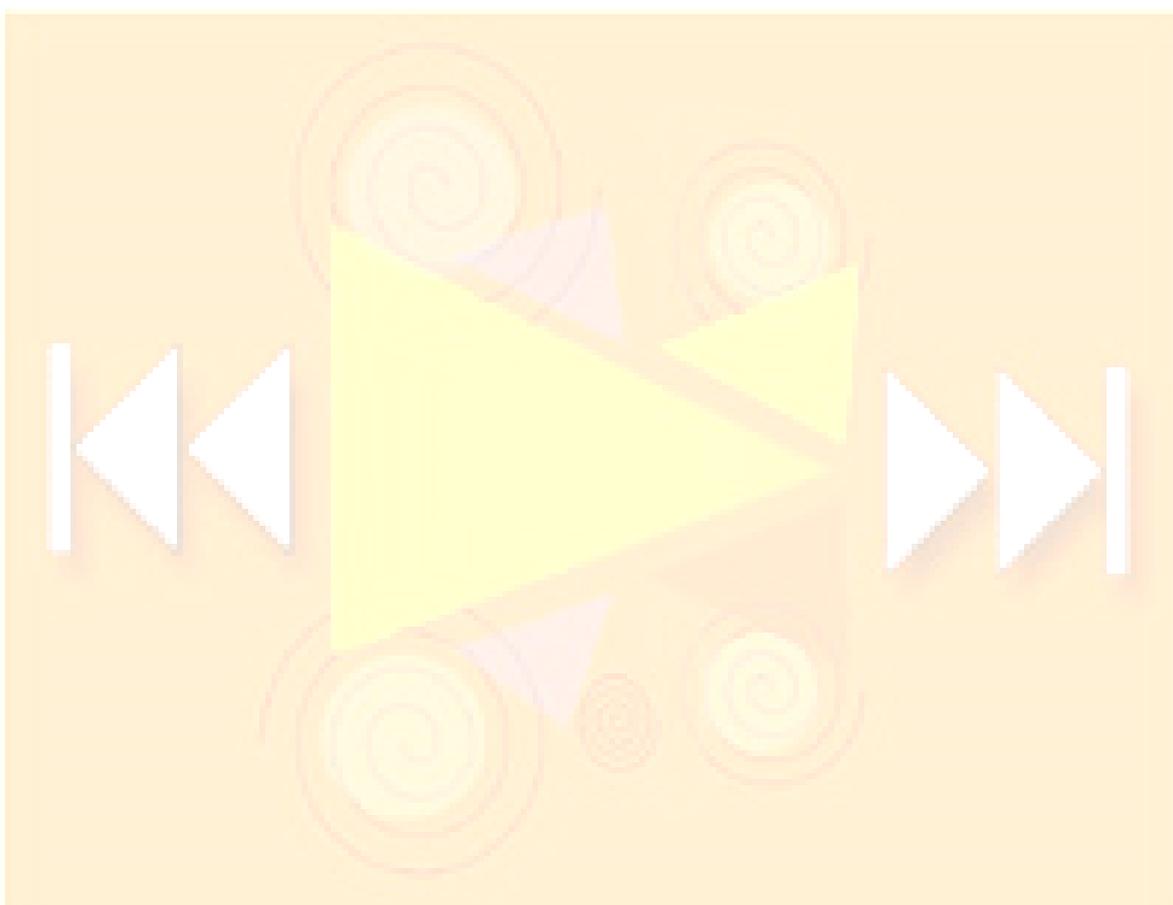
_____. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Editora Paulus, 2003.

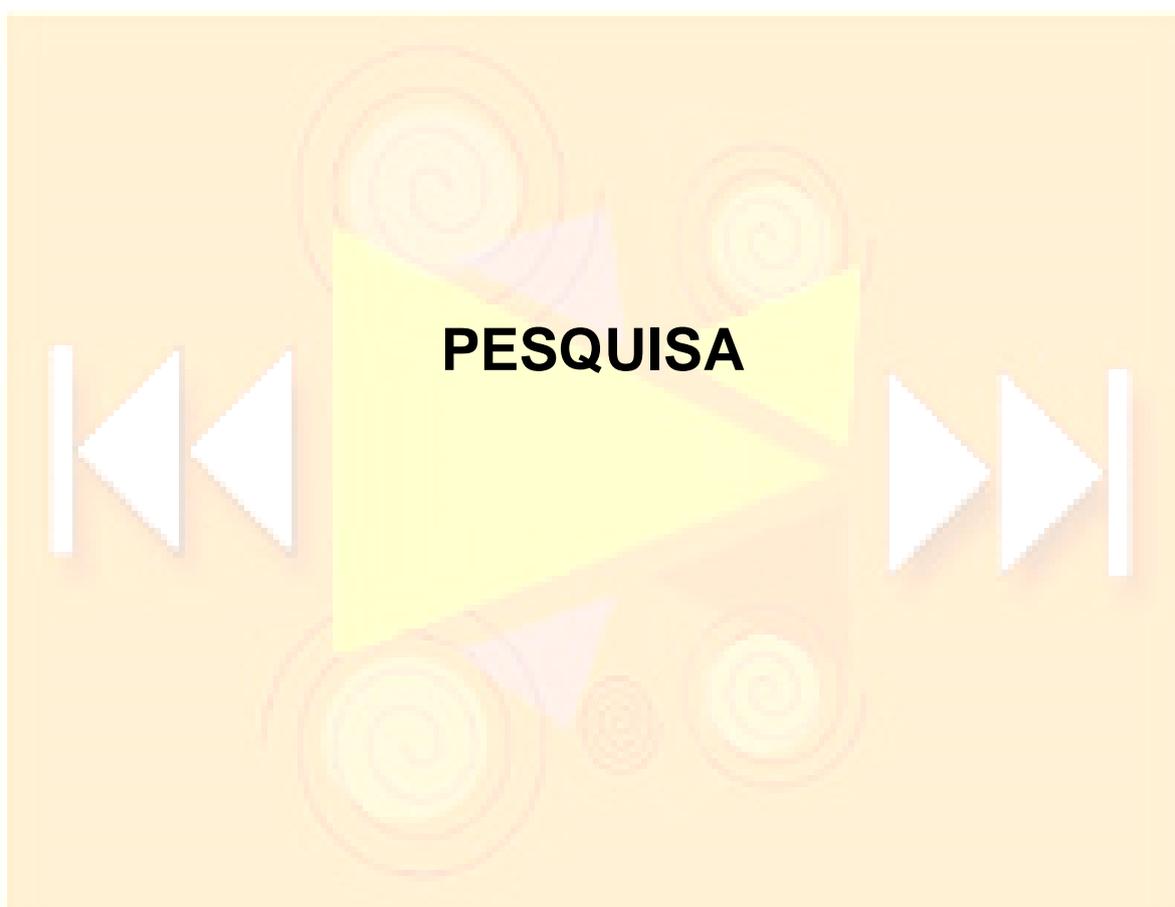
_____. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro:** efetividade ou ideologia. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **Interdisciplinaridade:** Didática, Prática de Ensino e Direitos Humanos? XVII ENDIPE/2014. São Paulo: 2014.

LENOIR, Y. REY, B. FAZENDA, I. **Les fondements de L'interdisciplinarité dans la formation à L'enseignement.** Canadá: Éditions du CRP/UNESCO, 2001.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente.** Os professores e sua formação. 3ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.





1 QUALIDADE DE VIDA E O TRABALHO INTERDISCIPLINAR COM PACIENTES CRÔNICOS.

Rosilaine Mesojedovas²⁷

Herminia Prado Godoy²⁸

.RESUMO: Trata-se de um artigo que extraí do meu trabalho de conclusão do curso de especialização em Gestão em Saúde: Administração Hospitalar e Saúde Pública com ênfase em Programa de Família, no Centro Universitário Brasileiro – UniItalo, no qual realizei uma pesquisa sobre planos de saúde e os doentes crônicos. Com esta pesquisa pude verificar que apesar de estarmos no século XXI, onde a informação e a comunicação são veículos ao alcance da grande maioria das populações, quer pelo rádio, TV, internet, informativos de saúde, etc, o processo educativo para os doentes crônicos continua sendo uma árdua tarefa. Temos a impressão que existe um bloqueio em nossas mentes para as questões que implicam “sacrifícios” em prol da melhoria do estado de saúde, tais como praticar exercícios físicos, deixar de ingerir alimentos e/ou bebidas causadores do agravamento da doença, entre outros, sendo este comportamento um fator dificultador para o trabalho da equipe interdisciplinar que acompanha essa população. Além disso, para as operadoras de saúde, o gerenciamento de crônicos produziu uma despesa tanto na implantação do programa como nos meses seguintes ao acompanhamento dos pacientes e uma expectativa na redução de custos no longo prazo. As particularidades de cada indivíduo comprometem o propósito do programa uma vez que cada um defende sua própria dificuldade e interesses.

Palavras-Chave: Pacientes crônicos, Custo assistencial e Sinistralidade.

ABSTRACT: This is an article which I extracted from the graduating paper of the course in Health Management: Public Health and Hospital Administration with an emphasis in Family Program, in Centro Universitário Brasileiro – UniItalo. In this paper, the research was about health plans and chronic patients. Throughout the text, it will be shown that, although it is the 21st century, where information and communication are vehicles accessible to most people, either by radio, television, Internet, health informative, etc., the educational process to chronic patients is a hard task. We have the impression that there is a blockade in our minds to the questions that imply

²⁷ Trabalho monográfico de conclusão do curso de especialização (*latu senso*) em: gestão em saúde: administração hospitalar e saúde pública com ênfase em programa de família. Sob a orientação da Profa. Dra. Herminia Prado Godoy. UNIITALO: São Paulo, 2014. Contato: rosimeso@gmail.com

²⁸ Herminia Prado Godoy. Orientadora: UNIITALO: São Paulo, 2014. CV: <http://lattes.cnpq.br/1130515834292714>; E-mail: herminia@osite.com.br

“sacrifices” in favor of the improvement of our health, as exercising, not eating certain food and/or drinks that may worsen the condition, etc. This behavior is a complicating factor to the working team that takes care of these patients. Moreover, when it comes to the health companies, the management of chronic patients produces certain expense in the implantation of the program and during the following months, and an expectation of the cost reduction in a longer term. Each individual's particularities compromise the objective of the program, once each one defends their own difficulties and interests.

Keys-Word: Chronic patients, Care costs, and Accident.

1 INTRODUÇÃO.

Sou enfermeira e durante a graduação de enfermagem estagiei em uma empresa de gestão da saúde na qual conheci e desenvolvi tarefas supervisionadas voltadas a pacientes portadores de doenças não transmissíveis tais como:

1. Levantamento de perfil epidemiológico de pacientes crônicos;
2. Participação na elaboração de manuais de orientação para pacientes crônicos;
3. Participação de pesquisa/elaboração de matéria para informativo mensal de orientação ao usuário;
4. Orientação telefônica a pacientes portadores de Hipertensão, Diabetes e Obesidade;
5. Mediação de conflitos relacionados a operadores de saúde, prestadores de serviços e beneficiários;
6. Colaboração e participação na elaboração de questionário de pesquisa de satisfação do cliente/paciente e tabulação dos resultados.

Esta vivência contribuiu para que eu optasse a não seguir a carreira de enfermeira assistencial. Existem várias áreas de atuação dentro da enfermagem:

1. Enfermeiro auditor (realiza o controle de custos, qualidade do atendimento ao cliente, pagamento justo da conta hospitalar, a transparência da negociação fundamentada na conduta ética);

2. Enfermeiro de centro cirúrgico (orienta e prepara carrinhos cirúrgicos, material para posicionamento, prepara salas operatórias, testa equipamentos, auxilia no procedimento anestésico e cirúrgico);
3. Enfermeiro de terapia intensiva (realiza cuidado assistencial, supervisiona a ação do grupo técnico de enfermagem, controla medicação e prescrição);
4. Enfermeiro do Trabalho (atua em empresas, estuda as condições de segurança e periculosidade, executa e avalia programas de prevenção de acidentes e doenças profissionais e não profissionais);
5. Enfermeiro nefrologista (atua na assistência ao paciente dentro de unidades de diálise/hemodiálise);
6. Enfermeiro neonatologista (atua com assistência a gestante, a parturiente, a puérpera ao recém-nascido logo após o nascimento até os 28 dias);
7. Enfermeiro obstétrico (assistência realizada a gestante durante todo o processo: pré-parto, parto e puerpério – pós-parto);
8. Enfermeiro psiquiátrico (cuidado assistencial a paciente com transtorno mental);
9. Enfermeiro puericultor e pediátrico (cuidado assistencial em saúde infantil e pediátrica);
10. Enfermeiro sanitarista (fiscalização de hospitais, medidas de controle de infecção, gerenciamento dos resíduos, utilização de produtos químicos e farmacêuticos como dosagem, administração e armazenamento);
11. Enfermeiro gestor (administrar a assistência em todas as áreas de prestação de serviços, planeja, organiza, direciona e cobra resultados nos processos de trabalho que envolve a assistência ao paciente/cliente e tomada de decisão).

Após minha formação acadêmica, permaneci na empresa e exerci as funções de enfermeira auditora e após um ano fui promovida a enfermeira coordenadora. Minha área era gerenciar programas de pacientes crônicos em empresas clientes da minha. Nessa tarefa observei que existem vários fatores que contribuem para que o paciente não mantenha o tratamento e condutas propostas pelo programa.

O envolvimento do paciente e familiar em todas as etapas do cuidado é adquirido com as estratégias de prevenção fundamentada e promovida com sustentação fornecida pela educação em saúde oferecida aos pacientes, pela utilização de protocolos assistenciais e pelo trabalho da equipe.

Japiassu (1976) destaca que:

[...] do ponto de vista integrador, a interdisciplinaridade requer equilíbrio entre a amplitude, profundidade e síntese. A amplitude assegura uma larga base de conhecimento e informação. A profundidade assegura o requisito disciplinar e/ou conhecimento e informação interdisciplinar para a tarefa ser executada. A síntese assegura o processo integrador.

O controle da saúde dos pacientes e dos seus hábitos de vida é realizado por meio das visitas periódicas da equipe, que efetuam verificações e monitoramentos determinados conforme os protocolos de patologias crônicas.

A interdisciplinaridade na área da saúde envolve a atuação de vários profissionais com um objetivo em comum que é a recuperação, manutenção e promoção da saúde, além da estabilização e compensação da doença em paciente crônico. Essa atuação permite disseminar e ampliar o conhecimento do paciente no que se refere ao seu entendimento sobre saúde, tecnologia, doença, tratamento e equilíbrio emocional, permitindo que o mesmo se sinta acolhido e amparado.

Para Freire (1987), a interdisciplinaridade é o processo metodológico baseado na construção do conhecimento fundamentado na realidade e cultura do indivíduo.

Por meio do tratamento medicamentoso rigoroso, dieta alimentar específica quanto à patologia, atividade física adequada e liberada pelo médico assistente, que o paciente tem maior condição de se manter estável o que permite um desempenho com autonomia em suas atividades de vida diária.

Alguns pacientes apresentam o desconforto do efeito colateral das medicações, o que contribui para a não adesão ao tratamento. Quando isto ocorre é necessária a ida do paciente ao pronto socorro e em casos mais graves é preciso internação para a estabilização do quadro, o que gera mais custos as operadoras de saúde e sequelas em muitos casos irreversíveis aos pacientes.

A equipe interdisciplinar deve procurar meios de amenizar as queixas do paciente e tratar o problema exposto. Após o relato o profissional necessita estabelecer novas condutas de modo que o paciente entenda, assimile e passe a por em prática todas as orientações sobre saúde e controle de sua patologia (AUN, 2012).

A proposta deste trabalho foi a identificação das causas da não adesão dos pacientes crônicos aos programas e possíveis ações para superá-las.

Com o apontamento das causas é possível a adoção de medidas no sentido de remover os obstáculos causadores da não adesão. Com isso, pessoas portadoras de doenças crônicas, antes resistentes aos programas, poderão estar mais pré-dispostas a realizar a sua adesão.

A elaboração desta pesquisa pode contribuir para uma nova metodologia a ser aplicada no gerenciamento dos pacientes portadores de doenças crônicas.

Grandes empresas, como as de São Paulo, passaram a levar em conta a necessidade da implementação de programas de pacientes crônicos e de qualidade de vida, em decorrência do alto custo gerado pelos usuários dos planos de saúde. Além disso, por parte das empresas houve um aumento na preocupação com seus funcionários e dependentes para mantê-los saudáveis e seguros (OGATA, 2009a).

Segundo Michaelis (2009), a multidisciplinaridade é a integração de várias áreas do conhecimento para a resolução de problemas ou estudo de fenômeno.

Antes de o paciente ser elencado para o programa, ele era tratado dentro de um conceito básico de acompanhamento, ou seja, por um processo multidisciplinar onde passava em consulta com o especialista específico de sua patologia e quando necessário era encaminhado para outra especialidade para complementar seu tratamento, mas, de uma forma isolada. O cuidado por meio do processo interdisciplinar propicia a intervenção de vários profissionais para atender ao paciente e suas necessidades de uma forma integrada; desta forma as empresas esperam que gastos assistenciais gerados por uma utilização inadequada no plano de saúde possam ser reduzidos.

A equipe interdisciplinar além de orientar e educar o paciente sobre todos os meios de manter o bem estar e segurança deve buscar sempre outros caminhos e recursos e transmiti-los ao paciente.

Conforme Marx (1998) a visão holística da enfermagem no cuidado ao paciente é fundamental para que o indivíduo seja tratado como um todo e não em fragmentos. A humanização no cuidado permite muito mais que tecnologias avançadas, permite tratar o paciente nas suas necessidades básicas e específicas respeitando sua dependência e fragilidade já que se encontra debilitado e necessitado de cuidados.

O estudo foi realizado a partir de registros de minhas memórias em minha atuação profissional, sobre o comportamento de pacientes com doenças de base como: Hipertensão Arterial sistêmica, Diabetes Mellitus e Obesidade, durante minha atuação profissional.

A análise descritiva foi realizada para descrever fatos, acontecimentos ou comportamentos por meio de fala ou escrita. A análise comparativa permitiu conhecer as semelhanças ou diferenças e pôr-se em confronto.

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram as consultas de: livros, artigos, banco de teses. Dissertações, trabalhos monográficos por meio direto a fonte ou por meio virtual.

Há um grande conflito entre a cultura e a incorporação de hábitos que beneficiem tanto o paciente portador de doença crônica como os indivíduos saudáveis.

2 QUALIDADE DE VIDA.

Muito tem se falado em qualidade de vida, principalmente para os pacientes crônicos. O Programa de Qualidade de Vida, tem como objetivo orientar e direcionar pacientes crônicos e saudáveis a adotar medidas em seu cotidiano tais como a prática de exercícios físicos, dieta alimentar balanceada, diminuir e/ou cessar o consumo de tabaco e bebida etílica. Para os já diagnosticados como doentes crônicos, recebem orientações a respeito da importância de seguir o tratamento medicamentoso conforme prescrito, visita periódica ao médico assistente, realização dos exames para controle da patologia e etc. O processo de mudança de estilo de vida requer a conscientização e o compromisso do paciente além do envolvimento da família.

A busca para um melhor controle de patologia crônica, aliado a hábitos de vida saudável somado aos altos custos gerados nas operadoras de saúde por esta população, fizeram com que cada vez mais os gestores do setor buscassem novas ferramentas capazes de propiciar um melhor controle e maior qualidade de vida para esses indivíduos e que também se traduzisse na queda das despesas assistências.

Uma das ferramentas desenvolvidas foi o Programa de Qualidade de Vida, que consiste na melhoria da produtividade através da redução do absenteísmo e do presenteísmo e retenção de talentos; promoção da saúde com foco na prevenção primária, secundária, terciária e quaternária e consequentemente com o controle de custos de assistência médica.

O programa de gerenciamento de pacientes crônicos oferecido pelas operadoras de saúde tem como objetivo conhecer e acompanhar cada beneficiário quanto ao uso do plano de saúde e determinar ações e prevenção que proporcione uma melhor qualidade de vida e saúde.

Durante minha atuação nesse segmento, pude observar diversas formas de atuação das empresas no gerenciamento dos programas de crônicos. Na empresa 1, foi realizado uma consultoria de nutrição por se ter constatado que a alimentação oferecida aos colaboradores favorecia ao desequilíbrio alimentar. Foram elaborados três tipos de cardápios de acordo com o perfil da população e estes por sua vez, apresentaram resistência na aceitação. A empresa 2, designou um espaço para que equipe multidisciplinar realizasse as consultas e facilitasse para o colaborador e o mesmo não comparecia com as mais diversas desculpas como, “é fechamento de mês”; cheguei atrasado e preciso adiantar o trabalho”; “não tem que me renda para eu sair do setor”. Na empresa 3, os temas das palestras eram escolhidos de acordo com os resultados do mapeamento populacional, realizadas nos mais diversos horários para atingir todo o público e a presença era sempre abaixo do esperado. Com a empresa 4, os assistidos eram de faixa etária mais elevada, tinham acesso aos hospitais de ponta o que favorecia que eles passassem no Pronto Socorro por qualquer motivo, contribuindo para a elevação dos custos e não aderência completa ao programa. Na empresa 5, os pacientes não aderiam ao programa porque não contemplava a aquisição de medicamentos. A empresa 6, observou-se que as diferenças socioculturais e econômicas faziam a diferença.

Indivíduos com alto salários e graduação foram os mais resistentes enquanto que os empregados operacionais e os aposentados de baixa renda são os que apresentam menos resistência ao programa.

A dificuldade socioeconômica é um fator predominante diante do novo perfil da população na medida em que boa parte das famílias brasileiras conta com o benefício de seus aposentados para o complemento da renda familiar, impactando na aquisição dos medicamentos, alimentos e complementos necessários ao controle da doença.

As particularidades de cada indivíduo comprometem o propósito do programa uma vez que cada um defende sua própria dificuldade e interesses.

Os obstáculos são muitos, mas, cabe a equipe multidisciplinar junto com as empresas buscarem novos mecanismos para superar as barreiras impostas pelas dificuldades observadas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Todo processo de mudança é lento, porque deve ser interiorizado, assimilado e posto em prática. Infelizmente vivemos em tempos que apesar de toda a tecnologia em máquinas e acessos aos mais diversos tipos de bens e serviços, as pessoas delegam exclusivamente para estes recursos toda e qualquer necessidade, entendendo que qualidade de vida se resume a isso.

Seligman (2004) pontua que ao invés de acreditar em convicções impostas em como conseguir a felicidade, alegria, entusiasmo, conforto, encantamento e bem estar, se deve atingir estes sentimentos por meio de forças e virtudes pessoais.

Incorporar novos hábitos que possam trazer benefícios é um dos maiores desafios em todos os setores da saúde pública e privada. Para um melhor entendimento do paciente é preciso em muitos casos que ele incorpore novos conceitos tanto na cultura quanto na educação, pois, são fatores que interferem diretamente no processo de mudança.

Faz-se necessária a intensificação das ações assistenciais contínuas que estimulem no portador de doença crônica a educação do autocuidado e o controle de sua patologia para obtenção de melhorias em sua qualidade de vida. Em uma das suas teorias, Orem (Teoria de Déficit do Autocuidado, 1971), define que o autocuidado é a prática de cuidados do próprio paciente para com ele, para manter-se com vida, saúde e bem estar. Além disso, Orem ressalta que a equipe de enfermagem só pode tomar para si o autocuidado no momento em que o paciente não for capaz.

Silva (1996) destaca que o cuidado da manutenção de um paciente, está associado ao seu modo ser, justamente porque o homem pensa, sente,

interage social e culturalmente, por isso, é fundamental que os profissionais da saúde preste o atendimento com foco não apenas no fisiológico, mas estimule novos hábitos e posturas, estabelecendo um vínculo de confiança com base no comportamento acolhedor além de palavras técnicas.

Como as visitas da equipe interdisciplinar ocorrem tanto no ambiente de trabalho como no domicílio, foi observado que se deve ter uma atenção especial no que diz respeito ao vínculo que se cria entre o paciente e o profissional da saúde e vice-versa, para que a visita assistencial não se torne uma visita social. Alguns pacientes se sentem tão à vontade que por vezes interfere em sua compreensão que “pensa” que o profissional irá ser mais maleável/tolerante em relação aos protocolos e condutas exigidos pela sistematização do programa. Por outro lado, a postura de alguns profissionais também fica comprometida em decorrência desse elo, o que resulta no comprometimento da qualidade dos cuidados e manutenção da saúde do indivíduo.

REFERÊNCIAS.

AUN, Michel A. **É o cliente que importa: 34 dicas para garantir a satisfação dos clientes e o sucesso dos negócios.** Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

OGATA, Alberto; SIMURRO, Sâmia. **Guia Prático de Qualidade de Vida: como planejar e gerenciar o melhor programa para a sua empresa.** Rio de Janeiro, Ed. Elsevier. 2009.

MARX, Lore Cecília; MORITA, Luiza Chitose. **Manual de Gerenciamento de Enfermagem.** São Paulo: Rufos, Editores & Associados, 1998.

MICHAELIS – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível no site www.michalis.uol.com.br/moderno/portugês. Extraído em 11 de abril de 2014.

OREM. D. E. **Enfermagem: conceitos da prática.** Michigan: *MacGraw-Hill*, 1971.

SELIGMAN, Martin E. P. **Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente.** Rio de Janeiro: Objetiva. 2004.

SILVA, Maria Júlia Paes da. **Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais de saúde.** São Paulo: Editora Gente, 1996.



1 MORRER.

“Morrer” é muito mais que findar... Acabar...
 “Morrer”, de verdade, é perceber a fragilidade da forma
 É saber da borboleta que vem
 Que voará independentemente do “corpo”...

Estar vivo, verdadeiramente, é já ter “morrido”...
 É sentir-se no “vô”, embora ainda que presente na forma...
 Estar vivo é também saber da identidade última da borboleta...
 Identidade que metaforicamente é o Amor...
 O “sofrimento” da lagarta faz parte do porvir da borboleta...

Saber dessa identidade é perceber o “sentido” da existência...
 Saber que o “existir” da “lagarta” é o “anúncio” da borboleta...
 Saber ainda que a beleza da borboleta e a alegria que ela traz
 Coincidem com a “profundidade” do “Amor” que “somos”...

Até Sempre!
 Ruy²⁹

²⁹ RUY CEZAR DO ESPÍRITO SANTO: Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/1998). Mestre em Educação/Currículo pela PUCSP (1991). Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo (USP/1957). Atualmente é professor titular da Fundação Armando Álvares Penteado (FAP), professor de graduação da PUCSP e professor na UNIMESP, no programa *latu-sensu* denominado "Docência do Ensino Superior". Integrante do grupo de pesquisa GEPI (PUCSP) e Líder do INTERESPE. CV: <http://lattes.cnpq.br/7857468452892458>; E-mail: ruycezar@terra.com.br



**DADOS BIOGRÁFICOS
DA
EQUIPE EDITORIAL**

EDITORA CIENTÍFICA.



IVANI CATARINA ARANTES FAZENDA: Livre docente em Didática pela Universidade do Estado de São Paulo (UNIVESP/1991). Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo (UNESP/1984). Mestra em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP/1978). Graduada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP/1963). Atualmente é professora titular da PUCSP, professora associada do CRIE (Centre de Recherche et intervention educative) da Universidade de Sherbrooke- Canadá, membro fundador do Instituto Luso Brasileiro de Ciências da Educação-Universidade de Evora - Portugal. Líder do GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade). Integrante do grupo de pesquisa INTERESPE.

CV: <http://lattes.cnpq.br/9538159500171350>; E-mail: jfazenda@uol.com.com

EDITORA EXECUTIVA.



HERMINIA PRADO GODOY: Pós-doutora em Interdisciplinaridade pelo GEPI/PUCSP (2011). Doutora em Educação/Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP/2011). Mestra em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie/1999). PhD em Regression Therapy em 2000 pela AAPLE (USA). Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP/1978). Especialista pelo CRP/06 em Psicologia Clínica e Forense. Integrante dos grupos de pesquisa pela PUCSP (GEPI, INTERESPE) e UNIFESP (GEH).

CV: <http://lattes.cnpq.br/1130515834292714>; E-mail: herminia@osite.com.br

CONSELHO EDITORIAL.



BEATRIZ MARCOS TELLES: Mestra em Administração (PUC SP/ 2011). Especializações em: *Design Instrucional para EAD Virtual: Tecnologias, Técnicas e Metodologias* (Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI/2008) e *Administração de*

Interdisciplinaridade, São Paulo, v.1, n.6, - abr. 2015.

Empresas (Fundação Armando Álvares Penteado-FAAP/1993). Graduação em: Tecnologia em Processamento de Dados (Universidade Federal de São Carlos-UFSCar/1983). Integrante dos grupos de pesquisa pela PUCSP: GEPI e NEF (Núcleo de Estudos do Futuro). Atua como consultora em: educação para sustentabilidade e *personal-professional coaching*.

CV: <http://lattes.cnpq.br/1035575993154977>; E-mail: biatelles@gmail.com



CLÁUDIO PICOLLO: Doutor em Educação /Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP/2005). Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP/1981). Graduações pela PUCSP (Licenciaturas/1971): Letras Germânicas e Letras: Português/Inglês/Latim. Atualmente é professor assistente-doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) no Departamento de Inglês da FAFICLA – Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e Arte. Integrante do grupo de pesquisa GEPI (PUCSP). Coord. do Projeto Pensar e Fazer Arte.

CV: <http://lattes.cnpq.br/9257798728608316>; E-mail: mentecultural@uol.com.br

DIRCE ENCARNACION TAVARES: Possui graduação em Pedagogia - Faculdades de Filosofia Ciências e Letras Tiberiçá (1985), mestrado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990), doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008), doutorado em Educação pela Universidade São Marcos (2004), pós doutorado - GEPI - Grupo de Pesquisas Interdisciplinares - PUC/SP. Atualmente é contratada - Cruz Vermelha de São Paulo - Direção CEFOR - Centro de Formação. Pesquisadora e professora da Pós-Graduação em Metodologia de Pesquisa e Didática do Ensino Superior, do Centro Universitário Uniãtalo. CV: <http://lattes.cnpq.br/4345506272562072> E-mail: dircetav@uol.com.br



RUY CEZAR DO ESPÍRITO SANTO: Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/1998). Mestre em Educação/Currículo pela PUCSP (1991). Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo (USP/1957). Atualmente é professor titular da Fundação Armando Álvares Penteado (FAP), professor de graduação da PUCSP e professor na UNIMESP, no programa *latu-sensu* denominado "Docência do Ensino Superior". Integrante do grupo de pesquisa GEPI (PUCSP) e Líder do INTERESPE.

CV: <http://lattes.cnpq.br/7857468452892458>; E-mail: ruycezar@terra.com.br

PARECERISTAS NACIONAIS



ANA LÚCIA GOMES DA SILVA: Doutora em Educação/Currículo pela PUCSP (2012). Mestra em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco-MS Graduada em Artes Plásticas. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/Campus de Aquidauana). Integrante do grupo de pesquisa GEPI (PUCSP) CV: <http://lattes.cnpq.br/3468543283151836>; E-mail: analucia.sc1@hotmail.com



ANA MARIA RAMOS SANCHEZ VARELLA: Pós-doutora em Interdisciplinaridade pelo GEPI/PUCSP. Doutora em Educação/Currículo pela PUCSP. Mestra em Gerontologia e Psicopedagoga pela PUC/SP. Graduada em Letras: Língua Portuguesa e Inglesa. Integrante dos grupos de pesquisa pela PUCSP: GEPI e INTERESPE. CV: <http://lattes.cnpq.br/9470675519276604>; Site Pessoal: www.anamariavarella.com.br; E-mail: anamariarsv@gmail.com



LEOCILÉA APARECIDA VIEIRA: Doutora em Educação/ Currículo pela PUCSP (2011). Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Graduações em: Biblioteconomia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Pedagogia pela Universidade Castelo Branco. Funcionária aposentada do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná. Professora de cursos de graduação e pós-graduação na modalidade presencial e a distância, em algumas instituições de ensino superior. Integrante do grupo de pesquisa GEPI (PUCSP). CV: <http://lattes.cnpq.br/0063909006157307>; E-mail: leocilea.vieira@uol.com.br



MARIANA ARANHA MOREIRA JOSÉ: Doutora e Mestra em Educação/Currículo pela PUCSP (2011-2006). Graduada em Pedagogia pela Faculdade Maria Augusta Ribeiro Daher (2001), Integrante do grupo de pesquisa GEPI (PUCSP). Professora visitante do Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté (UNITAU). Integrante do GEPI.

CV: <http://lattes.cnpq.br/1486008243996275>; E-mail: mariana-aranha@uol.com.br



MAURINA PASSOS GOULART OLIVEIRA DA SILVA: Doutora em Educação/ Currículo pela PUCSP (2008). Mestra em Educação pela PUCSP (1996). Especialista em Educação pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS /1991). Graduações pela (UNISANTOS) em: Letras (1978) e Pedagogia (1980). Atualmente é professora da Universidade de Ribeirão Preto (Campus Guarujá) e da rede municipal de ensino da cidade de Guarujá. Integrante do grupo de pesquisa GEPI (PUCSP).

CV: <http://lattes.cnpq.br/7928701726277924>; E-mail: mauripassos@uol.com.br



NALI ROSA SILVA FERREIRA: Doutora em Educação/ Currículo pela PUC/SP (2011). Mestra em Educação pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/2001). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/1974). Professora e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares de Formação Docente e Práticas em Educação (GEIFoPE) do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH). Integrante do grupo de pesquisa GEPI (PUCSP).

CV: <http://lattes.cnpq.br/7638799795276672>; E-mail: nali.rosafferreira@yahoo.com.br



RAQUEL GIANOLLA MIRANDA: Doutora em Educação (PUCSP). Mestra em Educação pela Universidade de Sorocaba (1999). Graduada em Análise de Sistemas Administrativos em Processamento de Dados pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1985). Professora universitária e pesquisadora da Fundação Herminio Ometto - Uniararas em tempo integral. Professora e orientadora de monografias de pós-graduação em Educação na área de Metodologia da Pesquisa Científica na UNISAL Campinas. Integrante do grupo de pesquisa GEPI (PUCSP)

CV: <http://lattes.cnpq.br/0478395549065939>; E-mail: rj.miranda@uol.com.br



ROSANGELA ALMEIDA VALÉRIO: Pós-doutora em Interdisciplinaridade pelo GEPI/PUCSP. Doutora em Linguística Aplicada. Mestrado em Educação. Graduações em: Letras e Pedagogia. Especialização em Psicopedagogia. Exerce o cargo de

Supervisora Ensino da Rede estadual da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Integrante do grupo de pesquisa DEPI (PUCSP).

CV: <http://lattes.cnpq.br/1974199908539170>; E-mail: rovaleryo@hotmail.com



SONIA ALBANO DE LIMA: Doutora em Comunicação e Semiótica- Artes (PUC-SP - 1999); pós-doutorado em Interdisciplinaridade e Educação pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade da PUC-SP (GEPI-PUC-SP) sob a orientação da Prof. Dr. Ivani C. A. Fazenda; pós-graduação *lato sensu* em práticas instrumentais e música de câmara (Faculdade de Música Carlos Gomes - FMCG); especialização em interpretação musical e música de câmara com o Prof. Walter Bianchi (FMCG); bacharelado em instrumento - piano (FMCG- 1982); bacharelado em direito (USP- 1973); licenciatura curta em educação musical e habilitação para o ensino de piano (Instituto Musical de São Paulo -1967). CV: <http://lattes.cnpq.br/16662710212070690>
E-mail: soniaalbano@uol.com.br



VALDA INÊS FONTENELE PESSOA: Doutora em Educação/Currículo pela PUC/SP (2012). Mestra em Educação pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre (1981). Integrante do grupo de pesquisa GEPI (PUCSP) e GEPE. Professora e pesquisadora do Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre. graduada em Pedagogia..
CV: <http://lattes.cnpq.br/3182016462906419> - E-mail: valdapessoa@yahoo.com.br

PARECERISTAS INTERNACIONAIS



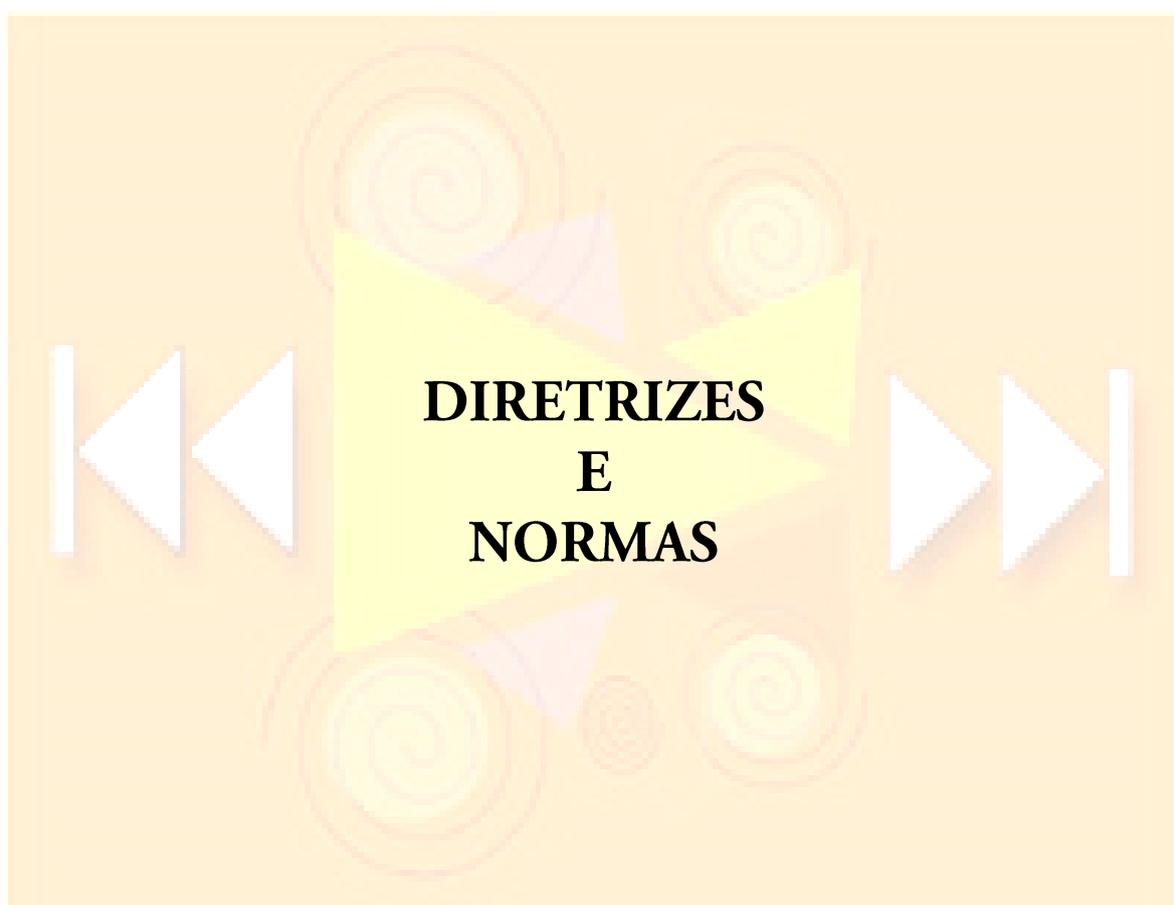
YVES COUTURIER: Master in Social Work, Doutor e Ciências Humanas Aplicadas. É afiliado ao Departamento de Serviço Social da Universidade de Sherbrooke e trabalha como investigador juntamente com o Instituto Universitário de Geriatria no Centro de Pesquisa em Envelhecimento Sherbrooke. Ele preside a pesquisa da prática profissional canadense ligada à serviços integrados de Gerontologia. Seus interesses de pesquisa incluem serviços integrados, trabalho interdisciplinar e práticas profissionais nos campos da saúde e serviço social. Colaborou com o Projeto Prisma e é um co-investigador no projeto de pesquisa Estudo sobre o Enfraquecimento intitulado Assegurar a Integração de serviços para Pessoas

Idosas Frágeis por Intermédio de Práticas Participativas de Gerenciamentos Superiores, Gerentes e Clínicos. Está também envolvido em projetos de pesquisa fora do Canadá, particularmente como um co-investigador no Projeto PRISMA- FRANCE.

Contatos: Yves.Couturier@USherbrooke.ca - Home: www.pum.umontreal.ca; <http://www.usherbrooke.ca/chaire-services-gerontologie/>



YVES LENOIR: comendador da Ordem da Coroa (Bélgica), é doutor em sociologia do conhecimento pela *Université de Paris 7* e professor da Faculdade de Educação da *Université de Sherbrooke* (Canadá). Titular da Cátedra de Pesquisa do Canadá sobre a intervenção educativa (*Chaire de recherche du Canada sur l'intervention éducative - CRCIE*) desde 2001, é recipiendário do *Kenneth Boulding Award*, concedido pela *Association for Interdisciplinary Studies* (AIS) dos Estados Unidos, por seus trabalhos sobre a interdisciplinaridade. Ex-presidente da *Association mondiale des sciences de l'éducation (AMSE)*-*Asociación Mundial de Ciencias de la Educación (AMCE)*-*World Association for Educational Research (WAER)*, ele é também membro do *Centre de recherche sur l'enseignement et l'apprentissage des sciences (CREAS)*. Seus trabalhos de pesquisa tratam das práticas de ensino, abordadas a partir da perspectiva de suas relações com o currículo, da tensão entre instrução e socialização e dos dispositivos empregados na relação ensino-aprendizagem. Suas obras mais recentes, publicadas em 2012 são os coletivos *Instruction, socialisation et approches interculturelles: des rapports complexes* e *Les pratiques enseignantes entre instruire et socialiser. Regards internationaux*, organizados com Frédéric Tupin e publicados respectivamente pelas editoras L'Harmattan e Presses universitaires de l'Université Laval. Além destes, também em 2012, publicou *Guide d'accompagnement de la formation à la recherche. Un outil de réflexion sur les termes et expressions liés à la recherche scientifique* em formato eletrônico pela editora Groupéditions; e *La profesionalización docente de Quebec para Latinoamérica*, impresso pela Universidad Fray Luca Paccioli Ediciones. Sherbrooke, Québec, Canada. Contatos: y.lenoir@videotron.ca - Home: <http://www.usherbrooke.ca/education/>



DIRETRIZES E NORMAS DE SUBMISSÃO E REVISÃO TÉCNICA PARA AUTORES E PARCERISTAS.

CATEGORIAS DE ARTIGOS.

Serão publicados: Artigos Originais, Revisões, Atualizações, Resultados de Pesquisas, Resumo e resenhas de livros, Filmes, Relatos e/ou Sugestões de Práticas Interdisciplinares, Comunicações Breves, Depoimentos, Entrevistas, Cartas ao Editor, Notícias, Agenda.

Artigos originais: são contribuições destinadas a divulgar resultados de pesquisa original inédita, que possam ser replicados e/ou generalizados. Devem ter a objetividade como princípio básico. O autor deve deixar claro quais as questões que pretende responder. O texto deve conter de 2.000 a 4.000 palavras, excluindo tabelas, figuras e referências.

A estrutura dos artigos é a convencional: introdução, métodos, resultados e discussão. A *introdução* deve ser curta, definindo o problema estudado, sintetizando sua importância e destacando as lacunas do conhecimento que serão abordados no artigo. Os *métodos* empregados, a população estudada, a fonte de dados e critérios de seleção, dentre outros, devem ser descritos de forma compreensiva e completa, mas sem prolixidade. A seção de resultados deve se limitar a descrever os resultados encontrados sem incluir interpretações/comparações. O texto deve ser complementar e não repetir o que está descrito em tabelas e figuras. Deve ser separado da discussão. A *discussão* deve começar apreciando as limitações do estudo, seguida da comparação com a literatura e da interpretação dos autores, extraíndo as conclusões e indicando os caminhos para novas pesquisas.

Revisões: Avaliação crítica sistematizada da literatura sobre determinado assunto devendo conter conclusões. Devem ser descritos os procedimentos adotados, esclarecendo a delimitação e limites do tema. Sua extensão é de no máximo 5.000 palavras.

Atualizações: São trabalhos descritivos e interpretativos baseados na literatura recente sobre a situação global em que se encontra determinado assunto investigativo. Sua extensão deve ser de no máximo 3.000 palavras.

Notas e informações: São relatos curtos decorrentes de estudos originais ou avaliativos. Podem incluir também notas preliminares de pesquisa. Sua extensão deve ser de 800 a 1.600 palavras.

Cartas ao editor: Inclui cartas que visam a discutir artigos recentes publicados na Revista ou a relatar pesquisas originais ou achados científicos significativos. Não devem exceder a 600 palavras.

Observação: *Trabalhos que ultrapassem as extensões acima estipuladas serão objeto de análise por parte do Conselho Editorial.*

AUTORIA.

O conceito de autoria está baseado na contribuição substancial de cada uma das pessoas listadas como autores, no que se refere sobretudo à concepção do projeto de pesquisa, análise e interpretação dos dados, redação e revisão crítica.

PREPARO DOS ARTIGOS.

Os artigos devem ser digitados em letra arial, corpo 12, no Word, plataforma PC, incluindo página de identificação, resumos, referências, tabelas e numeração das páginas. Sugerimos que sejam submetidos à revisão do Português por profissional competente antes de ser encaminhado à publicação.

Os artigos devem ser encaminhados ao Portal de Revistas Digitais da PUCSP: <http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

PROCESSO DE ESCOLHA DOS ARTIGOS.

Os editores encaminharão os artigos para os pareceristas que procederão a análise obedecendo as normas da ABNT para a avaliação do material recebido e responderão ao autor do artigo avaliado de forma clara e objetiva no prazo máximo de 30 dias pelo Portal de Revistas Digitais da PUCSP: <http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

Artigos recusados, mas com possibilidade de reformulação, poderão retornar como novo trabalho e devem ser reapresentados no site do portal.

Artigos aceitos sob condição serão retornados aos autores pelo site do portal para alterações necessárias e normatização solicitadas.

NORMAS DA ABNT UTILIZADAS NA ELABORAÇÃO DOS ARTIGOS:

NBR 14724:2001 - Informação e documentação - Trabalhos acadêmicos - Apresentação.

NBR 10520:2001 - Informação e documentação - Apresentação de citações em documentos.

NBR 6022:2003 - Informação e documentação - Artigo em documentação periódica e científica impressa – Apresentação.

NBR 6023:2002 - Informação e documentação- Referências- Elaboração.

NBR 6024:2003 - Informação e documentação- Numeração progressiva das seções de um documento.

NBR 6028:2002 - Informação e documentação- Resumos - Apresentação: noções básicas.

NBR 12256:1992 - Apresentação de originais.

OBSERVAÇÕES GERAIS:

1. As pesquisas que envolvam seres humanos devem mencionar a devida aprovação prévia pelo Comitê de ética da instituição de origem.
2. Caberá aos autores a total responsabilidade sobre o conteúdo dos artigos publicados.
3. Os artigos devem conter: nomes completos dos autores com suas titulações acadêmicas, instituição, departamento e disciplina a que pertencem, endereço para correspondência e, telefones, palavras-chaves em português e em inglês (NBR 12256 - 1992), resumo do artigo, (no máximo 250 palavras) em português e em inglês (NBR 6028 - 2002), e referências (NBR 6023-2002).
4. As tabelas, gráficos, figuras, desenhos feitos por profissionais e fotografias que permitam boa reprodução, devem ser citados no texto em ordem cronológica e, devem ser enviadas com título, legenda e, respectiva numeração. As ilustrações escanizadas deverão ser enviadas na forma original e no formato .tif ou .jpg e ter no mínimo 270 dpi. As fotografias não devem permitir a identificação dos sujeitos, preservando assim o anonimato. Caso seja impossível, deve-se incluir uma permissão do sujeito, por escrito, para a publicação de suas fotografias. Deve-se também incluir a permissão por escrito para reproduzir figuras já publicadas, constando um agradecimento para a fonte original (NBR 12256 - 1992).